



Tornando tudo mais fácil!

# Os Egípcios Antigos

PARA

# LEIGOS<sup>®</sup>

FOR  
DUMMIES

## Aprenda sobre:

- As figuras mais relevantes do Egito Antigo
- A educação e a arte dos antigos egípcios
- Os mistérios das pirâmides egípcias
- As crenças e os deuses egípcios
- A construção dos templos

**Charlotte Booth**

*Mestre em Egiptologia*



**Os Egípcios Antigos Para Leigos** Copyright © 2013 da Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.  
ISBN: 978-85-7608-731-1

*Translated from original The Ancient Egyptians For Dummies © 2007 by John Wiley & Sons, Inc. ISBN 978-0-470-06544-0. This translation is published and sold by permission John Wiley & Sons, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2013 by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.*

Todos os direitos reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

**Erratas:** No site da editora relatamos, com a devida correção, qualquer erro encontrado em nossos livros. Procure pelo título do livro.

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A Editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Impresso no Brasil

Vedada, nos termos da lei, a reprodução total ou parcial deste livro.

**Produção Editorial**  
Editora Alta Books

**Gerência Editorial**  
Anderson Vieira

**Supervisão Gráfica**  
Angel Cabeza

**Supervisão de  
Qualidade Editorial**  
Sergio Luiz de Souza

**Conselho de  
Qualidade Editorial**  
Anderson Vieira  
Angel Cabeza  
Marco Aurélio Silva  
Pedro Sá  
Sergio Luiz de Souza

**Editoria Para Leigos**  
Daniel Siqueira  
Evellyn Pacheco  
Paulo Camerino

**Equipe de Design**  
Bruna Serrano  
Iuri Santos

**Equipe Editorial**  
Adalberto Taconi  
Ana Lucia Silva  
Brenda Ramalho  
Camila Werhahn  
Claudia Braga  
Cristiane Santos  
Jaciera Lima  
Juliana de Paulo  
Licia Oliveira  
Marcelo Vieira  
Milena Souza  
Natália Gonçalves  
Rafael Surgek  
Thiê Alves  
Vanessa Gomes  
Vinicius Damasceno

**Tradução**  
Catarina Silva Ferreira  
Jóris Bianca

**Copidesque**  
Jóris Bianca

**Revisão Técnica**  
Francisco J. Pires Neves  
*Pesquisador de egiptologia*

**Revisão Gramatical**  
Paola Goussain

**Diagramação**  
Diego Oliveira

**Marketing e Promoção**  
Daniel Schilklafer  
marketing@altabooks.com.br

1ª Edição, 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B725e Booth, Charlotte.  
Os egípcios antigos para leigos / Charlotte Booth. – Rio de Janeiro, RJ : Alta Books, 2013.  
372 p. : il. ; 24 cm. – (Para leigos)

Inclui índice.  
Tradução de: The Ancient Egyptians for Dummies.  
ISBN 978-85-7608-731-1

1. Egito - Civilização. 2. Egito - História. 3. Egito - Usos e costumes. I. Título. II. Série.

CDU 932  
CDD 932

Índice para catálogo sistemático:

1. Egito : Civilização 932

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)

  
**ALTA BOOKS**  
EDITORA

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20970-031 – Rio de Janeiro – Tels.: 21 3278-8069/8419 Fax: 21 3277-1253  
www.altabooks.com.br – e-mail: altabooks@altabooks.com.br  
www.facebook.com/altabooks – www.twitter.com/alta\_books

# Sumário Resumido

.....

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Parte I: Introdução aos Antigos Egípcios</b> .....	<b>7</b>
Capítulo 1: Fundando as Bases: A Geografia e a História do Egito Antigo .....	9
Capítulo 2: Examinando o Cotidiano dos Egípcios.....	29
<b>Parte II: Voltando no Tempo</b> .....	<b>55</b>
Capítulo 3: A Construção de uma Civilização com Poderio Militar .....	57
Capítulo 4: A Construção do Império: As Glórias do Novo Reino .....	79
Capítulo 5: Um Olhar Sobre o Poder por Trás do Trono: Mulheres da Realeza .....	101
Capítulo 6: Seguindo o Declínio e a Queda da Civilização Egípcia.....	117
<b>Parte III: Vivendo a Vida ao Máximo: Cultura e Crenças</b> .....	<b>139</b>
Capítulo 7: Como se Alimentavam e se Divertiam.....	141
Capítulo 8: Manutenção da Saúde: Doenças e Remédios.....	157
Capítulo 9: Adore como um Egípcio: Religião .....	171
Capítulo 10: Explorando as Crenças Funerárias e a Mumificação .....	189
<b>Parte IV: Interpretação da Arte e da Arquitetura Egípcias ....</b>	<b>207</b>
Capítulo 11: Decifrando a Arte e os Hieróglifos Egípcios .....	209
Capítulo 12: Um Passeio pelos Templos .....	229
Capítulo 13: Escavação das Tumbas: Casas da Eternidade .....	253
Capítulo 14: Sondando as Pirâmides .....	271
<b>Parte V: A Parte dos Dez</b> .....	<b>285</b>
Capítulo 15: Os Dez Maiores Avanços da Egiptologia .....	287
Capítulo 16: Dez Egípcios que Vale a Pena Conhecer .....	297
Capítulo 17: Dez Feitos dos Antigos Egípcios .....	307
Capítulo 18: Os Dez Melhores Lugares para Visitar no Egito .....	317
Capítulo 19: Dez Egiptólogos Importantes .....	327
<b>Índice</b> .....	<b>335</b>



# Sumário

.....

<b><i>Introdução</i></b> .....	<b>1</b>
Sobre Este Livro.....	2
Convenções Usadas Neste Livro.....	2
Penso que... ..	3
Como Este Livro Está Organizado .....	3
Parte I: Introdução aos Antigos Egípcios.....	4
Parte II: Voltando no Tempo .....	4
Parte III: Vivendo a Vida ao Máximo: Cultura e Crenças .....	4
Parte IV: Interpretação da Arte e da Arquitetura Egípcias.....	5
Parte V: A Parte dos Dez.....	5
Ícones Usados Neste Livro.....	5
De Lá para Cá, Daqui para Lá .....	6
<b><i>Parte I: Introdução aos Antigos Egípcios</i></b> .....	<b>7</b>
<b>Capítulo 1: Fundando as Bases: A Geografia e a História do Egito Antigo</b> .....	<b>9</b>
Mergulhando na Fonte da Vida: O Nilo .....	9
No Nilo: Tamanho e abrangência .....	10
A inundação: sobrevivendo e prosperando .....	11
Conheça os Antigos Egípcios .....	12
Datando os antigos .....	13
Maneto ao resgate .....	14
Unificação das Duas Terras .....	14
Representação das Duas Terras .....	15
União do leste e do oeste .....	16
Subdivisão posterior.....	16
Seguindo a Capital Flutuante .....	17
Capitais pré-dinásticas .....	17
Mudança para Mênfis .....	18
Estabelecimento em Tebas .....	18
Chega de estabelecimentos de curta duração .....	18
O Povoamento do Vale do Nilo .....	19
A Escalada da Ladeira Social do Egito .....	20
Como ser o rei do acúmulo de bens .....	21
Servindo aos deuses .....	21
O poder dado à elite .....	22
A grande classe trabalhadora: A produção dos bens essenciais .....	26

**Capítulo 2: Examinando o Cotidiano dos Egípcios ..... 29**

Como se Aproveitava a Vida na Aldeia .....	29
O planejamento de uma aldeia.....	31
Construção de casas .....	31
A Criação dos Egípcios .....	33
A educação dos Jovens.....	33
Escolha da carreira .....	36
A Vida das Mulheres .....	44
Vamos apreciar os direitos femininos .....	44
Mulheres trabalhadoras .....	45
Conferindo o Orçamento: Salários e Pagamentos no Egito Antigo.....	49
Amarrando os Laços: Casamento.....	51
A verdade sobre relacionamentos incestuosos revelada.....	51
Pulando as formalidades .....	52
Divórcio .....	52
Sobre o adultério.....	52
Cuidado com os Idosos .....	54

**Parte II: Voltando no Tempo ..... 55****Capítulo 3: A Construção de uma Civilização com Poderio Militar ..... 57**

Traçando o Curso da Civilização Egípcia.....	58
Período pré-dinástico .....	58
Período dinástico inicial.....	60
Antigo Império.....	60
Primeiro período intermediário .....	61
Médio Império .....	63
Segundo período intermediário.....	64
Criação de um Exército: A Chave para o Novo Reino .....	67
Alistamento.....	67
Divisão do exército.....	68
Equipe de apoio .....	69
Tarefas extracombate .....	70
Em marcha.....	70
Como se alimentavam os soldados: Cardápio militar .....	71
À espera do dia do pagamento .....	72
Armados para a batalha.....	72
Registro das vitórias .....	76

**Capítulo 4: A Construção do Império: As Glórias do Novo Reino ..... 79**

Conheça o Napoleão Egípcio: Tutmés III.....	80
A batalha de Megido .....	81
Contabilidade dos lucros.....	83
A Mudança de Religião .....	83
Conheça sua família .....	84
Casado com o mistério .....	85

Adoração do deus sol .....	85
O fim infeliz .....	86
Como se Criava um Rei: Tutankamón .....	87
Só em família .....	87
Restauração da religião .....	88
Morte .....	89
Restabelecimento do Poder Imperial: Seti I .....	90
A batalha de Kadesh, Parte I .....	91
Um derrubado... quantos faltam? .....	92
Lutando a Boa Batalha: Ramsés II .....	92
Coroação .....	93
Casamento e família (e mais família) .....	93
Seguindo os passos do pai: Kadesh, Parte II .....	95
Trazendo a paz .....	98
Correria nas Fronteiras: Merenptah .....	98
Navegando para a Vitória: Ramsés III .....	99
Mais batalhas com os Povos do Mar.....	99
Aqueles Líbios chatos – de novo .....	100
<b>Capítulo 5: Um Olhar Sobre o Poder por Trás do Trono: Mulheres da Realeza.....</b>	<b>101</b>
Nada sem Ele: Uma Análise dos Papéis das Mulheres da Realeza.....	101
Casamentos reais: Irmãos e irmãs .....	102
A Grande Esposa Real e outras.....	102
Honre sua mãe: A Mãe do Rei .....	104
Menininha do papai: A Filha do Rei .....	104
A Política do Casamento .....	104
Casamento como política de relações exteriores .....	105
Esposas desaparecidas.....	106
Casamento com Amón .....	106
Assumindo a responsabilidade .....	106
O gozo dos privilégios .....	107
Vivendo com o Rei.....	108
Localização, localização, localização.....	108
Aproveitando ao máximo: O harém de Medinet Habu .....	109
Ganhando a vida: O harém de Faiyum .....	110
Sepultamento de rainhas .....	110
Lembremos as Primeiras Feministas .....	112
Ah-hotep: a rainha guerreira .....	112
Hatshepsut: o rei mulher .....	113
Tiy: uma dama assustadora .....	114
<b>Capítulo 6: Seguindo o Declínio e a Queda da Civilização Egípcia .....</b>	<b>117</b>
Divisão das Duas Terras: Ramsés XI e o que Veio Depois .....	118
O poder sobe à cabeça de Herihor .....	118
Governo do norte: os reis de Tanis .....	119

As duas terras brevemente unidas: Sheshonq I .....	120
O fim da paz de Sheshonq .....	120
Reis demais .....	120
O Sul Pressiona: Influências Núbias .....	122
Poder crescente .....	122
O Egito é o limite: Piankhy .....	122
A Conquista do Oriente Próximo: Os Assírios .....	123
O Período Saíta: Psamtik I e Outros .....	124
O retorno às tradições .....	124
Na marinha .....	124
Apaziguando as massas .....	125
Não está nem frio ainda .....	125
O Estabelecimento dos Persas .....	126
Governando o Egito à distância .....	126
Mais dinastias ainda .....	127
Mais uma rodada de governo persa .....	128
Invasores Macedônios: Alexandre, o Grande .....	128
Como se tornou divino .....	128
Tornando o Egito seu próprio lar .....	129
O Fim do Império: A Dinastia Ptolomaica .....	130
Dormindo com um olho aberto .....	130
A criação de uma história romântica: Cleópatra e Marco Antônio .....	132
Os romanos estão chegando .....	137

### ***Parte III: Vivendo a Vida ao Máximo:***

## ***Cultura e Crenças..... 139***

### **Capítulo 7: Como se Alimentavam e se Divertiam ..... 141**

Nutrindo a Massa Cinzenta .....	142
Contando Histórias Fantásticas .....	143
Jogos de Tabuleiro .....	144
Senet .....	145
Cães e chacais .....	146
Vivendo para o Esporte .....	147
Condução de carruagem .....	148
Prática de tiro ao alvo .....	148
Caça .....	149
Dando Festas de Arromba .....	150
Fazendo música .....	151
Dança .....	152
Dando uma olhada no menu da festa .....	152
Fazendo pão como a Hovis .....	153
Produção de cerveja .....	153
Como apreciavam o vinho .....	154

<b>Capítulo 8: Manutenção da Saúde: Doenças e Remédios.....</b>	<b>157</b>
Uma Análise Sobre a Saúde Geral dos Egípcios .....	157
Formação de um Médico Egípcio .....	158
A prática da medicina mágica .....	159
Treinamento médico .....	159
Como o consultório médico era equipado .....	160
Cobrar ou não cobrar? .....	162
Uma Visita ao Médico .....	162
Exame de pacientes .....	163
Tratamento de pacientes.....	163
Clientes satisfeitos?.....	167
Abrindo a Boca e Dizendo “Aaah”: Odontologia.....	168
Gastando muito .....	168
A busca por hálito fresco.....	169
Sobre a Saúde da Mulher .....	169
<b>Capítulo 9: Adore como um Egípcio: Religião .....</b>	<b>171</b>
Uma Olhada no Panteão de Deuses Egípcios .....	171
Explicação daquelas formas incomuns .....	172
Troca de papéis e formas.....	172
Abrindo espaço para mais deuses .....	173
Conheça os Deuses do Estado Egípcio .....	175
Identificação dos principais personagens .....	175
Manutenção da verdade e da justiça do jeito egípcio: Maat.....	176
Adoração em casa: Os deuses domésticos .....	178
Culto aos Deuses.....	180
Apreciando a geografia sagrada.....	180
Participando de festivais.....	181
Proteção dos vivos.....	182
O vodu que você faz .....	183
Consulta aos oráculos.....	183
Sonho com divindades .....	184
Adoração de Humanos.....	184
Ancestrais de bolso .....	185
Deificação de humanos.....	185
<b>Capítulo 10: Explorando as Crenças</b>	
<b>Funerárias e a Mumificação .....</b>	<b>189</b>
Entenda a Essência Egípcia de Humanidade .....	190
Maldição aos Egiptólogos.....	191
Todo Enrolado: Múmias para Leigos.....	192
Experiências com os mortos .....	192
Aprimoramento das práticas de mumificação .....	193
Observando o profissional de sepultamento: O embalsamador .....	193

Uma viagem ao processo de embalsamento .....	194
Enfaixamento do corpo .....	197
Sobre os enterros econômicos .....	198
Devolução ao remetente .....	199
Vestimentas: Roupas para exibir o corpo .....	199
Arrumando tudo .....	200
Orientação dos Mortos no Submundo .....	201
Os Textos das Pirâmides .....	201
Os Textos dos Sarcófagos .....	202
O Livro dos Mortos .....	203
Guias para o Além .....	204

## ***Parte IV: Interpretação da Arte e da Arquitetura Egípcias* .....** **207**

### **Capítulo 11: Decifrando a Arte e os Hieróglifos Egípcios** .....

**209**

Reconhecendo os Artistas .....	210
Trabalho em equipe .....	210
Seguindo o plano mestre .....	211
Equipando os Artistas .....	211
Entendendo a Arte Egípcia .....	212
Brincando com as perspectivas .....	213
Formando uma fila organizada .....	213
Representação da figura humana .....	214
Descrição da juventude eterna .....	216
Dando cores ao mundo .....	217
Sobre a moda .....	217
Tamanho é tudo .....	218
Esculpindo Obras-primas .....	218
Cinzelando os relevos .....	219
Entalhe em 3D .....	220
Leitura de Hieróglifos .....	221
A perda da língua .....	221
Quebrando o código .....	222
Identificação dos símbolos .....	223
Compreendendo a direção e o posicionamento honorífico .....	224
Aprenda o alfabeto .....	224
Leia os nomes das divindades .....	226
Lendo a arte egípcia .....	227

### **Capítulo 12: Um Passeio pelos Templos** .....

**229**

Construção de um Templo .....	229
De volta ao passado: Os primeiros templos .....	230
Evolução do design durante o Médio Império .....	231
Adesão às convenções arquitetônicas no Novo Império .....	231
Construção de anexos .....	239

Dando os Toques Finais: Obeliscos e Decoração .....	240
Apontando para o Sol: Obeliscos .....	241
Decoração dos templos .....	243
Adoração no Templo .....	246
Dando assistência à divindade.....	246
Desfrutando das festividades.....	246
Aprece os Papéis do Rei e dos Altos Sacerdotes.....	247
Construindo os fundamentos .....	247
Alimentação da população: Outras tarefas do templo .....	248
Conheça os sacerdotes – servos civis (não divinos).....	249
Atuando como uma agência de registros antiga .....	250
Registrando os dias .....	250
<b>Capítulo 13: Escavação das Tumbas: Casas da Eternidade .....</b>	<b>253</b>
Enterrando os Primeiros Egípcios .....	254
Encerramento dos mortos .....	254
Uma melhoria nas covas.....	255
Transformando Covas em Palácios: Mastabas .....	255
Acrescentando superestruturas.....	256
Mastabas maiores e melhores.....	256
Maior ainda: O rei Djoser .....	256
Talhando Rochas.....	258
Se não estiver bem fechado... ..	259
Seguindo a tendência .....	259
Entrando no buraco: Tumbas em fossos .....	259
Descendo ao nível deles: Tumbas do Novo Império .....	260
Enterro dos Divinos.....	261
Uma viagem ao Vale dos Reis .....	262
Sobre proprietários desconhecidos .....	265
Outras construções para o pós-vida real.....	266
Embelezamento das Tumbas: Decoração Linda de Morrer.....	267
Decoração para a plebe.....	268
Decoração para a realeza .....	270
<b>Capítulo 14: Sondando as Pirâmides .....</b>	<b>271</b>
Definição da Forma .....	271
Preenchendo as Lacunas: Chegando à Forma Verdadeira da Pirâmide .....	272
Indiana Jones e o templo de Meidum.....	273
Tem que ser Dahshur.....	273
Os Reis do Médio Império em Dahshur.....	275
A Grande Pirâmide: Finalização dos detalhes.....	276
Seguindo uma das grandes: A pirâmide de Quéfren.....	277
A construção da última: A pirâmide de Miquerinos .....	278
Acessórios das Pirâmides de Gizé .....	278
Navegando pela eternidade .....	279
Uau! Que esfinge! .....	281

Mais Evolução: As Pirâmides e Complexos Mais Recentes .....	282
Compensando o trabalho fajuto: Unas em Saqqara .....	282
Seguindo o bando: Mais pirâmides do Médio Reino .....	283
Popularidade crescente: Coisas pequenas .....	283
<b>Parte V: A Parte dos Dez.....</b>	<b>285</b>
<b>Capítulo 15: Os Dez Maiores Avanços da Egiptologia .....</b>	<b>287</b>
Decifrando Hieróglifos .....	287
O Sistema de Datação Sequencial de Petrie .....	288
Os Templos de Abu Simbel.....	289
O Esconderijo Real de 1881 .....	289
KV55: A Tumba Profanada .....	291
A Tumba de Tutankamón.....	292
KV5: A Tumba dos Filhos de Ramsés II .....	292
Os Blocos Talatat de Akhenaton.....	293
O Palácio de Cleópatra .....	294
KV63.....	295
<b>Capítulo 16: Dez Egípcios que Vale a Pena Conhecer.....</b>	<b>297</b>
Tutmés III: O Napoleão Egípcio.....	297
Horemheb: O Mantenedor da Ordem .....	298
Nefertiti: A Bela Chegou.....	299
Ramosis: O Escriba Honesto.....	300
Qenhikhopshef: Um Historiador Antigo.....	300
Naunakhte: A Proprietária .....	301
Paneb: O Amável Patife .....	302
Mereruka: O Marido da Princesa.....	303
Asru: A Cantora de Amón .....	304
Nesperennub: O Sacerdote de Khonsu .....	304
<b>Capítulo 17: Dez Feitos dos Antigos Egípcios .....</b>	<b>307</b>
Método Científico .....	307
Matemática .....	308
Astronomia .....	309
Entendimento do Corpo Humano .....	310
Irrigação .....	311
Construções em Alvenaria.....	312
Uma Maravilha que Sobrevive.....	312
Produção de Vidro .....	313
Liderança Feminina .....	314
Continuidade da Civilização .....	315

<b>Capítulo 18: Os Dez Melhores Lugares para Visitar no Egito .....</b>	<b>317</b>
Planalto de Gizé, Cairo.....	318
Saqqara, Cairo .....	318
Museu de Antiguidades Egípcias, Cairo.....	319
Tell El Amarna, Al Minya .....	320
Beni Hasan, Al Minya .....	321
Templo de Karnak, Luxor.....	322
Medinet Habu, Luxor .....	323
Deir El Medina, Luxor .....	324
Museu de Luxor .....	324
Abu Simbel, Assuã.....	325
<b>Capítulo 19: Dez Egíptólogos Importantes .....</b>	<b>327</b>
Giovanni Belzoni (1778-1823) .....	327
Jean-François Champollion (1790-1832) .....	328
Karl Lepsius (1819-84) .....	329
Amelia Edwards (1831-92).....	329
W. M. Flinders Petrie (1853-1942) .....	330
Howard Carter (1874-1939) .....	330
Alan Gardiner (1879-1963) .....	331
Jac Janssen (1922-2011) .....	331
Kent Weeks (nascido em 1941) .....	332
Rosalie David (nascida em 1947) .....	332
<b>Índice .....</b>	<b>335</b>



# Introdução

Quando eu tinha 5 anos, tudo que eu queria sempre era passar meus sábados no Museu Britânico olhando as múmias – até que minha mãe começou a me achar estranha. Mas nada é estranho quando falamos delas (das múmias e das mães). A múmia era uma parte fundamental – embora pequena – das crenças e da cultura dos egípcios com relação aos funerais. Agora, elas se tornaram uma imagem icônica do Egito e muitos filmes de terror deram-lhe uma má reputação. Além das perguntas sobre as múmias, outras que me fazem sempre é: “Então, quem construiu as pirâmides?” ou “Tutankamón foi assassinado?”. Mesmo com a validade dessas perguntas, a *Egiptologia* (estudo dos antigos egípcios) oferece coisas muito mais interessantes para serem descobertas e exploradas do que esses questionamentos de praxe. (E, já que outros responderam essas questões frequentemente e bem, eu também ofereço minhas respostas em português claro neste livro.)

Na minha opinião, algumas partes menores das pesquisas no Egito são bem mais interessantes do que as pirâmides, como examinar as cerâmicas que ainda exibem as digitais dos antigos artesãos, descobrir que doença especificamente uma pessoa tinha antes de ser mumificada ou ler um bilhete de uma mulher para seu costureiro dizendo que não tinha nada para usar (todas já passamos por isso). Todas essas pequenas percepções da vida das pessoas que fizeram uma história hoje famosa mundialmente respondem melhor à pergunta: “Quem foram os egípcios?”. Depois que você descobrir *quem* eles foram, entender *como* eles construíram as pirâmides já não parecerá mais uma questão tão monumental.

Os antigos egípcios eram do mesmo jeito que os humanos modernos: quiseram construir pirâmides, então usaram todos os recursos disponíveis e o fizeram. Sem mistério. De fato, eu tenho certeza de que eles teriam amado um livro chamado *Westerners of the 21st Century AD For Dummies (Wiley)*, para que pudessem aprender sobre essa sociedade futurística que é tão primitiva que não consegue nem construir pirâmides!

Eu acho essencial parar de ver os antigos egípcios como alguma civilização esquisita, tão distante da vida moderna, que seu povo é indecifrável. Eles eram incrivelmente parecidos conosco, com a mesma dinâmica, as mesmas motivações, emoções e fraquezas. Espero que este livro de alguma forma o ajude a fazer uma conexão entre essa cultura fascinante e os indivíduos distintos que a criaram.

## ***Sobre Este Livro***

A história egípcia tem sido descrita como um quebra-cabeça com metade das peças faltando, sem foto e sem indicação de quantas peças existem – é uma tarefa atordoante tentar recriar uma história que faça sentido. A cada ano, novas escavações revelam informações que mudam ou acrescentam uma nova dimensão à história disponível da cultura deles. A relação dessa informação com este livro significa que eu apresento a história do Egito *como está hoje*. Em um período de dez anos, ela poderá estar diferente devido a novas descobertas e novas interpretações das evidências – e este livro precisaria ser atualizado.

O Vale do Nilo (um jeito romântico de dizer Egito) era relativamente pequeno e sua área abrangia pouco mais de um quilômetro e meio de cada lado do rio Nilo, mas seu povo fez muitas realizações. Os generais iniciaram enormes batalhas e saíram em expedições, os sacerdotes homenageavam um panteão de quase mil deuses e centenas de reis com nomes quase impronunciáveis (muitos deles com nomes iguais, por exemplo, existem onze reis Ramsés) produziram grandes feitos arquitetônicos. Além das pirâmides, a imagem mais icônica do Egito, os egípcios também possuíam um grande número de templos, palácios, vilas e tumbas subterrâneas, todos com elementos religiosos e imagens representativas, construídos e acrescentados através de centenas de anos.

Centenas de textos do Egito antigo que ajudam a explicar a vida e as crenças dos deuses, dos sacerdotes e mesmo de pessoas comuns estão disponíveis. Este livro reúne todas essas histórias para criar uma tapeçaria complicada, mas linda, da vida dos egípcios.

Se você achar que vai pronunciar errado todos aqueles nomes esquisitos, confundir as práticas religiosas e misturar todas as dinastias, relaxe. Este livro apresenta mais de 3.000 anos de história em uma linha cronológica crescente das eras e períodos. Para ajudar com o básico, acrescento conjuntos de detalhes intrigantes sobre o estilo de vida, a cultura, a religião e as crenças dos antigos egípcios. Os capítulos seguintes tratarão das incríveis arte e construções produzidas por eles. Esta é uma jornada fascinante e você vai amar.

## ***Convenções Usadas Neste Livro***

O sistema de datação usado no antigo Egito era complicado. Registros que sobreviveram ao tempo usam anos monárquicos (por exemplo, “ano 16 de Ramsés II”) ao invés do calendário centralizado (“1450 a.C.”). No entanto, o viajante grego Maneto dividiu a história de 3.000 anos do Egito em 30 dinastias e seu sistema é aplicado até hoje. Esse é o sistema usado neste livro.

Precisar as datas exatas dessas dinastias é difícil, mas eu acrescentei datas cronológicas aceitas para dar uma ideia de quando os eventos aconteceram, embora também me refira a eras mais gerais, como 18ª dinastia, 19ª dinastia e assim por diante. Todas as datas são a.C. (antes de Cristo), a menos que seja dito o contrário. Muitas pessoas preferem o AEC (Antes da Era Comum), mas optei por a.C. por ser mais tradicional.

Os nomes dos Reis são frequentemente escritos de formas diferentes de publicação para publicação, às vezes sendo usadas as suas versões gregas (Quéops, ao invés de Khufu, por exemplo). Como egiptóloga, uso a versão egípcia dos nomes que os próprios povos reconheceriam, exceto quando o nome grego é mais conhecido (por exemplo, uso Tebas ao invés de Waset para a atual Luxor).

## *Penso que...*

Eu deduzo, talvez incorretamente, que você:

- ✓ Está interessado em Egiptologia após ter visto programas de televisão, assistido a filmes e visitado museus
- ✓ Sabe um pouco sobre pirâmides, Tutankamón e Cleópatra, mas não sabe como esses assuntos e figuras se encaixam na história maior do Egito antigo
- ✓ Acha os livros sobre o Egito em geral secos, confusos e desinteressantes
- ✓ Quer descobrir mais – desde que o aprendizado seja interessante

## *Como Este Livro Está Organizado*

Você tanto pode ler este livro de capa a capa ou olhar uma parte ou outra se preferir. Pode pular de um capítulo para outro se o assunto lhe interessar. Pode até pular partes de cada capítulo, pois cada seção oferece informações sobre um tópico específico selecionado. Eu também coloquei numerosas referências cruzadas entre as seções e os capítulos para que você possa pular de tópico para tópico com facilidade e rapidamente localizar partes do livro que falam os aspectos específicos sobre o Egito que você acha mais interessante.

As informações a seguir lhe dão uma ideia do que poderá ser encontrado em cada parte do livro.

## ***Parte I: Introdução aos Antigos Egípcios***

A paisagem e o ecossistema do antigo Egito foram fundamentais para a formação da civilização e são essenciais para entender a cultura, o governo e mesmo a religião desenvolvidos ao longo do rio Nilo. Essa parte trata das fundações da cultura do Egito antigo, inclusive de suas vilas, profissões e contratos sociais (como casamento, divórcio, entre outros). A estrutura social da civilização egípcia foi particularmente importante, com o rei no topo e todos os outros abaixo dele, como essa parte mostrará.

## ***Parte II: Voltando no Tempo***

Essa parte é a verdadeira história por trás de todos os monumentos. Ela trata das personalidades que os construíram, lutaram por eles e depois os destruíram. Eu o levarei a uma jornada cronológica através de mais de 3.000 anos de história, iniciando no comecinho da civilização egípcia no período pré-dinástico e continuando a viagem pela linha do tempo até a invasão romana e a morte de Cleópatra, em 30 a.C. Essa história está permeada de batalhas, especialmente no período conhecido como Novo Império, quando o Egito teve seu primeiro exército permanente. Essa parte investigará a vida de um soldado, inclusive as horríveis técnicas de batalha, as vitórias e os quase fracassos.

Essa parte também trata do papel das mulheres do Egito – inclusive de rainhas notáveis, assim como das esposas e mães das classes trabalhadoras. Termina com o colapso da civilização egípcia após um período de invasões constantes e governos fragmentados – o grave fim de uma cultura dinâmica.

## ***Parte III: Vivendo a Vida ao Máximo: Cultura e Crenças***

Os egípcios amavam a vida – festejar, caçar, comer, dançar e cantar com seus amigos. Compare as características de sua própria vida com as dos egípcios e surpreenda-se com as semelhanças. Infelizmente, uma parte da vida é tomada por doenças e enfermidades de vez em quando e os egípcios sofriam dos mesmos males que os humanos modernos – apesar de que eu não recomendaria os tratamentos deles!

Quando os tratamentos não funcionavam, a consequência frequentemente era a morte e esta envolvia um grande número de crenças e práticas fúnebres. Hoje em dia, a mumificação é sinônimo de Egito antigo, embora os egípcios não tenham sido a única civilização a utilizar essa prática. As práticas de mumificação se desenvolveram lentamente, mas rapidamente se tornaram uma parte essencial da pós-vida dos mortos, pois, sem um corpo, a pós-vida é muito chata. Então, para evitar futuros tédios, os pertences dos mortos eram colocados nos túmulos para serem utilizados após o renascimento.

Os egípcios amavam tanto a vida que queriam que durasse o máximo possível. No entanto, a mumificação e as práticas fúnebres não são os únicos aspectos religiosos tratados nessa parte. Os templos no Egito eram fechados ao público, então os egípcios desenvolveram duas formas de religião – uma complexa religião estatal, tendo o rei como representante direto dos deuses, e uma religião doméstica igualmente rica, com um conjunto de deuses completamente novos para ajudar em aspectos específicos da vida, como saúde, fertilidade e partos.

## ***Parte IV: Interpretação da Arte e da Arquitetura Egípcias***

A Parte IV começa com o deciframento da linguagem hieroglífica, uma das descobertas mais fundamentais da Egiptologia. As obras de arte também são partes substanciais de quaisquer documentações (e dos resquícios arquitetônicos), e saber “ler” obras de arte é tão importante quanto saber ler textos. Essa parte explica algumas das características fundamentais da arte egípcia.

Essa parte também inclui um estudo das estruturas monumentais dos egípcios, incluindo templos, túmulos e pirâmides. Os egípcios não faziam nada ao acaso ou só para ser bonito (mas não podemos deixar de dizer que era bonito também). Ao contrário, uma ideologia religiosa influenciou cada elemento arquitetônico egípcio. Então, à medida que exploro essas estruturas incríveis, também lhe mostrarei a inspiração por trás delas.

## ***Parte V: A Parte dos Dez***

Essa parte lhe dará informações de forma simplificada, incluindo uma lista de dez egiptólogos famosos e dez descobertas críticas e marcos no campo da Egiptologia. Você conhecerá dez personalidades egípcias que ajudaram a cultura a se desenvolver, assim como exemplos dos maiores feitos dessa cultura. Também dou uma lista de dez ótimos lugares para visitar no Egito.

# ***Ícones Usados Neste Livro***

A Egiptologia faz as pessoas pensarem e terem suas próprias interpretações de uma história e uma cultura complexas. Utilizarei vários ícones para ajudar a esclarecer alguns pontos sobre os quais você possa estar pensando.

Temos sorte de ter tantos registros escritos do Egito antigo. Sempre que você vir este ícone, saberá que está lendo as palavras dos próprios antigos.





Muitas crenças sobre o Egito antigo não são verdadeiras ou foram mal interpretadas. Quando você vir esse ícone, esses mitos serão explicados.



Este ícone dará detalhes de informações importantes que serão essenciais para compreender futuras informações.



Há vários aspectos da história egípcia que fazem as pessoas dizer: “Sem essa! Você tá inventando!”. Este ícone mostrará que a informação é verdadeira, não importa quão esquisita seja.



Esses são detalhes mais intrincados, que não são essenciais para entender a seção. Pode pular à vontade ou absorva a informação se quiser ser o nerd do pedaço!

## *De Lá para Cá, Daqui para Lá*

Bem, a tradição diz: comece pelo começo e continue até o fim; mas o problema com as tradições é que alguém, muitos anos atrás, as inventou porque na época pareciam boas ideias. Podemos criar novas tradições aqui! Simplesmente vá pulando de uma página para outras e as leia na ordem que achar melhor. Todas as informações serão divertidas e interessantes (eu prometo!), então, a ordem em que você vai ler importa?

Se estiver interessado nas pirâmides, vá direto ao Capítulo 14, mas, se quiser se juntar às tropas militares, marche para o Capítulo 3. Se quiser os detalhes sórdidos da mumificação, corra para o Capítulo 10. Mas se você for um defensor ferrenho das tradições e quer construir seu entendimento dessa intrigante cultura desde suas bases, só vire esta página.

# Parte I:

# Introdução aos Antigos Egípcios

**A 5ª Onda**

Por Rich Tennant



“Viver no Nilo é maravilhoso. Ele nos dá água, lama para fazer tijolos, peixes, pastagem...”

## *Nesta parte...*

**O**s antigos egípcios são famosos no mundo inteiro por suas pirâmides e montes de joias de ouro. Todavia, esta é apenas uma parte da história. Os egípcios eram parte de uma grande e complexa sociedade, tendo o rei no topo e os trabalhadores braçais na base. Bem como uma pirâmide mesmo.

Felizmente, eles deixaram uma grande quantidade de informações sobre suas vidas cotidianas. Esta parte falará das casas onde eles viviam e com quem, do sistema de educação e dos contratos sociais relativos aos casamentos, divórcios, adultério, partos e os idosos.

## Capítulo 1

# Fundando as Bases: A Geografia e a História do Egito Antigo

---

### *Neste Capítulo*

- ▶ Exploraremos as paisagens do Egito
  - ▶ A unificação das duas terras
  - ▶ Examinaremos a hierarquia da sociedade egípcia
- 

**O**s antigos egípcios têm tomado conta do imaginário popular por séculos. Desde que os egiptólogos decifraram os hieróglifos, no começo do século XIX, esta civilização maravilhosa foi aberta aos historiadores, arqueólogos e curiosos.

As informações sobre os antigos egípcios são abundantes, inclusive com fatos fascinantes sobre praticamente todos os aspectos de suas vidas – tudo, desde o papel das mulheres, a sexualidade e os cosméticos, até a pescaria, a caça e as guerras.



As vidas dos antigos egípcios podem ser facilmente categorizadas e subdivididas. Como qualquer bom historiador, você precisa enxergar a civilização como um todo, e o melhor lugar para começar é na origem desse povo incrível.

Então, quem eram os antigos egípcios? De onde eles vieram? Este capítulo responderá a essas perguntas e começará a dar uma ideia da cultura complexamente organizada que surgiu, floresceu e, finalmente, sucumbiu às margens do rio Nilo.

## *Mergulhando na Fonte da Vida: O Nilo*

A civilização dos antigos egípcios jamais teria surgido se não fosse pelo Nilo. O Nilo era – e ainda é – a única fonte de água nessa região ao norte da África. Sem ele, nenhuma vida poderia subsistir.



O Egito antigo é frequentemente chamado de *vale do Nilo*. Esse termo genérico refere-se à terra fértil situada às margens do rio, que abrange uma área de 34 mil quilômetros quadrados. Essa área total não foi muito alterada nos últimos 5.000 anos, embora o próprio curso do rio tenha mudado e, com a irrigação artificial, a terra fértil aumentou um pouco. Veja a Folha de Cola para ver o mapa do Egito.

## No Nilo: Tamanho e abrangência

O Nilo é o rio mais longo do mundo, percorrendo 6.741 quilômetros da África oriental até o mar Mediterrâneo. Seis *Cataratas*, decorrentes de acidentes nas rochas do leito do rio, dividem a seção sul do Nilo, entre Assuã e Khartoum. A primeira catarata em Assuã criou uma fronteira natural para o Egito até o Novo Império (1550 a.C.), quando os antigos egípcios começaram a viajar para mais distante ao sul, em busca de ouro e áreas para expandir seu império. (Veja os Capítulos 3 e 4 para mais informações sobre essa era da história do Egito antigo.)



O Nilo flui do sul para o norte – do interior da África para o mar Mediterrâneo. O Egito meridional é chamado de *Alto Egito* porque se encontra mais perto da nascente do Nilo, e o Egito setentrional é chamado de *Baixo Egito*.

A porção norte do Nilo se divide em vários canais, que desaguam todos no mar Mediterrâneo. Essa área do Egito setentrional é conhecida como Delta e é majoritariamente pantanosa. Essa região é particularmente fértil – o papiro, nos quais muitos registros conservados do antigo Egito foram escritos, cresceu abundantemente aqui.



## A cheia que falhou

Durante o reino de Djoser na terceira dinastia (consulte a Folha de Cola para ver a linha do tempo), diz-se que o Egito passou por sete anos de fome devido a cheias anuais particularmente baixas. O rei foi responsabilizado pela situação, já que era o intermediário entre o povo e os deuses, e a fome foi vista como uma punição dos deuses ao rei, por este não fazer seu trabalho. Na ilha de Sehel, no sul do Egito, Ptolomeu V (204-181 a.C.) encomendou uma estela registrando essa fome e as ações de Djoser: *Estava de luto em meu trono. Os cortesãos encontravam-se*

*afritos... porque Hapy [a cheia] deixou de vir a tempo. Em um período de sete anos, os grãos foram escassos, as sementes secaram... Todo homem roubou seu próprio gêmeo... As crianças choraram... Os corações dos idosos estavam indóceis... Os templos foram fechados, os altares cobertos de poeira, todos estavam desesperados... Consultei um dos membros da corte, o ministro de Imhotep... Ele partiu e retornou rapidamente a mim.*

Imhotep, o construtor da Pirâmide de Degrans (veja o Capítulo 14), traçou a nascente do Nilo até a ilha de Elefantina e as cavernas de Khnum. Ele assegurou a Djoser que uma adoração renovada a Khnum faria as cheias voltarem. Então Khnum apareceu para Djoser em sonho:

*Quando estava dormindo... vi o deus de pé. Eu o agradei por cultuá-lo e adorá-lo. Ele se apresentou a mim e disse: "Eu sou Khnum, teu criador, meus braços te envolvem, para firmar teu corpo, para salvaguardar teus membros... Pois eu sou o mestre que faz, eu sou aquele que se exalta em Nun [águas primevas], o que primeiro surgiu, que Hapy se apresse à vontade; o criador de todos, o guia dos homens em todas as horas. As duas cavernas estão em uma trincheira [?] sob mim. Cabe a mim liberar a nascente. Eu conheço o Nilo, eu o empurro, a vida surge em cada nariz... Eu expandirei o Nilo para ti, sem que haja um ano de escassez e exaustão em toda a terra, assim, as plantas florescerão, curvando-se com suas frutas... A terra do Egito começa a movimentar-se novamente, as margens brilham maravilhosamente e a riqueza e o bem-estar [?] residem nela, como já residiram antes.*

Djoser acordou e estava feliz com a mensagem. Ele criou um decreto aumentando os tributos pagos ao templo de Khnum:

*Todos os camponeses trabalhando suas terras com seus servos e trazendo água às suas novas e altas terras, sua colheita*

*deverá ser estocada além do devidamente necessário. Todos os pescadores, armadilheiros e caçadores perto da água, ou caçadores de leões no deserto, imponho a eles um tributo de um décimo de suas aquisições. Todo bezerro nascido das vacas em sua terra deverá ser dado ao estábulo como holocausto e mais uma oferenda diária. Além disso, um décimo do ouro, do marfim, da madeira, do mineral e cada tronco de árvore e todas as coisas que os núbios... trouxeram para o Egito deverão ser dados juntamente com todos os homens que vierem com eles. Nenhum vizir deverá dar ordens nesses lugares e coletar impostos deles, diminuindo o que está sendo entregue ao templo.*

Uma vez que essas ofertas fossem dadas ao templo de Khnum, as cheias novamente atingiriam seu nível desejado, transformariam o Egito no paraíso da agricultura que antes fora e tornariam a inspirar a fé do povo no rei Djoser.

Todavia, como essa estela foi escrita mais de dois mil anos após a data do evento, os historiadores têm dificuldade de verificar sua precisão como documento histórico. Alguns estudiosos acreditam que a estela é uma cópia de um exemplar do Antigo Império erigido por Djoser; outros acreditam que foi criada no período ptolomaico como forma de justificar mais doações para o templo de Khnum. Talvez a verdade nunca seja conhecida.

## ***A inundação: Sobrevivendo e prosperando***

Todos os anos, nos meses entre julho e outubro, o Nilo transbordava, cobrindo as terras nas duas margens com mais de meio metro de água.

Quando a água baixava, um limo negro muito fértil cobria a terra. Por essa razão, os egípcios chamavam seu país de Kemet, que significa “terra negra”. Através de uma cuidadosa aragem e complexos canais de irrigação o Nilo se tornou uma grande área de agricultura.

Embora a cheia do Nilo fosse essencial para o sucesso da agricultura da antiga civilização egípcia, sempre havia o risco do rio encher demais ou não encher o suficiente. Quaisquer dessas situações resultavam em uma safra ruim, fome e morte.

Desde 1830 d.C. uma série de represas e comportas na porção sul do rio Nilo têm assegurado as cheias. Em 1960 d.C. os egípcios construíram a Represa Alta, em Assuã, que estabilizou as cheias do Nilo. Embora essas novas tecnologias criem um ambiente mais estável para os egípcios modernos poderem plantar, essa atual estabilidade do ambiente torna mais difícil imaginar a vida de altos e baixos dos antigos egípcios.

## Conheça os Antigos Egípcios

Os povos antigos que viveram no Egito eram uma grande mistura de diversos grupos étnicos, com várias origens diferentes. Antes de 5000 a.C. o vale do Nilo não tinha nenhum povo estabelecido, porque a área no entorno tinha uma rica vegetação e era habitada por várias tribos nômades de caçadores-coletores, que perseguiam grandes animais, como leões, girafas e avestruzes, como fonte de alimento.

No entanto, devido à mudança climática, aproximadamente em 5000 a.C., as áreas em volta do Nilo começaram a secar e já não eram capazes de sustentar os grandes animais. Essa mudança climática fez com que os povos nômades convergissem para o vale do Nilo, pois o rio estava lentamente se tornando a única fonte de água da região.

Como resultado, a primeira população do Egito era um grupo de diferentes tribos nômades, que lentamente se integraram umas às outras e criaram uma nova sociedade.

- ✓ **No sul do Egito**, as origens dos povos estavam mais próximas da Núbia, resultando em um povo de pele mais escura.
- ✓ **No norte do Egito**, as origens dos povos estavam mais para o Oriente Próximo, criando pessoas mais claras.

Por volta de 3100 a.C. e no começo do período faraônico da história egípcia, uma cultura totalmente nova – hoje em dia os egípcios a reconhecem – se desenvolveu a partir desse grupo de pessoas, culturas e línguas diferentes.

## Datando os antigos

Um dos aspectos mais confusos da história egípcia é a aplicação de datas específicas a eras, reinos e mesmo batalhas e cerimônias registradas. Além disso, a história do Egito antigo abrange 3.000 anos, o que é muito para conseguir se achar nela.



Para dificultar mais as coisas para nós, os próprios egípcios não tinham um sistema de datas centralizado, como o utilizado hoje em dia (por exemplo, a.C. e d.C.). Ao contrário, eles se referiam a datas em anos reais, de acordo com o rei em poder. Por exemplo, ano 5 de Ramsés II, ou ano 16 de Akhenaton.

Esse sistema provavelmente funcionou bem nos tempos antigos, mas não ajuda muito os egiptólogos modernos – especialmente quando vários reis não se encontram nos registros ou quando a duração exata de um certo reino é incerta. Então, por exemplo, fazer uma datação do ano 4 de Ramsés II até o ano 2 de Merenptah fazia todo o sentido para um egípcio, mas quando não se sabe por quanto tempo Ramsés II governou e se houve um rei entre ele e Merenptah (o rei que os historiadores acreditam ter vindo após Ramsés II), precisar períodos verdadeiros é muito difícil.

### Uma paixão por todas as coisas egípcias

Por séculos – milênios, na verdade – as pessoas foram fascinadas pela antiga cultura egípcia, incluindo sua língua, história, política, práticas fúnebres, arquitetura e arte. Aliás, mesmo os gregos e os romanos (culturas antigas também, segundo qualquer historiador) eram fascinados pelo povo do Nilo, organizavam excursões até a área e acabavam transportando tesouros egípcios de volta para suas terras.

A *Egiptologia* moderna, um campo que combina um rigoroso estudo da história antiga e arqueologia, com toques de sociologia, história da arte, ciências políticas e economia, começou para valer em 1823, quando Jean-François Champollion tornou-se a primeira pessoa a decifrar os hieróglifos, o que levou os historiadores a desconstruir os vários mitos e interpretações erradas sobre os antigos egípcios.

Confira o Capítulo 19 para conhecer o perfil de dez egiptólogos dignos de nota, inclusive de Champollion.

Hoje em dia, a Egiptologia está maior que nunca. Muitas universidades oferecem graduações em Egiptologia ou arqueologia egípcia. Todavia, o trabalho para egiptólogos profissionais é escasso, com oportunidades limitadas ao ensino em universidades ou escavações no Egito. Muitos museus utilizam profissionais voluntários, ao invés de manter uma equipe paga, logo, frequentemente, centenas de candidatos disputam as poucas vagas remuneradas. Além do mais, nas escavações do Egito, pesquisadores egípcios têm mais preferência do que os ocidentais. Sendo assim, muitos egiptólogos fazem seus próprios trabalhos e escrevem livros e artigos sobre Egiptologia ou fazem trabalho de campo em meio período. O trabalho é duro, mas alguém tem de fazê-lo.

## Maneto ao resgate

Não foram só os egiptólogos modernos que acharam o sistema de datação egípcio confuso. Maneto, um historiador e sacerdote egípcio do terceiro século antes de Cristo, criou o *sistema dinástico* de datação, que ainda é usado atualmente.

No sistema dinástico, uma mudança de dinastia era introduzida cada vez que ocorresse uma mudança na família em poder, na geografia ou qualquer evento de continuidade na sucessão dos reis. Maneto dividiu os reis do Egito em 30 dinastias, as subdividiu em três reinados principais com períodos intermediários “turbulentos” entre eles.

- ✓ **Período dinástico inicial:** dinastia 0-2, por volta dos anos 3150-2686 a.C.
- ✓ **Antigo Império:** da terceira à sexta dinastia, por volta dos anos 2686-2181 a.C.
- ✓ **Primeiro período intermediário:** da sétima à décima dinastia, por volta dos anos 2181-2040 a.C.
- ✓ **Médio Império:** da 11ª à 12ª dinastia, por volta dos anos 2040-1782 a.C.
- ✓ **Segundo período intermediário:** da 13ª à 17ª dinastia, por volta dos anos 1782-1570 a.C.
- ✓ **Novo Império:** da 18ª à 20ª dinastia, por volta dos anos 1570-1070 a.C.
- ✓ **Terceiro período intermediário:** da 21ª à 26ª dinastia, por volta dos anos 1080-525 a.C.
- ✓ **Período tardio:** da 27ª à 30ª dinastia, por volta dos anos 525-332 a.C.



Esse sistema de datação foi muito útil e os egiptólogos puderam acrescentar datas cronológicas às dinastias. Porém, essas datas não batem de publicação para publicação, e essa discrepância pode ser bem confusa para os iniciantes. Por essa razão, é geralmente mais fácil se referir às dinastias ao invés das datas. As datas que utilizo neste livro baseiam-se na obra *Crônicas dos Faraós* de Peter Clayton, uma cronologia geral amplamente aceita.

## Unificação das Duas Terras

Apesar de algumas escorregadas em seu sistema de datação, os egípcios eram uma civilização muito organizada. Isso fica particularmente claro na divisão do país. A divisão política mais importante era a norte-sul. Essa divisão do Egito em Alto (sul) e Baixo (norte) produziu a chamada Duas Terras – um

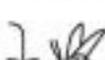
conceito que dominou a ideologia monárquica dos reinados de Narmer (3100 a.C.) até os últimos dias de Cleópatra VII (30 a.C.).

A Paleta de Narmer, uma placa de rocha plana com aproximadamente 64 centímetros de altura, mostra o rei Narmer unificando o país – a primeira batalha registrada da história egípcia. Ela representa Narmer dominando o Baixo Egito para tornar-se o rei das Duas Terras.

Desse período em diante, o rei teria de governar tanto o Baixo quanto o Alto Egito para ser reconhecido como verdadeiro rei do país. Os egípcios consideraram esse conceito uma parte tão fundamental do reinado que incorporaram o título “rei do Alto e do Baixo Egito” a dois dos cinco nomes tradicionais que o rei recebia em sua coroação.



Esses nomes descrevem certos elementos do governo do rei. A ordem tradicional desses nomes era:

-  ✓ O nome Hórus
-  ✓ Aquele que tem duas senhoras (sob a proteção da deusa abutre do Alto Egito e da deusa serpente do Baixo Egito)
-  ✓ O nome Hórus Dourado
-   ✓ Aquele do junco e da abelha (sob a proteção do junco do Alto Egito e da abelha do Baixo Egito)
-   ✓ Filho de Rá

## Representação das Duas Terras

Além dos títulos dos reis, vários símbolos e hieróglifos nos registros egípcios destacam a importância da unidade das Duas Terras. Imagens importantes sobre os títulos do rei incluíam:

-  ✓ A coroa branca do Alto Egito
-  ✓ A coroa vermelha do Baixo Egito
-  ✓ A coroa dupla do Alto e do Baixo Egito
-  ✓ O junco do Alto Egito
-  ✓ A abelha do Baixo Egito
-  ✓ Nekhbet, a deusa abutre do Alto Egito
-  ✓ Uadjit, a deusa serpente do Baixo Egito

Além dessas, as seguintes imagens frequentemente aparecem na arquitetura, especialmente em pilares e como decoração dos templos (veja o Capítulo 12). Embora essas imagens não representem reinado especificamente, normalmente definem a região do poder de um rei em particular ou, se ambas aparecerem juntas, a unidade.



✓ O papiro do Baixo Egito



✓ O lótus do Alto Egito



✓ As plantas do lótus e do papiro amarradas em volta de um “coração e um pulmão”, símbolos do Egito, que indicam o país unificado.

## União do leste e do oeste



Embora a divisão em Alto e Baixo fosse a mais importante (pelo menos no que concerne ao reino), o Egito foi posteriormente dividido em leste e oeste. O Nilo formava a linha divisória entre os dois lados.

- ✓ **A margem leste do Egito** era usada a princípio para a construção de templos de cultos (veja o Capítulo 12) e assentamentos. Os antigos egípcios acreditavam que a margem leste era a Terra dos Vivos, porque era onde o sol nascia, trazendo esperança e vida nova.
- ✓ **A margem oeste do Egito** abrigava os cemitérios e templos funerários e era considerada a Terra dos Mortos. O oeste era onde o sol se punha à noite, dando início à jornada noturna para a pós-vida até o renascimento no leste.

Porém, existiram exceções a essas divisões. Algumas aldeias foram construídas na margem oeste, assim como existiam cemitérios na margem leste.

## Subdivisão posterior

Como se as divisões em Alto/Baixo e leste/oeste não fossem suficientes, o Egito inteiro foi posteriormente dividido em 42 províncias, atualmente conhecidas como *nomos*. No Alto Egito, 22 nomos já existiam desde o início do período dinástico; os 20 nomos do Baixo Egito surgiram depois.

Cada nomo (ou *sepat*, como os antigos egípcios os chamavam) era governado por um *nomarca* ou prefeito, que respondia ao vizir ou, em último caso, ao rei. O ideal era que apenas um vizir supervisionasse o governo, mas muitos reis dividiam essa função entre dois – um vizir do Alto Egito e um do Baixo Egito. Cada nomo tinha uma capital e um templo para a adoração da divindade local, com direito a tabus, práticas e rituais religiosos individuais.

Cada nomo era representado por um *estandarte*, que consistia de um grupo carregando a estátua da divindade local e um animal ou uma planta regional. Os animais e as plantas são frequentemente representados em cenas de oferendas, que ressaltavam as safras de uma região específica. Os nomos geralmente eram nomeados de acordo com seu animal ou planta regional, como o nomo do íbis e o nomo da lebre.

## Seguindo a Capital Flutuante

Embora os egípcios fossem muito organizados, com um sistema de divisões governamentais bem estabelecido, não eram tão rígidos com a localização de sua capital. Na verdade, os egiptólogos identificaram numerosas residências e locais de sepultamentos reais por várias cidades do Egito, o que indica que a capital mudava segundo a vontade do rei em poder. Em alguns reinos, os governantes tinham duas capitais: uma capital religiosa e uma administrativa.

### Capitais pré-dinásticas

A civilização egípcia não surgiu no período pré-dinástico (antes de 3100 a.C.); então, não existia algo como uma cidade capital.

Em vez disso, três lugares com povoados e grandes cemitérios parecem ter dominado (veja a Folha de Cola para encontrar as localidades):

- ✓ **Naqada** foi um dos maiores locais pré-dinásticos, situado na margem oeste do Nilo, aproximadamente 26 quilômetros ao norte de Luxor. Os arqueólogos descobriram dois grandes cemitérios neste sítio com mais de duas mil covas, muitas das quais pertenciam à elite e à realeza.
- ✓ **Hierakonpolis** também foi utilizada como cemitério real e foi a base do culto fúnebre do rei Khasekhemwy, da segunda dinastia. Os achados mais famosos deste sítio são a Paleta de Narmer (veja a seção “Unificação das Duas Terras”, anteriormente neste capítulo), a Cabeça de Maça de Narmer e a Cabeça de Maça do Escorpião. Estes dois últimos itens estão em exibição no Ashmolean Museum, em Oxford, e representam o início do desenvolvimento da ideologia monárquica no Egito.
- ✓ **Abidos** foi a maior localidade durante o período pré-dinástico e continuou proeminente na maior parte do período faraônico. Os primeiros povoados nesse local datam de 4000-3500 a.C., embora a maioria dos vestígios atuais sejam das 19ª e 20ª dinastias. Abidos foi um grande centro religioso, com monumentos de todos os reis da primeira dinastia e de dois da segunda.

## *Mudança para Mênfis*

Os três centros pré-dinásticos foram abandonados como capitais durante o Antigo Império (por volta de 2686-2333 a.C.) e Mênfis, perto do atual Cairo, se tornou a nova capital administrativa. A localização de Mênfis permitia acesso e controle fácil tanto à região do Delta quanto ao vale do Nilo, assegurando que o comércio por essa região estivesse firmemente sob o controle real.

Os cemitérios reais do Antigo Império também eram muito próximos de Mênfis, com várias áreas de pirâmides em Gizé, Saqqara, Dahshur, Abusir e Abu Roash (veja o Capítulo 14) abrangendo uma área de aproximadamente 35 quilômetros quadrados.

Mênfis também continuou importante durante o Novo Império. Durante os reinados de Seti I (1291-1278 a.C.) e de Ramsés II (1279-1212 a.C.), o harém real (veja o Capítulo 5) localizava-se em Mênfis, o que mostra a continuidade da cidade como residência real.

## *Estabelecimento em Tebas*

Durante o Novo Império, a principal capital religiosa e monárquica foi Tebas (atualmente Luxor), que era onde acontecia o poderoso culto ao deus Amón. Esta região inclui o templo de Karnak e de Luxor, assim como os templos funerários do Novo Império e os sepulcros reais no Vale dos Reis e das Rainhas (veja o Capítulo 13).

Na maior parte do Novo Império, Tebas foi a capital religiosa e Mênfis, ao norte, a capital administrativa, assegurando que o rei tivesse controle tanto sobre o Alto quanto o Baixo Egito.

## *Chega de estabelecimentos de curta duração*

Embora Mênfis e Tebas tenham sido importantes estabelecimentos na maior parte do período faraônico, alguns governantes escolheram ter suas capitais em outros lugares, apesar de essas localidades não terem mantido seu status importante por muito tempo:

- ✓ **Avaris:** os governantes hicsos do segundo período intermediário (1663-1555 a.C.) construíram suas capitais no Delta. O estabelecimento da capital mostra uma justaposição interessante entre duas culturas: a egípcia e a palestina (acredita-se que os hicsos se originaram da última). Para mais informações, veja o Capítulo 3.

- ✓ **Amarna:** esta foi a nova cidade capital construída por Akhenaton, da 18ª dinastia (1350-1334 a.C.), e foi dedicada ao disco solar de Aton. (Vá ao Capítulo 4 para saber mais sobre este período da história egípcia.) Amarna situava-se entre Mênfis e Tebas, no Egito Central, e abrigava numerosos templos, palácios, uma grande aldeia e um cemitério. (Confira o Capítulo 18 para saber o que pode ser visto atualmente.)
- ✓ **Pi-Ramsés:** esta cidade no Delta, bem perto de Avaris, foi originalmente construída por Seti I (1291-1278 a.C.) como cidade portuária e foi importante no controle do transporte de bens do Mediterrâneo ao vale do Nilo. Ramsés II, da 19ª dinastia (1279-1212 a.C.), expandiu muito a cidade e a nomeou Pi-Ramsés para rivalizar com Tebas.
- ✓ **Tanis:** esta foi outra capital no Delta durante a 21ª dinastia, sob o poder do rei Psusene I (1039-991 a.C.). A maior parte da cidade foi construída com blocos reutilizados de Pi-Ramsés.

Todas essas cidades tiveram uma duração muito limitada. Ao fim da maioria dos reinados, sua importância declinou e Tebas e Mênfis foram restabelecidas como capitais.

## *O Povoamento do Vale do Nilo*

Desde 5000 a.C. aproximadamente, comunidades assentadas habitaram o vale do Nilo em uma área de mais ou menos 34.000 quilômetros quadrados. Porém, a população dessa região nunca foi registrada até a administração romana do Egito, que começou em 30 a.C.

Os egiptólogos estimaram os dados da população baseados na área de terras agrícolas disponíveis e o número de pessoas que poderia sustentar.

- ✓ Último período pré-dinástico: 100.000 a 200.000 pessoas
- ✓ Período dinástico inicial: 2 milhões de pessoas
- ✓ Antigo Império: 1-1,5 milhões de pessoas
- ✓ Novo Império: 2,9-4,5 milhões de pessoas
- ✓ Período Ptolomaico: 7-7,5 milhões de pessoas

A população variou através do período faraônico, com um aumento acentuado durante o período ptolomaico, devido a um crescimento da área de terras agricultáveis, além de um influxo de estrangeiros para o Egito após Alexandre, O Grande (veja o Capítulo 6).



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



## Minha palavra é lei

O túmulo do vizir da 18ª dinastia, Rekhmira, possui uma das poucas inscrições descrevendo tudo sobre as funções do cargo, que era rico e variado e sem dúvidas uma posição de grande poder.

*O vizirato não deve mostrar respeito a príncipes e conselheiros; não deve tomar como escravos para si ninguém do povo.*

*Vejam, quando um peticionário vier do Alto ou do Baixo Egito, mesmo da terra toda, que seja assegurado que tudo seja feito segundo a lei, que tudo seja feito segundo o costume, dando a cada homem seu direito. Um peticionário que tenha sido adjudicado não deverá dizer: "Meu direito não me foi dado."*

*Cuidado com aquilo que é dito sobre o vizir Kheti. Diz-se que ele discriminou alguns de sua própria família em favor de estrangeiros; neste caso, poder-se-ia dizer que ele favoreceu sua família desonestamente. Quando um deles pediu um julgamento, ele persistiu em sua discriminação. Isso não é justiça. Demonstrar parcialidade é uma abominação ao deus.*

*Faze-te temido. Que os homens te temam. Um vizir é um oficial do qual se tenha medo. Veja, o terror do vizir é que ele faz justiça. Mas, na verdade, na opinião do povo, há algo de errado com um homem que se faz temer muitas vezes. Não dirão dele: "Ele é um homem de verdade." Veja, esse medo do vizir detém o mentiroso quando este age de acordo com o terror que tenha dele.*

Claramente, era uma posição de tal poder que fazia a população temer a corrupção e a falta de justiça. (De fato, registros indicam numerosas situações em que os vizires foram acusados disso.) O próprio Rekhmira teve um fim de vida misterioso: ele nunca foi sepultado em seu túmulo e muitas das imagens lá foram intencionalmente danificadas, talvez para impedi-lo de ter uma pós-vida. Será que esse vandalismo se deveu às suas atividades corruptas? Talvez os historiadores nunca saibam, mas é algo para se pensar.



Apesar de tudo, o rei confiava nesses nomarcas, especialmente em tempos de guerra ou de expedições internacionais. Antes da chegada da milícia no Novo Império (veja o Capítulo 4), os nomarcas eram responsáveis por recrutar e treinar os jovens aptos de suas províncias para lutar pelo Egito ou acompanhar o rei em expedições internacionais, fosse para comércio ou para mineração.

Portanto, o rei deveria manter os nomarcas ao seu lado, dando-lhes pagamentos ou presentes. De outra forma, esses soldados podiam ser recrutados para marchar *contra* o rei e possivelmente roubar o trono.

### **A ascensão do vizir**

As responsabilidades do vizir eram variadas e faziam dele o segundo homem mais poderoso do Egito depois do rei.



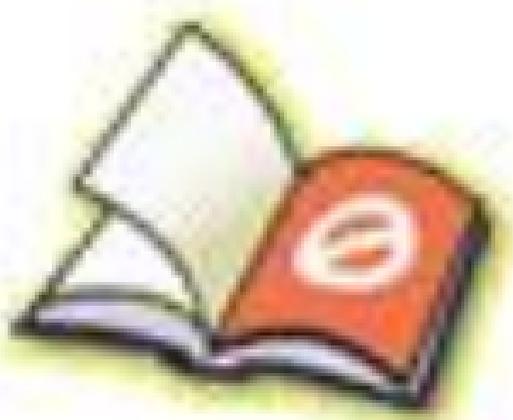
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

- ✓ **A Casa da Vida guardava um acervo de vários textos religiosos**, que serviam para treinar os sacerdotes e profissionais da medicina (veja o Capítulo 8 para saber mais sobre a função dos médicos). Estudar aqui era um grande privilégio, acessível apenas a poucos escolhidos. Porém, a forma como os alunos eram selecionados continua desconhecida.
- ✓ **Os sacerdotes encarregados da Casa da Vida eram responsáveis por conservar, copiar e guardar os textos religiosos.** Os textos guardados nesse lugar foram famosos mundialmente. Posteriormente os escritores gregos e romanos elogiaram a sabedoria contida neles. Diz-se que continham informações sobre medicina, ervas medicinais, geografia, geometria, astronomia e a história dos reis.
- ✓ **A instituição não era aberta ao público.** O acesso extremamente restrito só aumentava sua aura de mistério. Muitos contos literários dizem que os textos guardados na Casa da Vida tinham informações sobre como falar a língua dos animais, dos pássaros e peixes do mundo, assim como um que permitia ao leitor ver o deus sol. O negócio era poderoso mesmo!

### ***Dias de escola***

Muitos materiais de ensino se conservaram e contam muito sobre a rotina da educação que as crianças recebiam. Uma criança egípcia normalmente entrava na escola por volta dos cinco anos de idade e começava com as seguintes matérias: leitura, escrita e aritmética.



No Egito existiam dois tipos diferentes de linguagem escrita – os hieróglifos (vá até o Capítulo 11 para saber mais sobre esses desenhos bonitinhos) e a escrita *hierática*, uma versão abreviada dos hieróglifos. Os estudantes atuais de história egípcia normalmente aprendem primeiro os hieróglifos e depois a escrita hierática, mas com os estudantes do Egito antigo era o contrário:

- ✓ Um tutor ditava frases e sentenças em hierático.
- ✓ Os alunos decoravam essas frases.
- ✓ Depois eles as escreviam em uma tábua de madeira em branco, a princípio seguindo o ditado, depois da própria memória.
- ✓ O tutor fazia as correções.
- ✓ A tábua era limpa e o processo recomeçava.

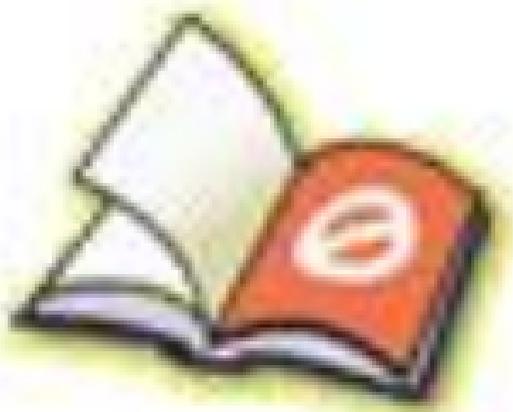
Essa grade extensiva durava até a criança completar nove anos, momento em que decidiam sua profissão. Qualquer que fosse a carreira escolhida



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



## Purificação dos sacerdotes

Para que um sacerdote pudesse entrar no templo era necessário realizar vários rituais. O sacerdote ungia suas mãos e seus pés na água e em seguida mergulhava no lago sagrado, que existia em cada templo e representava as águas puras dos tempos anteriores à criação. Esse ritual servia para assegurar de que o sacerdote estivesse limpo antes de ir à presença do deus.

O historiador grego Heródoto registrou que os egípcios raspavam todos os pelos (sim, eu disse *todos*) para evitar piolhos. Alguns chegavam até a tirar suas sobrancelhas e arrancar os cílios para ter certeza de que estavam 100% puros. Eles se raspavam em

intervalos de dias. No período ptolomaico o sacerdote que se esquecesse de se raspar era multado em 100 dracmas.

As relações sexuais eram banidas no templo (corretíssimo também!) e os sacerdotes realizavam rituais de limpeza específicos após o sexo antes de entrar lá. Na realidade, esperava-se que os sacerdotes que estivessem prestes a começar seu mês de trabalho no templo se abstinhasse de quaisquer contatos com mulheres por vários dias antes de iniciar o serviço, para evitar que estivessem contaminados com sangue menstrual ou fluidos corporais.

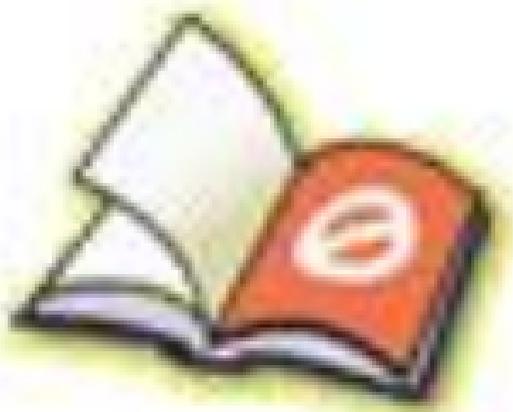
No Novo Império (vá para o Capítulo 3 para mais detalhes), foi criado um exército permanente, assim dando início à carreira de soldado. Muitas autobiografias encontradas em túmulos continham crônicas sobre longas carreiras militares. Inclusive, alguns soldados chegavam a posições de grande poder; o general Horemheb e Ramsés I tornaram-se, ambos, reis, provando que o vizirato não era o único caminho até o trono.

Como em todas as profissões no Egito, os soldados iniciavam ainda jovens – aos cinco ou seis anos – seu treinamento de técnicas básicas, resistência e força.

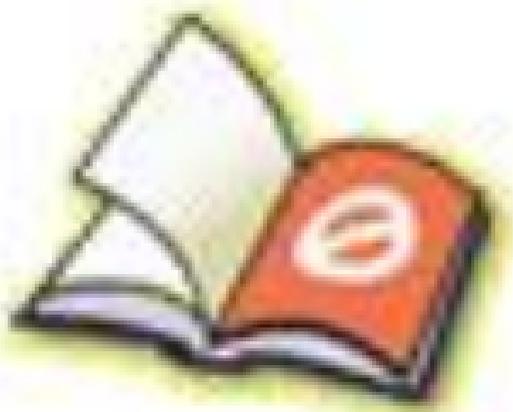
Imagens no túmulo de Beni Hasan, do Médio Império, mostram como os soldados da época eram treinados, e sem dúvida o treinamento era similar ao do exército permanente. O treinamento incluía:

- ✓ Luta com bastões
- ✓ Combate corporal
- ✓ Levantamento de peso com sacos de areia
- ✓ Condução de carruagens (embora não ocorresse até o Novo Império)
- ✓ Arquearia
- ✓ Uso de lanças

O regimento para o qual entraria dependia das habilidades do soldado – condutor de carruagem, lanceiro ou infantaria.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

- ✓ Feijões
- ✓ Rabanetes
- ✓ Repolho
- ✓ Pepinos
- ✓ Alface

Muitos agricultores também cultivavam gergelim e rícino (para a produção de óleo), linho (para a produção de fibra de tecido) e junco (as fibras eram utilizadas na produção de cestos e cordas).

Apesar da importância do trabalho dos camponeses, eles eram os trabalhadores pagos mais pobres da antiga sociedade egípcia. Tecnicamente, simplesmente eles não eram pagos! Os agricultores pagavam uma cota em grãos para o dono da terra, mais o aluguel e imposto (também pagos em grãos). Eles podiam manter ou vender o excedente da produção. Essa forma de trabalhar funcionava suficientemente bem para um chefe de família ou agricultor chefe, mas os trabalhadores recebiam uma miséria e com certeza não conseguiam alimentar suas famílias bem, tampouco ter excedentes para comprar outros bens.

### ***Lavadeiros: Limpando o linho sujo***

Uma das piores profissões descritas na *Sátira dos Ofícios* é a de lavadeiro.

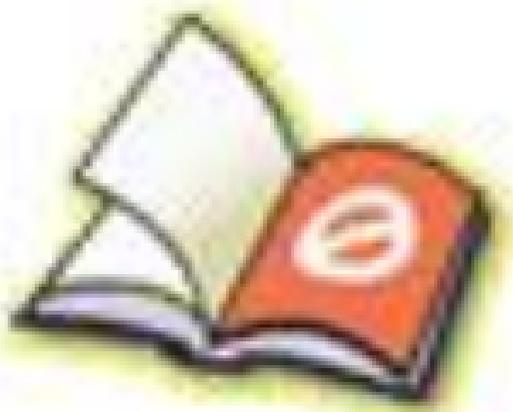
No Egito antigo, os homens sempre foram os lavadeiros profissionais. Eles andavam de aldeia em aldeia, recolhendo roupas sujas, as quais eram levadas para o Nilo. Registros de Deir el Medina mostram que eles tinham casas fixas de onde recolhiam as roupas e constantemente reclamavam da quantidade de trabalho. Nenhuma novidade.

Depois de recolher as roupas sujas, os lavadeiros deixavam um “recibo” na forma de um *ostrakon* (uma lasca de pedra usada como bloco de notas) com imagens das roupas que foram levadas. Essa nota era para garantir que o dono da casa recebesse as roupas certas de volta – não há nada pior do que encontrar as peças íntimas de outra pessoa no meio das suas.

A lavagem era feita no Nilo, usando *natrão* (carbonato de sódio hidroso) e cal como sabão. As roupas eram batidas contra as pedras para tirar as manchas e depois deixadas no sol para alvejar e secar.



O trabalho no Nilo era perigoso, porque lá viviam vários crocodilos. Um lavadeiro empenhado em tirar uma mancha difícil podia facilmente se descuidar – até ser arrastado. E, como se os crocodilos já não fossem perigosos o suficiente, o Nilo e seus canais eram cheios de parasitas e insetos picadores, que poderiam se mostrar fatais.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Não importava qual fosse a função administrativa, as mulheres nunca eram supervisoras dos trabalhos de homens, embora algumas tivessem cargos muito importantes. De fato, a 6ª dinastia tinha uma vizir mulher. O movimento feminista ficaria orgulhoso.

### ***Parteiras e amas de leite***

A maioria das jovens aprendia tarefas relacionadas a crianças e ao parto, e algumas mulheres resolviam tornar essas tarefas uma atividade lucrativa como parteiras.

A maior parte das mulheres no Egito antigo dava à luz pelo menos cinco filhos, então o trabalho de parteira era aprendido ajudando as mulheres da aldeia durante a gravidez e os partos. Embora a grande maioria delas aprendesse auxiliando, algumas preferiam ter um treinamento formal. Por exemplo, os registros mostram que havia uma escola de parteiras no Templo de Neith, em Sais. O aprendizado formal permitia que as parteiras trabalhassem para o palácio ou para os membros da elite, assim aumentando os seus ganhos.

Após o parto ser feito com segurança, a elite e a família real normalmente contratavam amas de leite para ajudar a cuidar das crianças. Ser ama seca era visto como um símbolo de status; nenhuma família que se presasse ficava sem uma. As amas de leite eram normalmente mulheres que tinham dado à luz seus próprios filhos e podiam amamentar os de seus empregadores e os seus.



## **Dia de compras**

No Egito antigo, um dia de compras certamente era diferente de uma ida ao supermercado.

Não existia um mercado como nós conhecemos, embora mercadores montassem bancas em vários portos do Egito para vender seus produtos a marinheiros e a outros mercadores estrangeiros. O resto da população tinha sua forma de vender e comprar artigos, possivelmente reunindo-se em praças públicas ou às margens do rio, ou andando de casa em casa, oferecendo produtos ou serviços. A negociação dos preços era onde as coisas se complicavam. As moedas não eram utilizadas no Egito até a chegada de Alexandre em 332 a.C.; então, antes desse tempo, as pessoas trocavam produtos por outros produtos. Existiam preços relativos estabelecidos em pesos de cobre ou prata e as pessoas deviam conhecê-los. Mas os objetos só têm valor se

alguém quiser comprá-los, e o preço depende do *quanto* as pessoas o querem.

Imagine a balbúrdia das negociações: digamos que uma mulher egípcia quisesse comprar roupas para sua família, mas só tivesse uma cabra bravia e um asno de temperamento ruim para trocar! Ela teria que perambular até achar uma costureira, e acabar descobrindo que ela não estava interessada em cabras ou asnos, e só iria fazer a troca por um colar. Agora, a pobre dona de casa tem que procurar alguém que tenha um colar e que queira uma de suas cabras bravias e depois voltar à costureira, só para descobrir que ele já vendeu aquela tanga e o conjunto combinando com a sandália que ela tanto queria. Droga! As compras poderiam durar um dia inteiro – e talvez você tivesse que voltar para casa com cabras bravias e um asno de temperamento ruim.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



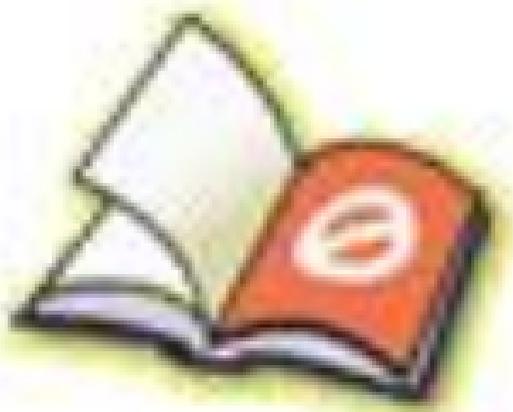
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



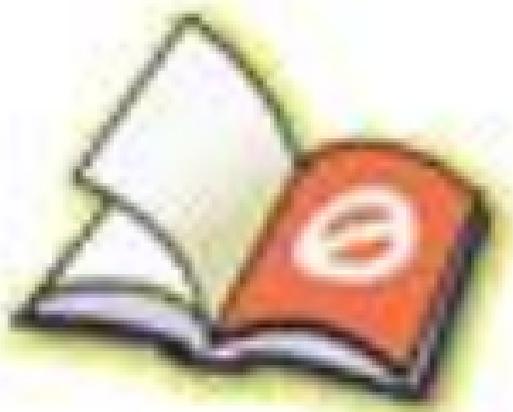
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



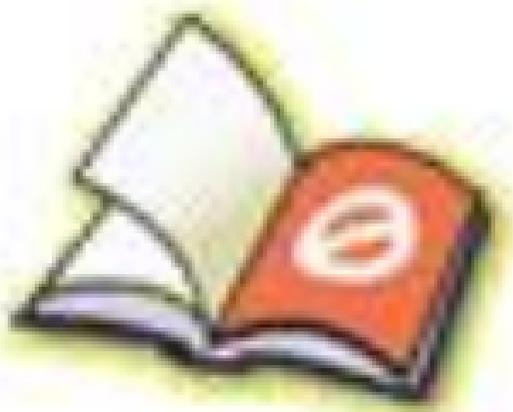
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

## *Médio Império*

A 11ª dinastia em algum momento conseguiu tomar o controle do Egito inteiro, unificando-o e dando início ao período chamado Médio Império. A unificação aconteceu durante o reinado do quarto rei, Mentuhotep I (2125-2055 a.C.).

Durante a 11ª dinastia, os governadores ganharam força, e, embora o país estivesse sendo controlado por um único rei, este dependia dos outros governantes. Assim, o rei precisava recorrer a eles para ajudar a formar um exército, com cada região treinando jovens para campanhas militares, expedições ou patrulha de fronteiras.

Porém, no final do reinado de Senusret III (12ª dinastia), o rei tinha recuperado controle suficiente para formar um exército sem o auxílio dos governadores.

Os reis do Médio Império foram muito astutos na expansão das fronteiras do Egito, que lentamente chegaram até a Núbia. A cada expansão bem-sucedida, eles protegiam o lugar construindo uma fortaleza. Por exemplo:

- ✓ Amenemhat I da 12ª dinastia construiu uma série de fortalezas ao norte do Delta para proteger as fronteiras de ataques dos asiáticos.
- ✓ Entre os reinos de Senusret I e III, foi erigida uma série de fortalezas na Núbia – dez próximas à segunda catarata do Nilo, além da fronteira entre o Egito e a Núbia – para prevenir uma invasão dos núbios e para controlar as minas de ouro e as pedreiras da região.

Às vezes, as fortalezas eram excessivamente grandes apenas para provar que os reis do Médio Império eram uma dinastia militar e para mostrar aos núbios que os egípcios tinham chegado para ficar.

As dez fortalezas próximas à segunda catarata compartilham vários elementos arquitetônicos, como:

- ✓ **Bastiões** (partes salientes nas paredes das torres) de onde os soldados atiravam nos inimigos.
- ✓ **Muros** construídos com tijolos de lama e amplas fundações de pedra. Os largos muros tinham um passadiço no topo para que os soldados pudessem patrulhar a área.
- ✓ **Fossos** cercando os muros, para criar um obstáculo a quem tentasse entrar na fortaleza. Os fossos eram pintados de branco para facilitar a visualização de pessoas a partir dos muros.
- ✓ **Escadas fechadas** que iam até o Nilo, por onde os suprimentos chegavam e de onde podiam atacar. As escadas eram as partes mais seguras do forte.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

## Criação de um Exército: A Chave para o Novo Reino



O começo do Novo Império (1555 a.C.) presenciou várias mudanças no controle e na organização do governo. Mas a principal mudança – e a mais bem-sucedida – foi a introdução de um exército permanente. Antes do Novo Império, quando o rei precisava de um exército, os governadores locais eram encarregados de recrutar jovens aptos de suas regiões. Amósis, no entanto, viu uma falha neste método e introduziu um exército permanente.

Assim como em todas as posições no Egito, as funções militares eram passadas de pai para filho (veja o Capítulo 2). Todavia, com base nos registros das promoções militares, homens egípcios, inclusive os analfabetos, podiam se tornar soldados e subir na hierarquia. Antes da introdução do exército permanente, os egípcios podiam ganhar poder político ou chegar ao trono apenas por burocracia ou através do sacerdócio.

### Alistamento

O treinamento para o exército podia começar a partir dos cinco anos de idade, embora o serviço militar profissional não começasse até os vinte. Recrutas mais velhos podem ter se alistado como parte do serviço nacional, com a exigência de servirem pelo menos um ano antes de voltarem para suas aldeias. Porém, após o treinamento, eles podiam ser convocados a qualquer momento.

Assim como hoje em dia, os novos recrutas militares precisavam cortar os cabelos. Imagens desse processo foram descobertas em tumbas. Os cortes de cabelo criavam um elemento de uniformidade entre os pelotões.

Textos preservados também descrevem a vida de um novo recruta no exército. Eles recebiam uma “surra moral” como forma de desmoralizá-los a fim de torná-los mais flexíveis e suscetíveis ao recebimento de ordens.

O regime de treinamento era severo e incluía:

- ✓ Levantamento de pesos, utilizando sacos de areia
- ✓ Luta livre
- ✓ Pugilismo
- ✓ Arremesso de facas em alvos de madeira para aprimorar a mira



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



## Policciamento e coleta de impostos

Quando não estavam envolvidos em combates militares, os soldados frequentemente eram empregados no policiamento e cobrança de impostos.

Um texto do reinado de Horemheb (18ª dinastia) fala de um caso de tribunal entre alguns soldados e pagadores de impostos: os soldados foram coletar os impostos, então surrupiaram metade do que foi recebido, e tiveram a cara de pau de dizer que nunca sequer o receberam. O rei decretou que os camponeses não deveriam ser punidos por sonegação se seu pagamento tivesse sido roubado (o que é mais que justo). Os soldados foram punidos com 100 chibatadas e cinco cortes e foram obrigados a devolver os artigos que pegaram.

No período greco-romano (332-30 a.C.), os militares ainda eram usados para a coleta

de impostos. Um registro fala de um coletor de impostos, Timcyenes, que pediu para que seu chefe enviasse alguns soldados para ajudá-lo a coletar impostos de um aldeão relutante.

*Eu recolhi os impostos de todos os moradores da aldeia, exceto de Johannes... ele se recusa a pagar o que deve... por favor, envie dois soldados à vila onde ele se encontra, pois assim nós poderemos conseguir receber o dinheiro devido.*

Os historiadores não sabem se os soldados obtiveram êxito, mas os registros indicam que eles tinham bastante poder de persuasão – sem dúvida com a ajuda de grandes porretes.

## Como se alimentavam os soldados: Cardápio militar

Os soldados geralmente tinham que carregar seus suprimentos com eles (assim aumentando o peso de suas bagagens). Alexandre, o Grande registrou que seu exército de 10.000 homens e 2.000 cavalos tinha um consumo diário de:

- ✓ 14 toneladas de grãos
- ✓ 18 toneladas de forragem
- ✓ 90.000 litros de água

Os soldados recebiam pouco menos que dez pães por dia, que eles carregavam em bolsas e cestos. Esses pães (que provavelmente estavam mais para biscoitos que pães mesmo) podiam criar mofo, que, apesar de os egípcios não saberem disso, era uma forma de antibiótico natural.

Os soldados também carregavam ingredientes para fazer os pães se tivessem acesso a um forno em sua rota ou tempo para construir um enquanto estivessem acampados.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Os soldados comuns provavelmente só tinham seus cabelos como uma forma de proteção para a cabeça. Alguns soldados do Médio Império tinham cabelos enrolados e muito besuntados que criavam uma camada esponjosa – um estilo que tornava difícil para os inimigos agarrarem.

- ✓ **Coroa de batalha:** acredita-se que a coroa azul dos reis do Novo Império fosse um capacete de batalha, provavelmente feito de couro, com discos de prata ou electrum (uma liga de prata e ouro). Porém, nenhuma coroa real foi descoberta, então não se sabe se as coroas de batalha eram usadas.
- ✓ **Luvas:** devido ao clima, elas não eram comumente usadas senão pelos condutores de carruagem de alto status. As luvas eram feitas de couro ou linho grosso para prevenir que as mãos dos reis se arranhassem.
- ✓ **Saiotes:** a maior parte dos membros do exército usava uma peça de linho triangular dobrada em forma de uma saia. Alguns relevos indicam que a parte frontal pode ter sido reforçada para aumentar a proteção. Uma peça de madeira, descoberta em uma tumba representando a divisão dos arqueiros núbios, mostra-os usando uma saia vermelha e verde, que pode ter sido feita de couro para maior proteção.

Os soldados usavam uma peça de couro sobre as saias simples de linho. Essas peças podiam ser feitas de uma pele inteira de gazela, raspadas com uma faca afiada para dar maior flexibilidade. Uma emenda de couro era acrescentada na parte posterior para ficar mais confortável ao sentar.

Embora os relevos pintados mostrem apenas essas vestimentas básicas, os soldados provavelmente usavam outras, especialmente nas noites de inverno. Os relevos encontrados nas tumbas geralmente mostram os soldados em seus “uniformes de gala”, em vez de dar uma representação realística das vestimentas de batalha.

### ***Proteção religiosa***

Além dos equipamentos e das armas que os soldados egípcios levavam com eles (lanças, escudos, adagas, arcos e flechas), os relevos das batalhas e registros arqueológicos mostram que os militares não confiavam somente nas armaduras, mas também em ícones religiosos para proteção.

O ícone mais proeminente era as asas que o rei usava. Essas asas pertenciam a Hórus e envolviam o busto do soberano, mostrando que ele estava protegido pelo deus. Foi descoberto um par dessas asas na tumba de Tutankamón. (Elas eram feitas de linho, logo, não ofereciam nenhum tipo de proteção senão a religiosa.)

As joias eram tanto funcionais quanto decorativas, já que o rei as usava como uma forma de proteção. Uma peça, também encontrada na tumba de



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

## Contabilidade dos lucros



Após a queda de Megido e a batalha em Kadesh (veja a caixa de texto “Sandice”), os soldados egípcios ficaram com muitos despojos para aumentar suas remunerações (veja o Capítulo 3 para informações sobre salários). É claro que o rei também aproveitou os lucros da guerra. Os anais de Tutmés III em Karnak incluem uma lista de despojos com os seguintes detalhes:

*[Estes são] Todos os artigos daquelas cidades sobrepujadas que foram trazidos para sua majestade: 38 de seus senhores, 87 filhos infantes do inimigo e dos chefes que estavam com eles, 5 de seus senhores, 1.796 homens e mulheres escravos com seus filhos, não combatentes que se renderam devido à fome, 103 homens; total 2.503. Além de bandejas de pedras preciosas e ouro, vários jarros, um grande vaso de duas alças de manufatura síria, vasos, bandejas, pratos, várias taças, 3 caldeirões, 87 facas, totalizando 784 deben. Anéis de ouro e prata encontrados nas mãos dos combatentes, 966 deben e 1 kidet [ambos pesos de metal]. Uma estátua de prata forjada com cabeça de ouro, o cetro com rostos humanos; 6 cadeiras de marfim, ébano e alfarrobeira, cobertas com ouro; 6 escabelos; 6 mesas grandes de marfim e alfarrobeira; um cajado de alfarrobeira, coberto com ouro e pedras preciosas, na forma de um cetro; uma estátua do inimigo, de ébano coberto com ouro, sua cabeça é encrustada de lápis-lazúli; vasos de bronze e muitas roupas.*

Infelizmente, os egiptólogos não sabem o que aconteceu com esses despojos e como foram incorporados à economia egípcia.

## A Mudança de Religião

Outro rei da 18ª dinastia que ganhou fama mundial por milhares de anos foi o rei herege, Akhenaton (1350-1333 a.C.). Ele ficou conhecido por transformar a religião do antigo Egito, que cultuava centenas de deuses, em uma religião que cultuava apenas um – *Aton*, ou disco solar. A Figura 4-2 mostra o rosto de Akhenaton.



As grandes mudanças de Akhenaton na religião foram produtos do monoteísmo, como comentaristas frequentemente dizem. Embora Aton tenha sido elevado à posição de deus supremo, apenas Akhenaton e sua família podiam cultuá-lo. O rei também elevou a si próprio à posição de deus intermediário único e absoluto, mais divino do que qualquer outro rei, e todos os demais tinham que cultuá-lo! Então, no sistema de Akhenaton não havia somente um deus, mas dois.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ao abandono dos deuses tradicionais – o que fez as massas ficarem ansiosas para voltar a cultuá-los.



Akhenaton morreu no ano 17 de seu reinado, quando passara dos seus 30 anos. Ele não deixou nenhum herdeiro do sexo masculino conhecido, exceto, possivelmente, por Smenkhkare, um personagem misterioso que foi corregente de Akhenaton por três anos (veja a seção “Casado com o mistério”, anteriormente neste capítulo). Alguns acreditam que Smenkhkare era Nefertiti, embora a evidência não seja conclusiva. Smenkhkare então governou por alguns meses antes de morrer, presumivelmente em decorrência da peste também. (Você não iria querer ser um membro desta família, iria? Eles parecem azarados!)

Quando Smenkhkare morreu, existia apenas um herdeiro que poderia assumir o trono: o famoso Tutankamón – uma criancinha de 7 ou 8 anos.

## Como se Criava um Rei: Tutankamón

Tutankamón é um nome que remete à imagem de ouro e riqueza devido aos incríveis esplendores encontrados em sua tumba. Antes da descoberta da tumba sabia-se muito pouco sobre este rei – e, para ser honesta, depois que ela foi aberta as coisas não mudaram muito.



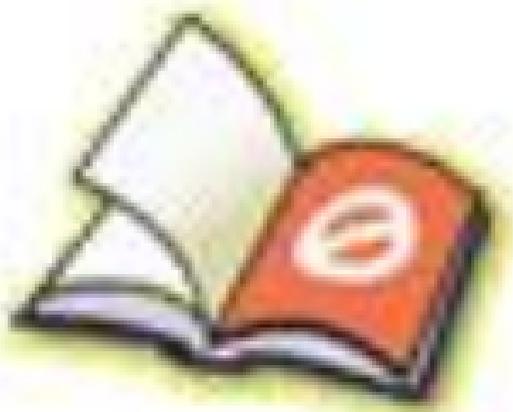
Existem muitas lacunas sobre a vida de Tutankamón e a maioria dos estudos se concentra nos tesouros de sua tumba. Muitos desses tesouros foram confeccionados para seu túmulo e talvez nem tenham feito parte da vida do rei. No entanto, o mistério que o envolve tem intrigado as pessoas desde a descoberta da tumba em 1922. Sem dúvidas, Tut continuará a interessar as pessoas por mais 100 anos.

### Só em família

Os historiadores acreditam que Tutankamón nasceu entre os anos 7 e 9 do reinado de Akhenaton, possivelmente em Amarna. Originalmente chamado Tutankaton (“a imagem viva de Aton”), seu nome foi mudado quando ele se tornou rei.

Os egiptólogos não podem nem chegar a um consenso sobre quem foram os pais de Tutankamón. Entre as teorias estão:

- ✓ Akhenaton e Kiya (uma esposa secundária)
- ✓ Akhenaton e Tadukhipa (uma princesa mitaniana)
- ✓ Amenhotep III e Tiy (o que faria de Tutankamón irmão de Akhenaton)
- ✓ Amenhotep III e Sitamón (irmã de Akhenaton)



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



- ✓ Ay (possivelmente tio-avô de Tutankamón) tornou-se rei, embora o general do exército de Tutankamón tivesse o título de vice-rei. Porém, Ay passava dos seus 60 anos, considerado velho, quando chegou ao trono, e governou por apenas quatro anos antes de morrer.
- ✓ Horemheb sucedeu Ay no trono e governou por mais de 30 anos. Ele deu continuidade ao trabalho de restauração de Tutankamón.

A ação mais importante de Horemheb foi a nomeação de Parameses, um general de seu exército, como seu sucessor. Horemheb poderia ser chamado do fundador da 19ª dinastia, já que foi ele que encontrou e promoveu Parameses (que se tornou Ramsés I ao assumir o trono) entre os insubordinados membros do exército.

Tutankamón, Ay e Horemheb começaram a restabelecer as fronteiras do Egito, mas o processo precisava continuar. Ramsés I chegou ao trono já idoso e governou por apenas um curto período (1293-1291 a.C.).

## A batalha de Kadesh, Parte I

O reino do filho de Ramsés I, Seti I (1291-1278 a.C.), presenciou o surgimento de vários problemas políticos, que viriam a piorar através dos reinados de Ramsés II e Ramsés III (veja a seção "Lutando a boa batalha: Ramsés II", posteriormente neste capítulo, para mais informação).



No começo de seu reinado, Seti I lançou uma série de campanhas para restabelecer as fronteiras do decadente império Egípcio, que foram negligenciadas durante os reinados de Akhenaton e Smenkhkare. Em seu primeiro ano no poder, Seti embarcou em uma campanha até a Síria, pois foi avisado por seus conselheiros:

*Os inimigos Shasu estão tramando uma rebelião! Seus líderes tribais estão reunidos em um lugar que fica na base das colinas de Khor [um termo geral para a Palestina e a Síria], eles estão engajados em levantes e motins. Cada um deles está matando seu companheiro. Eles não respeitam as leis do palácio [um eufemismo para o rei].*

Durante a jornada à Palestina, chefes menores atacaram Seti, mas, por sorte, o exército não teve problemas para repeli-los. Esses ataques foram mais irritantes do que ameaçadores para o rei, mas ainda precisavam ser controlados, pois as ações dos chefes colocavam em perigo a rota comercial da qual os egípcios dependiam.

No ano seguinte, Seti viajou mais ao norte para Kadesh, uma cidade fortificada na Síria e cercada por dois fossos com águas do rio Orontes. Os hititas que controlavam a cidade estavam parados na costa síria, deixando a cidade com pouca defesa. Os egípcios tomaram a cidade sem muito esforço e Seti declarou ter feito "uma grande pilha de corpos" dos soldados inimigos.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Isetnofret, a outra esposa de Ramsés, teve pelo menos seis filhos:

- ✓ **Ramsés** (segundo filho) foi general do exército e coroado príncipe após a morte de seu meio-irmão Amenirkhepshef. No ano 30, ele foi juiz no julgamento de um oficial da tesouraria de Tebas e sua mulher, que estavam roubando os cofres reais.
- ✓ **Bintanath** (segunda filha) casou-se com o pai.
- ✓ **Khaemwaset** (quarto filho) foi coroado príncipe depois que seu irmão Ramsés morreu. Khaemwaset é o filho mais documentado de Ramsés II. Aos 5-6 anos, ele foi lutar com seu pai e seu meio-irmão Amenhirwenemef em uma campanha na Núbia. Khaemwaset então se tornou alto sacerdote de Ptah, um deus associado aos cultos funerários.
- ✓ **Merenptah** (13º filho) sucedeu Ramsés II no trono. Nos últimos 12 anos do reinado de Ramsés, Merenptah governou o Egito como corregente e então se tornou rei após a morte de seu pai.
- ✓ **Isetnofret II** casou-se com seu irmão Merenptah.

Outros filhos de Ramsés foram registrados, embora os nomes de suas mães não tenham sido identificados; daí pode-se concluir que tenham sido filhos de esposas menos importantes ou concubinas.

O trono finalmente passou para Merenptah, o 13º filho de Ramsés com Isetnofret.

## *Seguindo os passos do pai: Kadesh, Parte II*

Ramsés é bem conhecido por muitas coisas, mas é lembrado em particular por sua espetacular batalha em Kadesh contra os hititas, no quinto ano de seu reinado. Embora Seti tenha vencido em Kadesh uma vez, a falta de poder militar do Egito permitiu aos hititas tomar as fronteiras egípcias. Ramsés precisou impedir os hititas antes que pudessem se aproximar mais ainda. Pela primeira vez na história do país, o Egito foi o agressor em uma batalha.

O rei hitita, todavia, havia antecipado o ataque e recrutado um grande exército em uma coalizão com vários estados vizinhos – 16 províncias diferentes – que incluía:

- ✓ 2.500 carruagens, cada uma com 3 homens
- ✓ Dois grupos de cavalaria, totalizando 18.000-19.000 homens



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Essa vitória permitiu que o povo egípcio vivesse em paz novamente. Os registros contam que agora os egípcios podiam “caminhar livremente pelas estradas” e “sentar para conversar sem nenhum medo em seus corações”. É o que todo mundo deseja na verdade.

É claro que a paz não duraria, como um futuro sucessor de Merenptah, Ramsés III, viria a saber em breve, já na 20ª dinastia.

## *Navegando para a Vitória: Ramsés III*

O reinado de Ramsés III (1182-1151 a.C.) foi difícil. Foi assolado por invasões, sendo a mais importante um ataque posterior dos líbios e dos Povos do Mar.

### *Mais batalhas com os Povos do Mar*

A invasão dos líbios no ano 5 do reinado de Ramsés III foi muito semelhante àquela que Merenptah enfrentou (veja a seção “Correria nas fronteiras: Merenptah”, anteriormente neste capítulo). Um forte exército de 30.000 homens, um misto de líbios e dos Povos do Mar enfrentaram Ramsés III. Os registros contam que Ramsés III matou 12.535 homens e tomou 1.000 prisioneiros – uma grande vitória, mesmo que só segundo os registros.

Porém, na realidade, os Povos do Mar foram o primeiro exército forte o suficiente para combater os hititas e vencer, assim controlando o comércio no Oriente Próximo, tanto na terra quanto no mar. Em terra, os Povos do Mar lutavam da mesma forma que os hititas, com carruagens de três homens. Mas suas naus eram menores que as embarcações egípcias, sem remadores separados. Ao invés disso, os próprios soldados dos Povos do Mar remavam, o que significa que não podiam lutar e se locomover ao mesmo tempo. Esta foi uma grande desvantagem contra as embarcações egípcias, que tinham 24 remadores só nesta função, protegidos por costados altos, mais um contingente de soldados.



Ramsés enfrentou os Povos do Mar tanto em terra quanto no mar e teve êxito em ambos. Sua batalha naval foi uma das primeiras registradas na história. A frota egípcia seguiu a frota dos Povos do Mar até as “desembocaduras do Delta”, os armadilhando entre as naus egípcias e o mar, onde os egípcios os esperavam para atacá-los com flechas. Esses Povos do Mar não tinham muita chance mesmo.

Os egípcios usaram flechas em chama contra os barcos dos Povos do Mar e mataram a maioria dos soldados inimigos. As naus egípcias então abateram os barcos inimigos com suas proas decorativas antes de atirarem cordas com



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

A única rainha poderosa era a Grande Esposa Real, que era equivalente à “primeira dama” do país. (Embora os reis normalmente tivessem apenas uma Grande Esposa Real, Ramsés II teve duas: Nefertari e Isetnofret.)

No Antigo Império, a Grande Esposa Real tinha o direito de ter sua própria pirâmide e, no Novo Império, seu nome era escrito em uma cartela como a do rei (veja o Capítulo 11 para mais informações sobre as cartelas).



Embora a Grande Esposa Real fosse importante, o título não era permanente. O rei podia promover qualquer esposa a esta posição se ela o agradasse – normalmente dando-lhe um filho se a atual Grande Esposa Real não tivesse um ou se esta morresse. Ademais, esta rainha só tinha uma função complementar para o rei, atuando como acompanhante, mas nunca participava de rituais reais ou cerimônias realizadas pelo rei.

O rei podia ter vários filhos com suas muitas esposas, embora saber se o filho era realmente dele seja impossível – especialmente se fosse um casamento diplomático e a mulher fosse enviada para um harém distante. Na maioria dos casos, nós só sabemos o nome da Grande Esposa Real, o que às vezes dá a falsa impressão de monogamia. Na teoria, os filhos da Grande Esposa Real eram superiores àqueles das esposas menores e o mais velho herdava o trono.

## Sepultamento de uma rainha

A tumba de Hetepheres (a mãe do rei Quéops, que construiu a grande pirâmide) foi descoberta em 1925, em Gizé, e estava surpreendentemente intacta. Hetepheres pode ter sido originalmente enterrada em Dahshur, perto de seu marido, Seneferu. Ladrões podem ter violado sua tumba e seu corpo, fazendo com que seu filho a enterrasse novamente perto de seu próprio túmulo em Gizé. Porém, não foi encontrada nenhuma tumba em Dashur para apoiar esta teoria.

A câmara funerária em Gizé estava certamente cheia de artigos para uma rainha. Além do sarcófago em alabastro e uma caixa canópica (veja o Capítulo 10 para saber mais sobre este item), a tumba possuía vários móveis. A coleção foi remontada no Museu do Cairo e inclui uma grande armação de dossel (que era originalmente coberta com linho para dar à rainha privacidade quando

ela se sentasse sob ele), uma cadeira de transporte para quando ela saísse para passear, algumas cadeiras de braço e uma cama.

Havia também vários vasos de ouro, cobre e alabastro na tumba da rainha. Estes itens estavam originalmente cheios de vinho, cerveja e óleo. Algumas das joias da rainha também se preservaram e consistem de 20 lindos braceletes de prata, cada um encrustado com turquesas, lápis-lazúli e libélulas de cornalina.

Embora a urna funerária de Hetepheres contivesse os restos de seus órgãos preservados, o sarcófago estava, para nossa decepção, vazio. Se estava vazio por que a rainha foi reenterrada ou os vestígios foram roubados continua sendo um mistério arqueológico.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Como Segunda Profeta de Amón, Ahmose-Nefertari trabalhou como vice de Ah-hotep, com o entendimento de que ela poderia herdar sua função.

O título Esposa do Deus Amón era inicialmente passado de mãe para filha, embora, na 23ª dinastia e no reino de Osorkon III, essas mulheres da realeza fossem obrigadas a ser celibatárias e tinham que adotar uma “filha” para assumir este papel.

A Esposa do Deus Amón era uma posição de grande poder, especialmente no Templo de Karnak. Nas 19ª e 20ª dinastias, esse título permitia que a família real tivesse poder igual ao dos Altos Sacerdotes no templo – e, subornando os oficiais locais, esse poder se expandia ainda mais.

Embora vários nomes das Esposas do Deus Amón sejam conhecidos, suas funções exatas são desconhecidas. Da 21ª dinastia (por volta de 1080 a.C.), os historiadores sabem que a Esposa do Deus Amón executava várias tarefas associadas ao reino, refletindo o poder do título. Elas especialmente:

- ✓ Escreviam seus nomes em cartelas (veja o Capítulo 11 para mais informações sobre as cartelas).
- ✓ Adotavam nomes de trono (um segundo nome adotado após receber o título, um privilégio normalmente reservado aos reis).
- ✓ Eram representadas em suas próprias capelas sendo amamentadas pela deusa Hator, o que demonstra sua divindade.
- ✓ Eram tratadas pelos subordinados como “Sua Majestade”.

No reino de Osorkon III (23ª dinastia), a Esposa do Deus Amón era o poder por trás do trono. Osorkon obrigou o Alto Sacerdote de Amón a doar todos os seus bens à Esposa de Amón, assim diminuindo o poder dele. Como a Esposa do Deus Amón era parente do rei, ela estava sob seu controle, o que essencialmente transferia o poder dela para o rei – um plano ardiloso e um tanto complicado.

Na 23ª dinastia, a Esposa do Deus Amón também recebia o título de “Mão do Deus”, uma referência à história da criação, quando o deus Amón se masturbou para criar a próxima geração de deuses. Não se sabe se este título tinha uma função específica ou relativa aos rituais, mas isso nos deixa encucados.



## *O gozo dos privilégios*

Quando uma rainha recebia o título de Esposa do Deus Amón, também recebia uma propriedade agrícola e uma pessoal. Com esses recursos, ela poderia construir um patrimônio para a vida inteira, que mantinha para si ou usava para subornar os oficiais locais.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Para lhe dar uma ideia geral sobre o fim do antigo império egípcio, esses mais de mil anos podem ser destacados da seguinte forma:

- ✓ **Terceiro Período Intermediário (1080-525 a.C.):** caracterizado por vários governantes exercendo o poder ao mesmo tempo em diferentes regiões do Egito.
- ✓ **Período Tardio (525-332 a.C.):** caracterizado pela invasão estrangeira e mudanças regulares de dinastias.
- ✓ **Período Greco-romano (332-30 a.C.):** começou com a invasão de Alexandre, o Grande e resultou em drásticas mudanças culturais devido ao influxo de gregos no Egito.

## *Divisão das Duas Terras: Ramsés XI e o que Veio Depois*

O declínio do império egípcio começou durante os primeiros anos do reinado de Ramsés XI (1098-1070 a.C.).

O poder do rei diminuía lentamente devido principalmente a problemas econômicos. Os sacerdotes de Amón estavam aumentando seu poder e riqueza. (Ironicamente, o rei contribuiu com esse aumento de poder ao dar presentes, ofertas e construção de obras no templo de Karnak em Luxor.) Até que chegou um ponto em que os sacerdotes tinham quase tanto poder quanto Ramsés XI; o rei tinha o controle do exército – uma diferença que o mantinha em vantagem.

Problemas aconteceram quando o vice-rei da Núbia, Panesi, entrou em conflito com o alto sacerdote de Amón, Amenhotep. Panesi predominou por nove meses, impedindo que o alto sacerdote realizasse suas tarefas religiosas. Finalmente Amenhotep recorreu a Ramsés XI.

Como um rei muito religioso, Ramsés lutou contra Panesi. Panesi finalmente foi exilado na Núbia e Amenhotep recuperou sua posição de alto sacerdote e continuou nela por vários anos até ser sucedido por Herihor.

### *O poder sobe à cabeça de Herihor*



Ramsés XI manteve uma boa relação com os sacerdotes de Amón e outorgou a Herihor os títulos militares anteriormente possuídos por Panesi, que estava exilado. Esse foi um grande erro, pois pela primeira vez um homem possuía títulos religiosos e militares, o que tornou Herihor mais poderoso que Ramsés.

Herihor se aproveitou ao máximo da situação e tomou o cargo de rei enquanto o pobre Ramsés XI ainda estava vivo. Deve ter ficado claro para Ramsés que Herihor só estava esperando que ele morresse para completar seu plano. Sem dúvida, ele ficou de olho, só por cautela.

Embora Herihor tenha morrido antes de poder tornar-se um verdadeiro rei, ele adotou uma cartela (veja o Capítulo 11) e passou sua posição elevada para o genro Pianhky, que também governou ao mesmo tempo que Ramsés da mesma forma. Quando Ramsés XI finalmente morreu, em 1070 a.C., quatro anos após o início do governo de Pianhky, este continuou governando Tebas como rei em seu próprio direito, embora tenha sido apenas por alguns meses.

Apesar dessa nova elevação dos sacerdotes de Amón, seu poder não se estendeu para além da região de Tebas – provavelmente por falta de interesse dos sacerdotes.

## ***Governo do norte: Os reis de Tanis***

Enquanto os altos sacerdotes de Amón estavam governando no sul do Egito, o norte era governado por Smendes (1069-1043 a.C.), um homem de origens um tanto obscuras. Ele governava na área de Tanis, no leste do Delta (consulte o mapa da Folha de Cola), a área foi construída a partir dos restos da cidade de Ramsés II, Pi-Ramsés. Smendes legitimou sua exigência de assumir o trono casando-se com a filha de Ramsés XI.

Smendes foi sucedido no trono por Psusennes I (1039-991 a.C.), que permitiu que sua filha se casasse com o alto sacerdote de Amón, Menkheperre. Esta união indica que existia uma boa relação entre os governantes do norte e do sul.

Essa relação geralmente positiva entre o norte e o sul continuou durante o restante do terceiro período intermediário e de uma certa forma no período seguinte também. A dinastia tanis, conhecida como 21ª dinastia, durou aproximadamente 350 anos, prosperando nesse período e aprimorando o comércio e a economia – embora apenas as pessoas do norte tenham desfrutado dessa melhora.

O cemitério dos reis tanis foi descoberto em 1939 e possuía o único sepulcro real intacto encontrado no Egito. (Mesmo a tumba de Tutankamón foi roubada na antiguidade pelo menos duas vezes.) Os artefatos nessas tumbas eram impressionantes, mas não receberam o reconhecimento que mereciam, porque a mídia estava ocupada cobrindo a Segunda Guerra Mundial. As interessantes descobertas incluíam:



- ✓ **O conjunto sepulcral de Psusennes I.** A múmia de Psusennes possuía uma máscara de ouro e um caixão antropoide (com forma humana) de prata maciça. Esses itens foram colocados em um sarcófago originalmente usado por Merenptah, o filho de Ramsés II, o que mostra que as relações entre o norte e o sul do Egito eram ativas, apesar de serem governados por reis diferentes.
- ✓ **O caixão de Sheshonq I.** O caixão de Sheshonq é lindo e singular – uma caixa de prata em forma de falcão. Aliás, a prata era mais valiosa que o ouro, já que não era encontrada no Egito. O uso da prata destaca a riqueza das dinastias tanis e indica que as relações de comércio eram fortes.

## ***As duas terras brevemente unidas: Sheshonq I***

A 21ª dinastia tanis foi sucedida pela 22ª (945-745 a.C.), cujos membros também governaram em Tanis, mas acredita-se que tinha origem líbia. O primeiro rei desse período é Sheshonq I (945-924 a.C.), que legitimou sua exigência do trono casando-se com a filha de Psusennes II, o último rei da 21ª dinastia.

Sheshonq parece ter sido um líder líbio – especialmente um líder de Meshwesh, uma tribo nômade líbia. Sheshonq possuía títulos militares e adotou os títulos reais de Smendes, que havia governado mais de 100 anos antes. Esses títulos o ajudaram em seu desejo de assumir o trono.



Embora fosse líbio, Sheshonq I reunificou o Egito dividido e governou efetivamente tanto o Alto quanto o Baixo Egito, o que foi especialmente importante para que ele fosse aceito como verdadeiro rei do país. Ele conseguiu tomar o controle do sul, porque seu filho possuía o título de alto sacerdote de Amón, unificando o trono do norte ao sacerdócio do sul.

## ***O fim da paz de Sheshonq***

Apesar dos melhores esforços de Sheshonq I para governar um Egito unificado e manter a proeza militar da nação egípcia, o fim da 22ª dinastia causou comoção e divisão nacional. Embora o sacerdócio de Amón estivesse sob o controle do rei do norte através de laços familiares, perto do final da dinastia o alto sacerdócio passou por uma lacuna de sucessão que resultou em uma guerra civil que durou mais de uma década.

Depois que essa guerra civil terminou, a paz foi curta, com alguns levantes e hostilidades que resultou não só na divisão norte-sul, mas também na divisão central-leste no Delta, entre os chefes de Leontópolis (central) e Tanis (leste). A harmonia do reinado de Sheshonq I estava lentamente rumando para o caos.

## ***Reis demais***

Os problemas no Delta finalmente levaram a uma mudança dinástica enquanto o sétimo rei da 22ª dinastia, Sheshonq III, ainda governava em Tanis.

Mais três reis governaram nos 100 anos seguintes até o fim da 22ª dinastia, mas, enquanto isso, muitos outros governantes emergiram pelo Delta. Entre esses, Pedibast foi notável, um chefe local de Leontópolis, que assumiu o governo do Delta central e dividiu o governo egípcio em três partes. Tanto membros da família de Pedibat quanto de Sheshonq (leste) viajaram até

o sul para se unir ao sacerdócio de Amón, com o intuito de garantir que a monarquia estivesse ligada a essa poderosa facção.

Perto do fim da 23ª dinastia, a introdução de mais uma dinastia de reis provocou divisões posteriores:

- ✓ Rei Sheshonq III em Tanis (22ª dinastia)
- ✓ Rei Iupet em Leontópolis (23ª dinastia)
- ✓ Rei Peftjauabastet em Herakleópolis (23ª dinastia)
- ✓ Rei Nimlot em Hermópolis (23ª dinastia)
- ✓ Rei Tefnakht em Sais (24ª dinastia)

Cada um desses reis governou apenas uma pequena área, mas todos assumiram o título de rei plenamente e escreveram seus nomes em cartelas. Todos pareceram contentes com o arranjo e não mexeram um com o outro.



Porém, no final do período (por volta de 727 a.C.), uma ameaça muito maior, que impediu qualquer divisão posterior de acontecer, surgiu – o poder da Núbia. Na verdade, essa ameaça foi uma motivação para os reis se unirem e trabalharem em harmonia.

## O libertador líbio

Em 925 a.C., Sheshonq I entrou em guerra contra a Palestina e provou que o exército egípcio ainda era uma força com a qual se podia contar. Sua campanha chegou até a ser comparada com a de Ramsés III contra os Povos do Mar (veja o Capítulo 4). Quando o rei Salomão morreu, em 930 a.C., seu filho Roboão governava Judá e Jeroboão I, Israel (o primeiro rei da tribo de Efraim a governar Israel). Esses governantes estavam em meio a uma guerra civil quando Sheshonq decidiu provar que o Egito ainda era grande.

O exército egípcio primeiro marchou para Judá e acampou no lado de fora dos muros

de Jerusalém, que era governada pelo rei Roboão. A Bíblia conta que Sheshonq (Sisague) foi subornado com uma grande quantidade de ouro e a muito cobiçada Arca da Aliança para que não entrasse na cidade e a saqueasse.

Sheshonq continuou sua marcha a Israel até chegar a Megido, o local onde Tutmés III travou sua famosa batalha (veja o Capítulo 4). Sheshonq erigiu uma estela nesse local em comemoração à sua vitória contra a antiga Israel. Posteriormente, ele registrou suas vitórias nas pedreiras de Gebel Silsila e no templo de Karnak.

## ***O Sul Pressiona: Influências Núbias***

Por volta de 727 a.C., o poder e a influência da Núbia estavam se expandindo para o norte de suas terras até a região de Tebas. Se os núbios continuassem indo para o norte poderiam interferir na tranquilidade de suas divisões. Os reis do norte das 22ª (Tanis), 23ª (Leontópolis) e 24ª (Sais) dinastias então uniram forças para conseguirem lidar com o grupo núbio de governantes (25ª dinastia) e assim impedir que o poder deles se expandisse ainda mais.

### ***Poder crescente***

A Núbia nunca havia sido realmente uma ameaça ao Egito antes. Até o reinado de Ramsés II (veja o Capítulo 4), a área esteve sob firme controle dos egípcios, que exploravam as minas e pedreiras núbias. Depois que o poder de Ramsés II enfraqueceu, a Núbia começou a se distanciar dos egípcios e conseguiu formar sua própria capital em Napata (próximo à quarta catarata do Nilo).

Durante a 21ª dinastia, o alto sacerdote de Amón conseguiu muita influência sobre a Núbia e até construiu um grande templo para Amón em Gebel Barkal, dentro do território núbio. Os sacerdotes núbios desse templo também expandiram seu poder nas áreas vizinhas e finalmente usurparam o reinado núbio.

Esses reis núbios usavam títulos e cartelas da mesma maneira que os reis egípcios tradicionais. Depois que o reinado núbio se estabeleceu, começou a avançar para o norte do Egito, onde o reinado egípcio obviamente estava enfraquecido devido às suas numerosas divisões. Os núbios viram seu avanço como uma oportunidade de virar o jogo e, por sua vez, controlar o Egito.

### ***O Egito é o limite: Piankhy***

O rei núbio Piankhy (às vezes chamado de Piye) confrontou os reis do norte das 22ª a 24ª dinastias em 727 a.C. e saiu vitorioso contra elas. Embora ele os tenha retirado de suas posições de reis, Piankhy permitiu que eles possuíssem algum poder em suas novas posições como governantes locais, o que, honestamente, não deve ter sido nada demais comparado às suas funções de reis mesmo que de pequenas regiões.

Para reforçar sua posição plena de rei egípcio, Piankhy assumiu o sacerdócio de Amón, o que lhe deu poder absoluto sobre a região de Tebas. Os reis que o

sucederam mantiveram essa conexão com o culto de Amón, tanto em Tebas quanto na Núbia.

Apesar dessa filiação ao culto de Amón em Tebas, Piankhy decidiu governar da capital núbia de Napata. Ele foi enterrado em uma pirâmide em El-Kurru, no norte de Gebel Barkal. Posteriormente outros governantes também foram enterrados nessas pirâmides. Essas pirâmides eram bem diferentes das pirâmides do Antigo Império egípcio (veja o Capítulo 14), porque eram pequenas, mas altas e estreitas. Muitas das pirâmides núbias reuniram vários artigos de túmulos, como joias de ouro.

O sucessor de Piankhy, seu filho Shabaka, ampliou a área controlada pela dinastia núbia para incluir do sul ao norte até as fronteiras das regiões saítas no Delta.

## ***A Conquista do Oriente Próximo: Os Assírios***

Ao mesmo tempo que a influência núbia sobre o Egito se expandia, o império assírio também se expandia pelo Oriente Próximo. Vários levantes assírios aconteceram próximo à fronteira egípcia, mas os reis núbios deram conta disso.

Todavia, no reinado do faraó núbio Taharqa (690-664 a.C.), os assírios haviam dado início a vários confrontos. Ambos os lados haviam se dado bem igualmente, mostrando que eles estavam páreo a páreo. A situação deve ter sido bem enervante para a nova dinastia núbia, que há muito tempo não conseguia ganhar o cobiçado governo egípcio.

Em 671 a.C., o rei assírio, Esarhaddon, conseguiu entrar no Egito, obtendo o controle do norte até Mênfis. Isto significa que o rei Taharqa teve que fugir para o sul do Egito. Embora tenham mantido o controle sobre o Delta, os assírios partiram e só retornaram em 669 a.C. Porém, Esarhaddon morreu no meio-tempo e foi sucedido por seu filho Ashurbanipal, que finalmente conseguiu o controle do Egito.

Ashurbanipal assumiu de fato o controle de Tebas em 661 a.C., tornando-se o rei do Alto e do Baixo Egito. Isto fez com que Taharqa e seus sucessores fugissem mais para o sul da capital núbia, Napata, fora das fronteiras do Egito para nunca mais voltar.

## O Período Saíta: Psamtik I e Outros

Depois de 665 a.C., os assírios estavam com o controle do Egito – embora tenham escolhido gente do lugar para assumir a função de rei, sob o controle deles, claro. O Egito agora era um estado vassalo do império assírio. A capital localizava-se em Sais, no Delta, e os reis do período saíta formaram a 26ª dinastia. (Devido ao fato de a 25ª dinastia núbica ainda estar no poder quando os assírios tomaram o norte, ambas as dinastias coexistiram.)

Psamtik I (664-610 a.C.) da 26ª dinastia saíta foi encarregado de consolidar o controle assírio em todo o Egito, inclusive em Tebas. Samtik enviou sua filha Nitocris ao templo de Amón, em Karnak, onde ela recebeu o título de Esposa do Deus Amón, o que a colocou em uma alta posição na hierarquia do culto. Essa combinação de poder real e religioso – assim como a riqueza do culto – assegurou que o norte e o sul fossem governados por apenas um indivíduo.

O Egito unificado não era estável todavia, e Psamtik foi forçado a se unir a um exército para dar conta de todos os pequenos líderes que haviam surgido no Delta. Todos eles queriam uma parte do controle do Egito e os assírios queriam apenas um governante, que era mais fácil de controlar.

### O retorno às tradições



Em seus 50 anos, ou quase, de reinado, Psamtik trouxe várias mudanças ao Egito. Ele tentou trazer o país de volta às tradições do passado para mostrar uma continuidade da cultura. Para fazê-lo, ele reintroduziu vários dos elementos religiosos e artísticos e rituais do Império Antigo e do Médio.

Porém, ser um rei verdadeiramente tradicional em um Egito tradicional significava liberdade da influência dos estrangeiros. A eliminação das influências externas foi difícil de ser conseguida, mas é o que Psamtik fez. Em 653 a.C., após vários problemas internos terem enfraquecido os assírios, Psamtik se livrou deles e conquistou o controle do Egito por direito. Essa separação significou que o Egito voltou a ser a potência do Oriente Próximo.

### Na marinha

O sucessor de Psamtik, Nekau II, continuou a melhorar o status do Egito no Oriente Próximo e tomou o controle da Síria-Palestina mais uma vez. Nekau formou a primeira marinha egípcia oficial, que incluía vários gregos jônios. Antes disso, o Egito possuía uma população predominantemente ribeirinha, sem nenhuma necessidade real de uma marinha.

Durante a 26ª dinastia, o comércio entre os egípcios e os gregos cresceu e a rede de comércio dos últimos aumentou enormemente. Para aumentar o volume de negócios no Egito, Nekau iniciou a construção de um canal,

unindo o Wadi Tumilat ao Mar Vermelho – 2.500 anos antes do canal de Suez ser construído com o mesmo propósito. O canal inteiro era amplo o suficiente para permitir a passagem de uma esquadra comercial e transformou as relações comerciais do Egito.

### ***Apaziguando as massas***

Devido às crescentes relações comerciais durante esse período, vários imigrantes estrangeiros se estabeleceram no Egito, principalmente na região do Delta. A princípio eles eram relativamente pacíficos, mas, no reinado de Ahmose II (conhecido como Amasis; 570-526 a.C.), várias guerras civis estouraram entre diferentes grupos estrangeiros.

Ahmose tentou limitar esses conflitos, dando direitos de comercialização específicos aos estrangeiros que viviam na cidade de Naukrats, no Delta; desta forma criando uma espécie de “zona franca” para os imigrantes no Egito. Alguns podem ver essa ação como injusta com os nativos que viviam lá, mas pelo menos o conflito parou, o que posteriormente encorajou as relações comerciais e a imigração no Egito.

### ***Não está nem frio ainda***

A separação de Psamtik dos assírios (veja a seção “O Retorno às Tradições”, anteriormente neste capítulo) levou a um declínio gradual e um eventual colapso do império assírio, o que fez do Egito a nação mais poderosa da região novamente. Essa condição não durou muito, porque todo mundo queria preencher a lacuna deixada pelos assírios. Os reis assírios enfraquecidos estavam sob o ataque de muitos povos, incluindo:

- ✓ Os babilônios, sob o controle do rei Nabopolasar
- ✓ Os medos (antigos iranianos)
- ✓ Os citas (povos da atual Ucrânia e sul da Rússia)

Os assírios até chegaram a pedir a Psamtik que os ajudasse com esses ataques. Mesmo assim, eles perderam e, em 612 a.C., o império assírio acabou com a queda de Nínive sob o ataque do exército persa.

A comemoração do colapso desse antes grande império não durou muito no Egito, porque os persas logo depois marcharam para o país, invadiram suas fronteiras e tomaram o trono em 525 a.C. O inexperiente rei, Psamtik III tentou impedir os persas de assumir o controle do Egito. Porém, Psamtik foi perseguido até Mênfis antes de ser capturado e transportado à capital persa como prisioneiro de guerra, deixando o Egito desprotegido sem um rei.

Mais uma vez, a invasão levou a *outra* série de reis e *outra* dinastia (a 26ª), dando início ao período tardio da história egípcia.

## O Estabelecimento dos Persas

A 27ª dinastia, persa, durou mais de 100 anos (525-404 a.C.) e foi registrada por Heródoto. Ele dá três possíveis razões pelas quais o rei persa Cambises II invadiu o Egito, embora não estivesse certo da confiabilidade de quaisquer delas:

- ✓ Cambises queria uma concubina egípcia e lhe enviaram uma mulher de segunda da nobreza, em vez de uma princesa; então ele invadiu o Egito.
- ✓ Cambises pode ter sido meio egípcio, talvez o filho ilegítimo da filha do rei saíta Apries.
- ✓ Cambises prometeu ainda criança invadir o Egito como uma vingança por um insulto feito à sua mãe.

Se Heródoto não tinha certeza da razão para Cambises invadir o Egito, como raios poderiam os historiadores modernos ter? Seja lá qual tenha sido seus motivos, a invasão dos persas foi suja, com a ajuda dos beduínos, que os guiaram até as fronteiras do Egito. Depois que os beduínos e os persas chegaram, foram violentos e cruéis, chegaram até a remover o corpo embalsamado do rei saíta Ahmose (Amasis) e incendiá-lo. Merecido, os egípcios também não eram muito bonzinhos.



Em vingança contra a traição de um general mercenário, os egípcios puseram seus dois filhos na frente dele e do exército persa e cortaram suas gargantas. O sangue foi recolhido em uma grande bacia, misturado com água e vinho e bebido por todos os soldados. No entanto, da mesma forma que Heródoto tem dúvidas sobre as histórias de Cambises, talvez essa também seja um mito exagerado. Não existe nenhum outro registro dos egípcios bebendo sangue humano.

### Governando o Egito à distância

Embora Cambises e os persas tenham enfrentado os gregos e os egípcios e vencido, eles não pretendiam ficar no país de sua vitória. Cambises viveu e foi enterrado na Pérsia (atual Irã). Durante seu reinado (525-522 a.C.), ele contratou um governador de província para governar o Egito em seu nome – embora tenha sido representado no país como egípcio, com seus nomes escritos em uma cartela como um governante tradicional.

Por outro lado, seu sucessor Dário I (521-486 a.C.) teve muito interesse no Egito. Ele construiu vários templos e instigou diversas reformas do Delta a Assuã. Dário também deu continuidade e terminou a construção do canal entre Wadi Tumilat e o Mar Vermelho que os saítas da 26ª dinastia começaram.

Em 486 a.C., apesar da influência positiva que Dário tinha no Egito, os egípcios se revoltaram. Essa revolta não terminou até que o próximo rei, Xerxes, chegou ao trono. Seu reinado (485-465 a.C.) não foi pacífico e depois, ainda em seu reinado, os gregos invadiram o Egito.

Após um breve período de tranquilidade, Xerxes foi assassinado no meio de outra revolta egípcia. Essa batalha continuou por algum tempo, com o rei persa sendo derrotado pelos descendentes da 26ª dinastia do Delta com o auxílio de mercenários gregos.

Os egípcios finalmente conseguiram assumir o controle durante os reinados de seus dois últimos reis do período persa, Dário II (423-403 a.C.) e Artaxerxes II (405-359 a.C.), após vários problemas na família persa, o que enfraqueceu suas defesas e os deixou vulneráveis a ataques.

## Mais dinastias ainda

O declínio da cultura egípcia realmente estava chegando em sua fase final por volta de 400 a.C., com reis assumindo o controle a torto e a direito e causando um monte de confusão. Talvez a situação fosse menos confusa para os egípcios antigos!

- ✓ **A 28ª dinastia** (404-399 a.C.) consistiu de apenas um rei pouco conhecido, chamado Amirtaeus, que obteve sucesso após seis anos de guerrilha contra os reis persas, para trazer o trono de volta ao controle egípcio. Ele teve o controle de todo o Egito por um curto período, da capital em Sais, no Delta, até as fronteiras de Assuã.
- ✓ **A 29ª dinastia** (399-380 a.C.) mudou a capital de Sais para Mendes, mais ao sul, o que indica que o controle do Egito ainda era bem amplo. Mendes certamente era melhor localizada para o governo. Os dois reis da dinastia provavelmente também foram sepultados nesse lugar, embora ainda não tenham sido encontrados.
- ✓ **A 30ª dinastia** (380-343 a.C.) foi um pouco mais substancial, com um total de três reis. Esses reis passaram muito tempo supervisionando construções, para que ficassem de acordo com as antigas tradições, uma forma de mostrar continuidade entre seu reino e as dinastias anteriores.

A dinastia também se envolveu em diversas batalhas para defender o Egito da invasão persa (mais uma vez – eles não desistem!).

Nectanebo II teve uma pausa do ataque persa, porque estes passavam por disputas internas e conflitos com os gregos e os levantinos. Em 343 a.C., Nectanebo II, com o exército egípcio e 20.000 mercenários, guardou as fronteiras contra um grande ataque persa liderado por Artaxerxes III. As fronteiras foram rapidamente invadidas e o Delta e Mênfis sucumbiram aos invasores persas. Nectanebo fugiu para a Núbia, mas logo depois desapareceu; presumivelmente, ele morreu.

A morte de Nectanebo II em 343 a.C. foi um grande golpe para o Egito por algumas razões. Primeiro, os egípcios estavam novamente sob o governo de reis persas. Segundo, Nectanebo foi o último governante egípcio a governar o país até o primeiro presidente da república do Egito, general Mohamed Naguib, em 1953 d.C. Foi um longo período de governo estrangeiro.



## ***Mais uma rodada de governo persa***

O fim do reinado de Nectanebo II viu o começo do período persa (343-332 a.C.). Os persas outra vez foram severos com o país do qual tomaram posse. Registros gregos descrevem como os persas arrasaram as cidades completamente, roubaram templos, mataram vários animais sagrados e taxaram a população até que estivesse falida.

Mais uma vez, os reis persas governaram por intermédio de um governador enquanto continuavam residindo na Pérsia. Essa dinastia (que alguns historiadores consideram a 31<sup>a</sup>) durou apenas dez anos, com os dois primeiros reis, Artaxerxes III e Arses, sendo assassinados e o covarde Dário III abrindo as fronteiras do Egito, em 332 a.C., para permitir que Alexandre, o Grande entrasse no Egito.

## ***Invasores Macedônios: Alexandre, o Grande***

O assassinato de Filipe II da Macedônia em 336 a.C. viu o início do ataque de Alexandre ao império persa. Alexandre era filho de Filipe e sentiu que deveria dar prosseguimento à campanha de seu pai. Alexandre chegou ao Egito em 332 a.C., o que provocou um posterior declínio na antiga cultura egípcia. Se os persas não tivessem ocupado o Egito na época, Alexandre talvez então houvesse o deixado em paz, produzindo um fim bem diferente na história.

### ***Como se tornou divino***

Alexandre queria ser aceito na cultura egípcia. Uma das primeiras coisas que fez foi viajar a Siwa para consultar o oráculo de Amón (veja o Capítulo 9 para mais informações sobre os oráculos), com o fim de provar que era o filho divino do deus, logo, um rei legítimo do Egito.

A coroação de Alexandre foi realizada no centro tradicional de Mênfis e, até certo ponto, ele governou o Egito da maneira tradicional. A renovação do templo de Luxor foi feita com algumas imagens elaboradas dele fazendo oferendas a Amón-Min.

Alexandre, contudo, deixou o Egito para continuar suas campanhas pelo Oriente Próximo. Antes de sua morte, em 323 a.C., Alexandre havia expandido o império macedônio, que incluía o Egito, até o Vale do Indo. Fazer parte do vasto império trouxe nova riqueza e importados exóticos ao Egito.

## *Tornando o Egito seu próprio lar*

Quando Alexandre, o Grande não estava invadindo e conquistando nações, ele se concentrava na administração do Egito. Ele especificamente:

- ✓ **Introduziu um sistema monetário no Egito**, o que antes era relegado a um sistema de escambo. As moedas introduzidas por Alexandre levavam uma imagem helenística de si próprio em um lado e a imagem de um deus egípcio no outro, mostrando a justaposição das duas culturas.
- ✓ **Fundou a cidade de Alexandria**, que se tornou a capital do Egito desta vez. A cidade foi construída no lugar de um antigo povoado egípcio chamado Raqote (também grafado Rakhotis), embora pouco dessa antiga cidade tenha sobrevivido. Alexandre deixou os trabalhos de construção por conta de seu arquiteto Dinócrates e de um oficial chamado Cleômenes.

Alexandria era grande – no seu auge teve uma população de mais de meio milhão de pessoas, incluindo um grande número de imigrantes gregos e judeus. Era uma cidade muito cosmopolita e abrigava várias construções famosas, como uma biblioteca e um museu, que infelizmente foram incendiados na antiguidade. A cidade posterior incluía banhos romanos, um teatro e um ginásio. As casas maiores do povoado romano eram inclusive decoradas com mosaicos em estilo genuinamente romano, como mostra a Figura 6-1.

A cidade de Alexandria não estava completa até o reinado de Ptolomeu II (285- 246 a.C.). Ptolomeu I começou a construir o farol de Faros em Alexandria, que foi uma das sete maravilhas do mundo antigo e o farol mais antigo do mundo. Essa estrutura desapareceu há muito tempo e talvez esteja no fundo do mar.



**Figura 6-1:**  
Vila dos  
Pássaros,  
Kom el Dikka,  
Alexandria.

Alexandre, o Grande morreu em 323 a.C., em decorrência de uma febre, não deixando, até então, nenhum herdeiro declarado para assumir seu trono. Sua morte levou ao colapso gradual do império macedônio, com muitos generais partindo para suas áreas preferidas.

## ***O Fim do Império: A Dinastia Ptolomaica***

Após a morte de Alexandre, o Grande e o colapso de seu controle sobre a Pérsia, várias pequenas guerras e batalhas se seguiram, travadas pelos generais dele. Todo mundo (especialmente os generais de Alexandre) tentavam tomar uma parte do império.

Ptolomeu finalmente retornou ao Egito como governador de Filipe Arrideu (323-317 a.C.), o sucessor do filho de Alexandre, o Grande, Alexandre IV (317-305 a.C.). Durante o reinado de Alexandre IV, Ptolomeu, seu amigo de infância, estava de fato governando e, com a morte de Alexandre, ele se tornou rei por direito. Por volta de 301 a.C., Ptolomeu havia conquistado o controle da Palestina e da Baixa Síria, dando início a seu próprio império.



Mas o Egito poderia ter sido mais criativo tratando-se de governantes, já que Ptolomeu deu início a uma dinastia onde todos os governantes se chamavam Ptolomeu (até Ptolomeu XV) e as rainhas chamavam-se Cleópatra (sete governaram como rainhas) ou Berenice (quatro governaram como rainhas). Você consegue imaginar a confusão quando chamavam as crianças para jantar se todas respondiam pelo mesmo nome?

A dinastia ptolomaica foi um exemplo da justaposição entre duas culturas muito diferentes – os antigos egípcios e gregos. Esses governantes apoiavam a religião tradicional do Egito e contribuíram com muitos templos, inclusive construindo os templos de Dendera, Edfu, Philae e Kom Ombo. Nas paredes de todos esses templos, os reis são representados com a vestimenta e pose tradicionais egípcias, e, ainda, as moedas cunhadas na época tinham o estilo tradicional helênico.

### ***Dormindo com um olho aberto***

Os membros da família ptolomaica não eram um grupo de pessoas boas. Pode parecer um julgamento generalizado, mas essa família era obcecada com o poder do trono e fazia tudo para mantê-lo. Eram famosos por casarem-se com seus irmãos e irmãs como forma de legitimar suas pretensões ao trono ou para mantê-lo dentro da família. (Naturalmente, muitos reis egípcios antigos casaram-se em família também, mas nem todos esses casamentos geraram filhos. Os casamentos ptolomaicos eram consumados – regularmente.)

Apesar desses laços familiares estreitos, a família ptolomaica não tinha nenhum problema em matar seus irmãos, irmãs, maridos e esposas para governarem sozinhos – ou em livrarem-se de pessoas impopulares ou inadequadas.



Como membro de uma família terrível, era realmente preciso ser cauteloso. Vários soberanos e oficiais foram assassinados ou morreram de forma suspeita:

- ✓ Filipe Arrideu foi assassinado por um de seus guarda-costas.
- ✓ Berenice II foi envenenada e escaldada até a morte por seu filho Ptolomeu IV.
- ✓ A esposa de Ptolomeu IV, Arsínoe, foi envenenada pelo irmão da segunda esposa dele, Agátocles.
- ✓ Ptolomeu VII foi morto por seu sogro e tio, Ptolomeu VIII (que foi apelidado de Barrigudo e era muito impopular).
- ✓ Menfites foi assassinado por seu pai, Ptolomeu VIII, que enviou o corpo desmembrado para sua irmã/esposa, Cleópatra II, como presente de aniversário. (Aposto que ela teria preferido uns sais de banho!)
- ✓ Cleópatra III provavelmente foi assassinada por seu filho mais novo, Ptolomeu X (embora anteriormente, seu filho mais velho, Ptolomeu IX, foi acusado de planejar seu assassinato).
- ✓ Berenice, a filha de Ptolomeu IX, foi assassinada um mês depois de se casar com Ptolomeu XI. Ele não gostou dela e queria o trono só para si. Para ser justa, Berenice também não ligava muito para ele.
- ✓ Ptolomeu XI foi linchado pelo povo após governar por apenas 19 dias, porque Berenice havia sido muito popular.
- ✓ Berenice (outra!), a filha de Ptolomeu XII, foi assassinada pelos romanos devido a uma revolta contra seu pai, quando tentou tomar-lhe o trono. Ptolomeu XII pediu ajuda a Júlio César, imperador de Roma.
- ✓ Ptolomeu XIV, o irmão e marido de Cleópatra VII (aquela famosa do Marco Antônio), provavelmente foi despossado pela rainha, para que ela pudesse promover seu filho Ptolomeu XV ao trono, protegendo-o dos romanos.



A maioria desses assassinatos aconteceu por conta do poder e do trono. No entanto, durante os tempo em que muitos problemas com a família ptolomaica aconteceram, Roma foi chamada para ajudar a resolver as questões. Embora o envolvimento de Roma com alguém certificasse de que vencesse a discussão e tivesse o apoio e o poder do país, Roma não esqueceu os débitos que eles contraíram quando ajudou os Ptolomeus em guerra. E, durante o reino de Cleópatra VII, os líderes romanos vieram cobrar as dívidas – assim levando ao colapso final da civilização egípcia.

## *A criação de uma história romântica: Cleópatra e Marco Antônio*



A história de Cleópatra e Marco Antônio é uma das histórias de amor mais famosas e trágicas do mundo. Sua protagonista é Cleópatra VII, nascida por volta de 70 a.C. – a filha de Ptolomeu XII (apelidado de “flautista”) e sua irmã Cleópatra V. Uma coisa estranha de pensar é que a mãe de Cleópatra era também sua tia e seu pai também era seu tio.

Ptolomeu XII não era muito popular no Egito devido à sua atitude bajuladora com Roma. Ele também era um governante fraco e cruel (o que provavelmente o fez se encaixar bem na família ptolomaica). Em 60 a.C., a impopularidade de Ptolomeu XII chegou a tal proporção que ele fugiu para se proteger em Roma, enquanto sua filha mais velha, Berenice, assumiu o trono. Após vários anos, e com o apoio de Roma, Ptolomeu voltou ao Egito e reclamou seu trono. Ele governou até sua morte em 52 a.C., quando Cleópatra VII, aos 19 anos e casada com seu meio-irmão de dez anos, Ptolomeu XIII, assumiu o trono.

Devido a seu marido ser muito jovem, Cleópatra governou o Egito praticamente sozinha e até mesmo omitiu o rosto de Ptolomeu nas moedas. Diferente de seu pai, Cleópatra foi uma governante popular entre o povo egípcio – provavelmente porque foi a única governante ptolomaica que se deu o trabalho de aprender a falar egípcio!

### *Criando uma rede de intriga*

Os propagandistas de Ptolomeu XIII usaram a afeição popular pela rainha contra ela, baixando um decreto em seu nome e estabelecendo que todo grão disponível deveria ser enviado para Alexandria e nenhum para o Médio e o Alto Egito. Isso enfureceu a população egípcia e eles se voltaram contra Cleópatra. Ela fugiu para Ashkelon, na Síria, temendo por sua vida.

Em 48 a.C., Júlio César foi para o Egito para resolver as hostilidades entre Ptolomeu XIII e Cleópatra. Ao mesmo tempo, a própria Cleópatra havia reunido um exército na fronteira do Egito para enfrentar seu irmão.

César chegou a Alexandria determinado a pôr Cleópatra de volta no trono, até que os cortesões de Ptolomeu trouxeram-lhe um presente – a cabeça de um dos amigos de César. Isso não fez exatamente com que o rei menino caísse nas graças de César e ele marchou para a cidade, tomou o palácio e logo assumiu o controle.

Tanto Ptolomeu quanto Cleópatra foram ordenados a dispensar seus exércitos e encontrarem-se com César, que resolveu a disputa deles (bem como um pai e duas crianças levadas). Cleópatra, contudo, era tudo menos burra e sabia que, se entrasse em Alexandria desprotegida, Ptolomeu a mataria. Então

ela entrou escondida no palácio enrolada em um tapete oriental. Quando o tapete foi desenrolado, Cleópatra apareceu e César se apaixonou.

Eles tornaram-se amantes naquela noite e, na manhã seguinte, Ptolomeu deixou o palácio pois se sentiu traído. Ele foi preso logo depois, mas seu exército montou cerco ao palácio. César soltou Ptolomeu, mas o cerco continuou por quase seis meses e só terminou quando Ptolomeu se afogou no Nilo. Alexandria então se rendeu a César.

Agora uma viúva, Cleópatra se casou com seu irmão Ptolomeu XIV, que tinha 11 ou 12 anos. Júlio César deu o Chipre a ela como presente de casamento. Seu próprio interesse em Cleópatra havia despertado.

### ***Aproveitando dias preguiçosos de verão com Júlio***

A relação entre Cleópatra e Júlio César se desenvolveu e, em 47 a.C., eles saíram em um cruzeiro romântico pelo Nilo. Cleópatra tinha apenas 23 anos e estava grávida de um filho de César, que foi chamado de Cesário. A criança nasceu não muito depois de seu retorno a Alexandria.

No templo de Hátor em Denderah, um relevo esculpido (veja a Figura 6-2) mostra Cleópatra apresentando seu filho Cesário aos deuses e o nomeando “Ptolomeu César, filho de Júlio César e Cleópatra” para mostrar que ele era o herdeiro do trono.



**Figura 6-2:**  
Cleópatra e  
Cesário em  
Denderah.



## Mais cérebro que beleza

Apesar da representação hollywoodiana de Elizabeth Taylor como a Rainha do Nilo, Cleópatra não tem muita fama de ter sido muito bela. No entanto, ela era considerada esperta, charmosa, inteligente e de um voluptuoso apelo sexual.

O historiador grego Plutarco (46-127 a.C.) registrou que Cleópatra falava um total de oito idiomas, inclusive várias línguas africanas, hebraico e aramaico, além de sua língua nativa, o grego. Ela também foi a única governante ptolomaica a falar egípcio, o

que a fez querida entre a população local. Historiadores sugeriram que o pai dela ensinou-lhe essas línguas porque estava desejando governar além das fronteiras do Egito.

Cleópatra estudou por interesse próprio fragrâncias e unguentos protetores e escreveu um lindo livro sobre como misturar essas substâncias para hidratar e proteger a pele. Nenhuma cópia desse livro foi descoberta, mas os romanos registraram sua existência.

Em 46 a.C. Cleópatra, Ptolomeu XIV e Cesário foram passar um feriado em Roma e visitar Júlio César. Eles ficaram na vila de César, próximo a Roma, por quase dois anos – isso que é um feriado. Durante esse tempo, Júlio deu um monte de presentes e títulos a Cleópatra e até mesmo erigiu uma estátua dela no templo de Vênus Genetrix. Os romanos estavam horrorizados com esse caso amoroso, que levou (em parte) ao assassinato de Júlio em 44 a.C.

Cleópatra, temendo por sua vida e de seu filho, voltou às pressas para o Egito. Antes ou durante seu retorno, o marido de Cleópatra misteriosamente morreu aos quinze anos, provavelmente envenenado, deixando a rainha livre para casar com seu filho Cesário e torná-lo seu corregente, Ptolmeu XV.

### ***Marco Antônio entra em cena***

Com a morte de César, o Egito estava dividido entre três homens: o sobrinho-neto de César, Otávio; Marco Lepido; e Marco Antônio.

Cleópatra havia conhecido Marco Antônio quando ela tinha quinze anos, quando seu pai ainda era vivo, e Marco Antônio havia viajado para o Egito para apoiar Júlio César. Na vez seguinte em que Cleópatra se encontrou com Marco Antônio, em 42 a.C., ela tinha 28 anos e ele mais de 40. Marco Antônio havia conquistado a área a leste do Império Romano e viria a passar um bom tempo no Egito, pelos próximos 16 anos.



### ***Aproveitando tudo***

O relacionamento de Cleópatra e Marco Antônio era jovial, como registrado por Plutarco:

*Ela jogava dados com ele, bebia com ele, caçava com ele; e, quando ele exercitava os braços, ela estava lá para ver. À noite ela saía para passear com ele, para perturbarem e atormentarem as pessoas em suas janelas e portas, vestida como uma serva, pois Antônio também ia disfarçado de servo...*

*Porém, os alexandrinos também gostavam disso e se uniam gentilmente e com bom humor à sua brincadeira.*

Nos quatro anos seguintes do relacionamento, Cleópatra engravidou de gêmeos: Alexandre Hélio (o sol) e Cleópatra Selene (a lua). Marco Antônio reconheceu a paternidade de ambas as crianças e chegou até a oferecer Alexandre em casamento para a filha do rei da Armênia em uma tentativa de apaziguar uma briga. O rei da Armênia recusou e Marco Antônio o atacou em 34 a.C. Isso lhe serviu de lição.

Em 37 a.C., a caminho da invasão da Párthia, Marco Antônio teve um encontro com Cleópatra, embora Otávio tivesse casado sua irmã Otávia com ele como forma de evitar que ele voltasse para o Egito. Apesar disso, daquele momento em diante, Alexandria passou a ser o lar de Marco Antônio, e Cleópatra, sua vida. Marco Antônio casou-se com Cleópatra em 36 a.C. na Antióquia, norte da Síria, onde ele se vestiu como Osíris e ela como Ísis.

Pouco tempo depois do casamento, Cleópatra teve outro filho, Ptolomeu Filadelfo, que Marco Antônio também reconheceu. Em 34 a.C., Marco Antônio tornou Alexandre Hélio o rei da Armênia, Cleópatra Selene a rainha da Cirenaica e de Creta, e Ptolomeu Filadelfo, o rei da Síria.

### ***O início do fim***

Marco Antônio abandonou completamente sua esposa romana, Otávia, o que aborreceu tanto os romanos quanto a esposa. Após três anos, Otávio decidiu governar sozinho e ignorou Cleópatra e Marco Antônio. Em 31 a.C., as forças de Marco Antônio combateram os romanos em uma batalha marítima na costa do Ácio (norte da Grécia), auxiliados por Cleópatra e 60 naus egípcias.

Quando Cleópatra viu que as galés desajeitadas e mal controladas de Marco Antônio estavam perdendo para os barcos mais leves e velozes dos romanos, ela saiu de cena. Marco Antônio abandonou seus homens para acompanhá-la. Embora eles possam ter planejado com antecedência sua retirada, os romanos viram isso como uma prova de que ele estava escravizado por seu amor por Cleópatra, incapaz de pensar ou agir por si só.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

maior amor da vida dela. As primeiras impressões com certeza são as que ficam.

Para uma história tão interessante, uma pitadinha de tempero vai bem. Plutarco, como muitos outros autores, a escreveu a partir de uma lista de acontecimentos e pode ter

exagerado a decadência da história para destacar o cenário exótico e as paixões de Marco Antônio e Cleópatra. É claro que, quando Shakespeare incorpora esses detalhes em suas peças, tudo repentinamente se torna fato, de alguma maneira.

Enquanto Cleópatra estava distraída na porta, os homens de Otávio colocaram escadas e subiram até a janela. Na hora Cleópatra tentou se esfaquear, mas foi desarmada e levada como prisioneira junto com seus filhos. Otávio permitiu que Cleópatra organizasse o enterro de Marco Antônio de acordo com os sepultamentos reais. Após o funeral, Cleópatra estava em um luto tão profundo que ficou de cama.



Cleópatra estava determinada a morrer com seu amado e deu um jeito de fazer com que uma naja (uma cobra venenosa) fosse levada para sua tumba em uma cesta de figos, tudo feito em segredo, sem o conhecimento dos romanos. Os guardas chegaram a verificar a cesta e não encontraram nada suspeito, então autorizaram que ela fosse dada à rainha. Quando ela pôs a mão na cesta, a cobra mordeu sua mão e ela morreu. Em seus últimos momentos, Cleópatra escreveu uma carta para Otávio perguntando se poderia ser enterrada no túmulo de Marco Antônio.

Otávio correu para a tumba, mas já era tarde demais – Cleópatra estava morta. A única pessoa entre Otávio e o controle do Egito era Cesário, de quem Otávio prontamente tomou o poder. O Egito agora estava aberto para um governo romano.

## *Os romanos estão chegando*

O suicídio de Cleópatra em 30 a.C. deixou o caminho para o Egito aberto para os romanos assumirem o controle. Porém, o Egito não se tornou logo uma província romana, no sentido real da palavra. Otávio (depois o imperador Augusto) usou o Egito como estado pessoal, governado por um oficial que se dirigia somente a ele. O Egito se tornou o principal fornecedor de grãos do império romano e ficou conhecido em registros contemporâneos como o “celeiro” de Roma.

Os imperadores que sucederam Augusto no trono do Egito tentaram governar na forma tradicional egípcia, construindo templos para os deuses tradicionais e, até mesmo, representando a si próprios como reis egípcios e executando rituais tradicionais.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

## Capítulo 7

# Como se Alimentavam e se Divertiam

---

### *Neste Capítulo*

- ▶ Histórias contadas para os jovens e os idosos
  - ▶ Jogos
  - ▶ Treinamento para esportes e batalhas
  - ▶ Caça e pesca
  - ▶ Planejamento de festas – diversão, comida e bebida
- 

**T**odo mundo gosta de se divertir e o mesmo pode ser dito sobre os egípcios. Em uma época sem televisões, rádios nem computadores, eles tinham que encontrar outras formas de manterem-se entretidos no fim de um longo dia de trabalho.

E a semana de trabalho, mesmo para a elite e os melhores artesãos, era longa mesmo – trabalhavam dez dias e folgavam dois – com uma jornada de trabalho diária que durava enquanto houvesse luz do dia. Talvez as classes mais pobres trabalhassem mais ainda, com horários mais difíceis, mas essas pessoas não deixaram registros, talvez os historiadores nunca descubram. O Capítulo 2 dá mais detalhes sobre as atividades cotidianas desses egípcios antigos.

Devido ao calor, era provável que eles tirassem uma sesta durante o dia, embora haja poucos registros sobre isso – não importando quão importante fosse para os antigos egípcios. Nessas condições de trabalho, se distrair no fim de um dia ou de uma semana era muito importante.

Alguns dos entretenimentos de fim de noite ou semana eram notavelmente parecidos com os passatempos de hoje em dia. As famílias passavam tempos juntas, amigos se encontravam para conversar e beber umas cervejas e as pessoas jogavam jogos de tabuleiro, ouviam música, contavam histórias e faziam atividades mais agitadas, como lutas (no Novo Império), corridas de carruagens e caça. As seções a seguir tratam de alguns dos divertimentos mais populares dos egípcios antigos e mostrarão como você pode se divertir como um deles.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

profissionais. Infelizmente os autores desses poemas são anônimos. Alguns deles provavelmente foram muito conhecidos na época e seus trabalhos podem ter sido declamados ao redor de fogueiras.

## Contando Histórias Fantásticas

As evidências sugerem que os egípcios adoravam histórias fantásticas – embora seus métodos para contá-las e as identidades de quem o fazia sejam desconhecidos hoje em dia. Os contadores de história não precisavam ser alfabetizados para contar boas histórias, então eles podem ter existido em todos os grupos sociais.



É mais provável que as histórias tenham sido contadas oralmente. O problema com qualquer tipo de tradição oral é que cada vez que a história é contada, é modificada, dependendo da linha que o contador resolva seguir, de suas habilidades e interesses – assim como dos ouvintes, que incluíam pessoas de todas as idades. As tradições orais não têm regras. Como resultado, as histórias poderiam tomar, e tomavam, a forma de poesias, cantos ou mesmo virar um bate-papo – quaisquer dessas formas podem oferecer horas de diversão.

Por sorte, alguns escribas resolveram registrar as histórias que faziam parte da tradição oral. Eles podem ter achado que estariam contribuindo para as futuras gerações as registrando. Várias histórias sobreviveram, incluindo:

- ✓ A Jornada de Sinuhe, onde um homem foge do Egito após a morte de um rei e vai morar em uma cidade asiática, adquirindo poder até se tornar um líder.
- ✓ O Príncipe Amaldiçoado, onde a morte de um nobre jovem é prevista como podendo ser causada por um de três destinos. Durante sua vida ele tem encontros próximos com esses destinos.
- ✓ O Conto do Camponês Eloquente, onde um simples camponês discursa diariamente em um tribunal, impressionando o rei com sua eloquência. Essa longa história ilustra que classe baixa não significa ignorância.
- ✓ O Marinheiro Náufrago (veja a caixa de texto), onde um marinheiro está preso em uma ilha habitada por uma serpente divina de vários metros de comprimento.
- ✓ Os Cinco Contos de Mágica e Assombro, que descreve cinco acontecimentos diferentes na corte real do Antigo Império, durante os quais mágicos executavam vários truques impressionantes de mágica para diversão do rei.
- ✓ O Conto dos Dois Irmãos, que conta a história da separação de dois irmãos por causa das perfídias da esposa do mais velho.
- ✓ O Conto do (outro) Príncipe Amaldiçoado, que conta a história de um homem que fica sabendo de como será sua morte. A história conta sua jornada e como ele quase se tornou um camponês em mais de uma ocasião. De uma forma muito estranha, ele conhece uma princesa em uma torre que joga seus cabelos para baixo como uma maneira de escapar. O nome Rapunzel lembra alguma coisa a alguém?



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



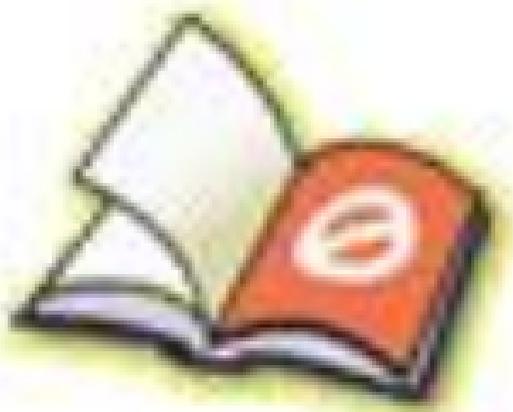
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



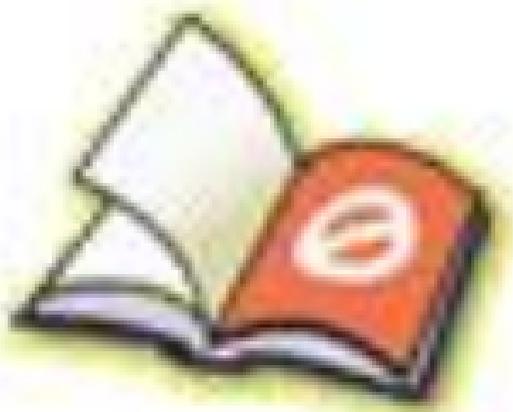
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



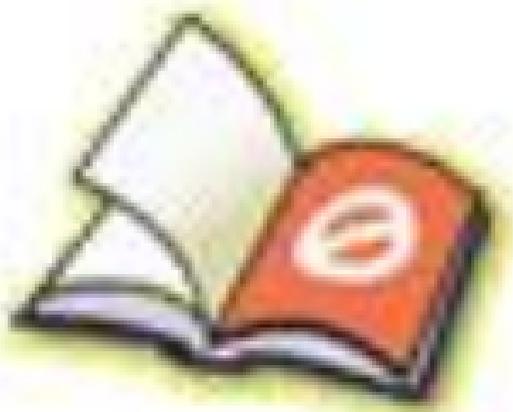
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



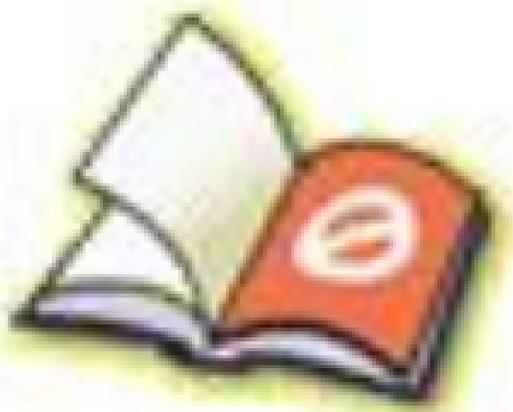
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



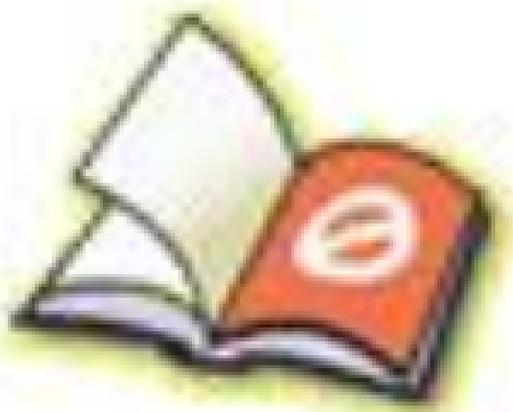
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



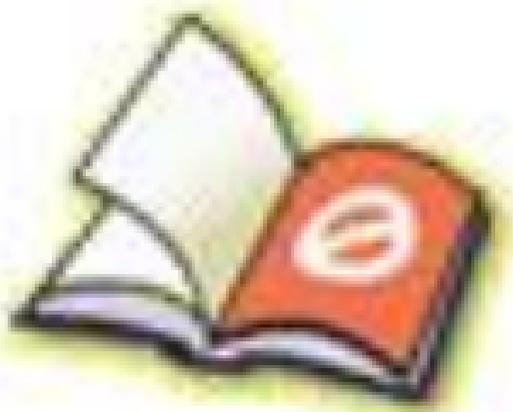
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



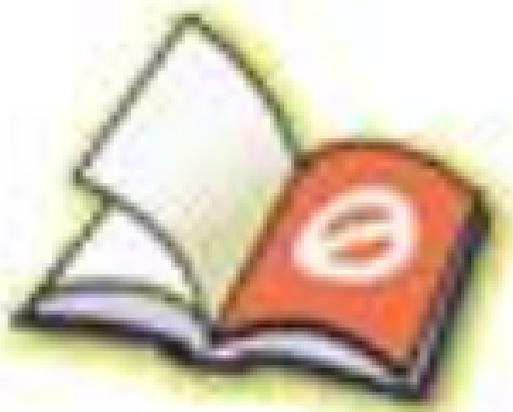
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



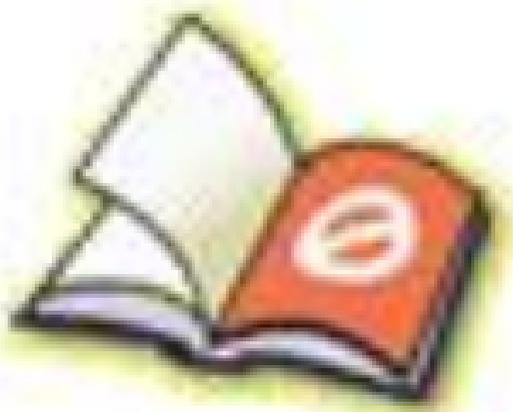
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



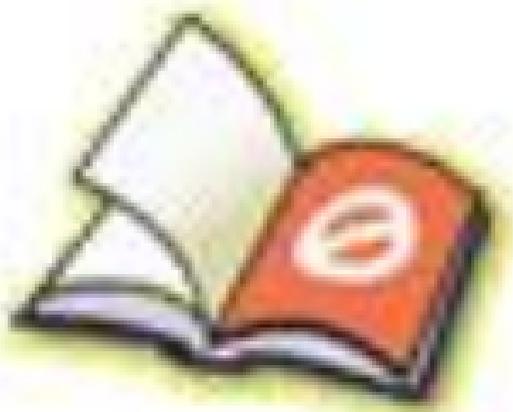
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



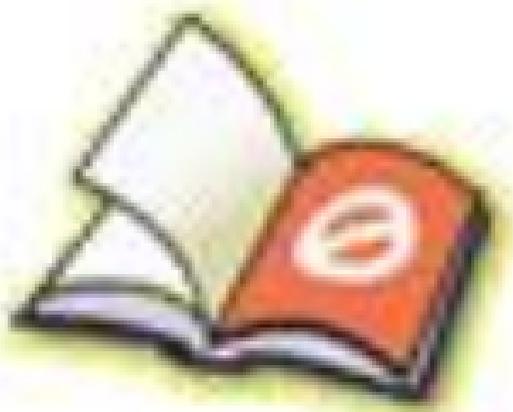
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



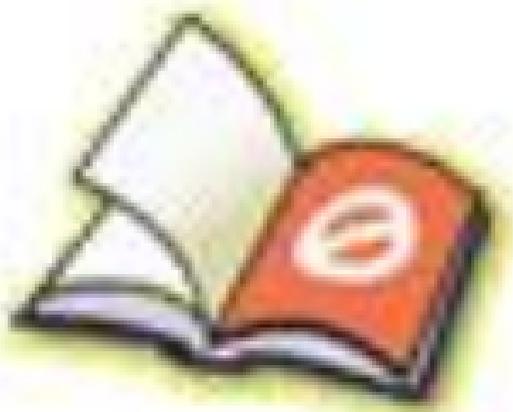
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



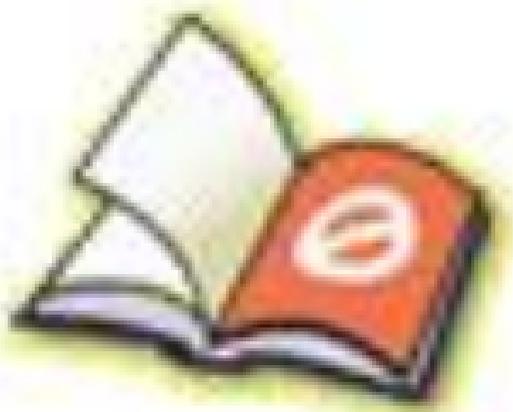
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



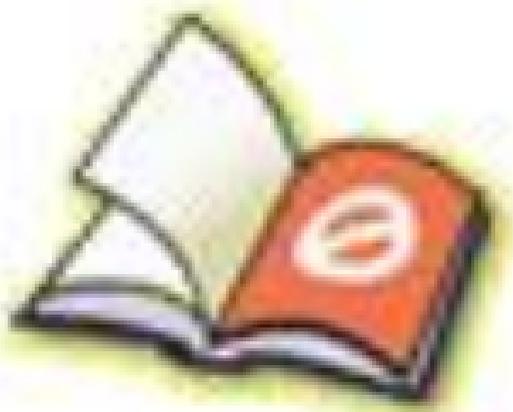
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



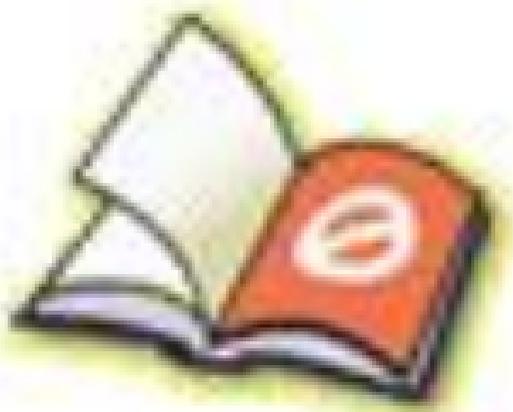
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



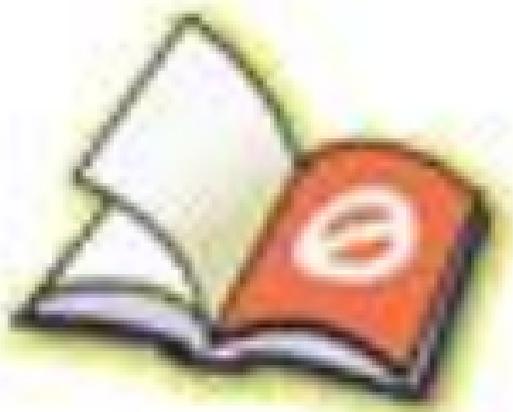
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

De 394 a.C. até 1799, com a descoberta da Pedra de Roseta e o início da decifração, perdeu-se o conhecimento dessa língua antiga, embora muitas teorias tenham surgido:

- ✓ No século XVI, acreditava-se que a linguagem hieroglífica tinha se originado do armênio ou do chinês.
- ✓ Nos idos de 1630, um padre jesuíta e estudioso, Athanasius Kircher, tentou decifrar os hieróglifos e julgou que cada símbolo representava um conceito filosófico individual.
- ✓ Na década de 1750, as pessoas acreditavam que os sacerdotes tinham inventado os hieróglifos para ocultar conhecimento sagrado.

## Quebrando o código

Ao final do século XVIII, várias descobertas haviam sido feitas:

- ✓ A língua copta se desenvolveu da egípcia antiga e era usada por cristãos no Egito. O copta usa o alfabeto grego para as palavras egípcias.
- ✓ Tanto os hieróglifos (escrita pictórica) quanto o *hierático* (hieróglifos escritos em taquigrafia usados para documentos em papel) e o *demótico* (a escrita egípcia que se desenvolveu do hierático usado a partir de 650 a.C.) eram linguagens conectadas.
- ✓ As cartelas incluíam nomes reais.
- ✓ O sistema hieroglífico incluía elementos fonéticos.



Esses avanços foram auxiliados em 1799 pela descoberta de uma pedra esculpida na cidade de el-Rashid (Roseta). A *Pedra de Roseta*, um bloco de granito, mudou a Egptologia para sempre. A pedra foi produzida em três escritas:

- ✓ Grego antigo
- ✓ Hieróglifos antigos
- ✓ Demótico (uma forma cursiva mais moderna dos hieróglifos)

A maioria dos historiadores sabia ler o grego antigo, então essa parte da pedra foi facilmente traduzida. Na corrida para decifrar o texto hieroglífico, surgiram dois competidores principais:

- ✓ **Thomas Young**, que publicou seus achados anonimamente, com o nome de ABCD, para o caso de a pesquisa sem ligação com sua profissão de médico afetar suas credenciais como tal. Young decifrou o texto demótico e identificou os nomes de Cleópatra e Ptolomeu dentro de suas cartelas. Ele também identificou que os símbolos hieroglíficos eram fonéticos e não representavam palavras ou conceitos individualmente.

- ✓ **Jean-François Champollion**, que se correspondia com Young, mas competia com ele para decifrar os hieróglifos. Com a morte de Young, em 1829, Champollion continuou o trabalho e fez o avanço final em identificar o valor fonético de muitos símbolos, possibilitando assim a transcrição de muitas inscrições. Ele também decifrou alguns dos elementos linguísticos e gramaticais da língua.

Tanto Young quanto Champollion liam as inscrições gregas e equiparavam a ocorrência de palavras reconhecíveis como “rei” e “deus” e procuravam por um número de ocorrências similares nas inscrições egípcias e demóticas. Verdadeiros decifradores de códigos!

## Identificação dos símbolos

Os muitos símbolos na língua hieroglífica são divididos em quatro tipos:

- ✓ **Símbolos simples (ou uniliterais)**, como o alfabeto, que têm apenas o som de uma letra; por exemplo, *i*.
- ✓ **Símbolos biliterais**, que têm o som de duas letras (por exemplo, *mn*).
- ✓ **Símbolos trilaterais**, que são símbolos de três letras (por exemplo, *htp*).
- ✓ **Símbolos determinativos**, que não têm som, mas são postos ao final de uma palavra para reforçar seu significado. Por exemplo, a palavra para gato se soletra (*miw*) e teria uma imagem de um gato ao final para mostrar que simbolizava esse animal.

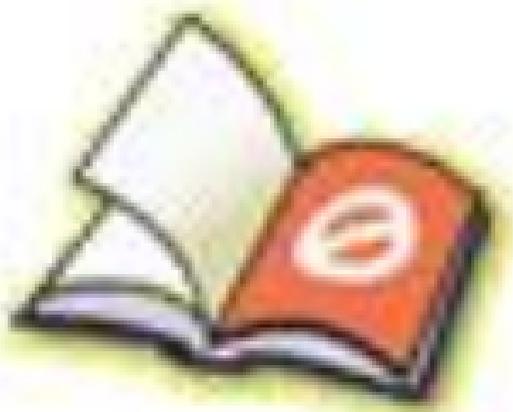
## Roseta... de novo... e novamente

O texto na Pedra de Roseta afirma que existia uma cópia de uma *estela* (o monumento de pedra com a parte superior arredondada com inscrições entalhadas) em cada templo do Egito. Várias estelas foram encontradas e a maioria delas está atualmente no Museu Egípcio do Cairo:

- ✓ Uma delas foi encontrada em Minuf (Delta do Nilo), sendo usada como banco na frente de uma casa. O texto remanescente está em grego e em demótico, embora esteja muito danificado.
- ✓ Uma estela de basalto foi encontrada próximo de Tell el Yahuiyeh (Delta Oriental), sendo reutilizada como prensa para

extrair óleo de sementes ou frutos. Apenas o texto grego subsistiu, embora a estela houvesse sido escrita em duas línguas originalmente.

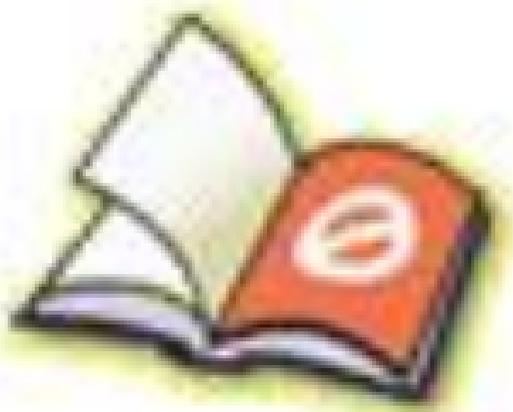
- ✓ Fragmentos de uma estela trilingue de arenito foram encontrados em Elefantina e agora estão no Louvre. A seção que na Pedra de Roseta está muito danificada, aqui está completa.
- ✓ Uma estela de arenito encontrada em Naucratis tem vários erros e foi claramente copiada de um original por um cortador de pedra inexperiente que não sabia ler os hieróglifos.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



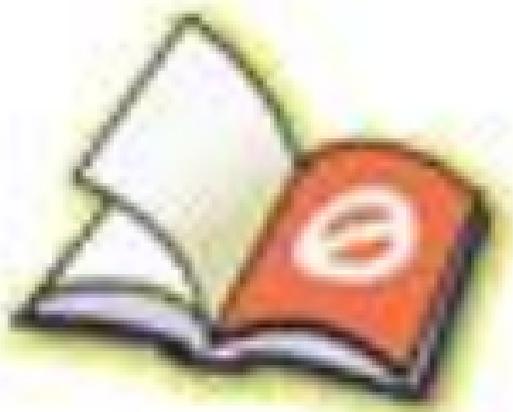
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



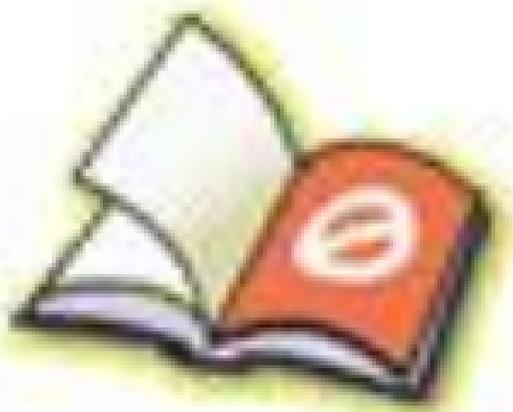
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



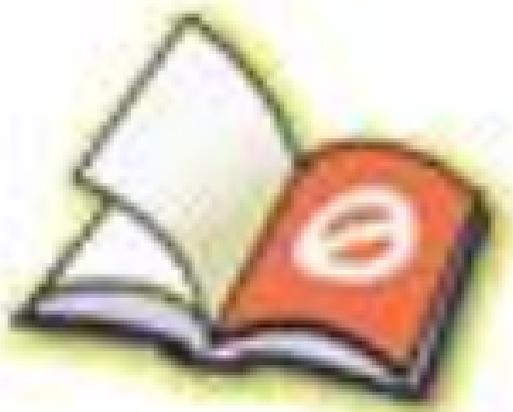
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



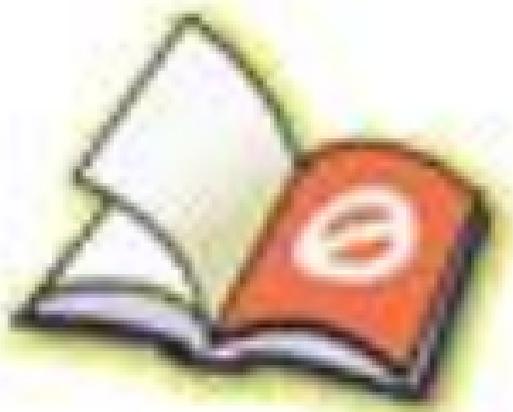
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



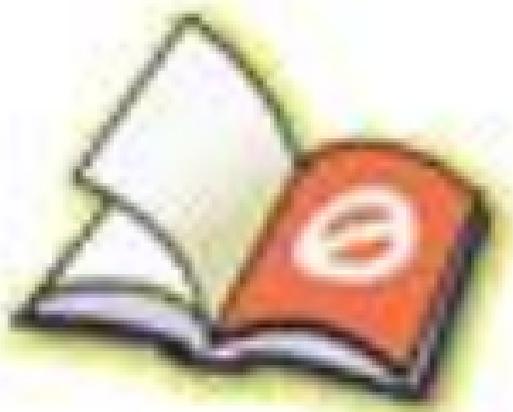
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



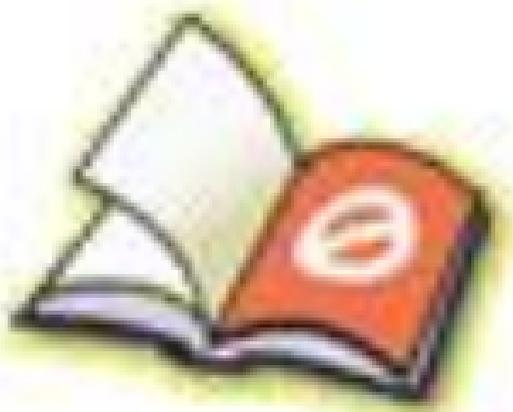
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



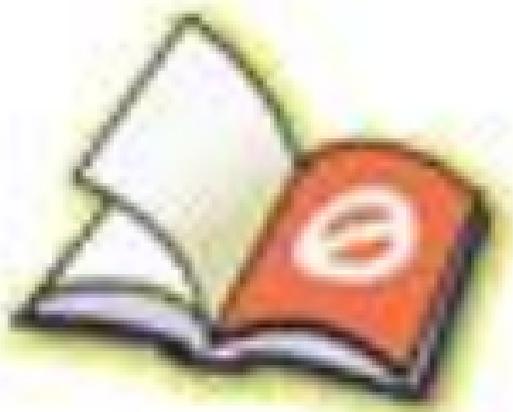
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



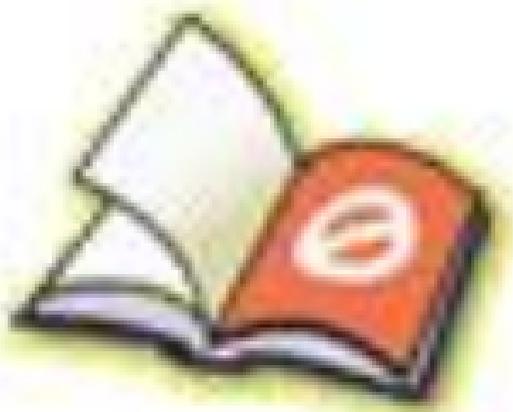
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



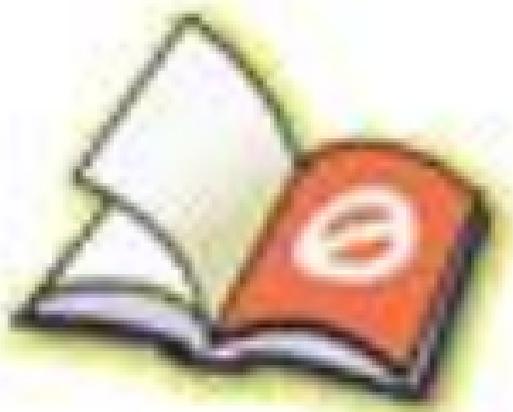
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



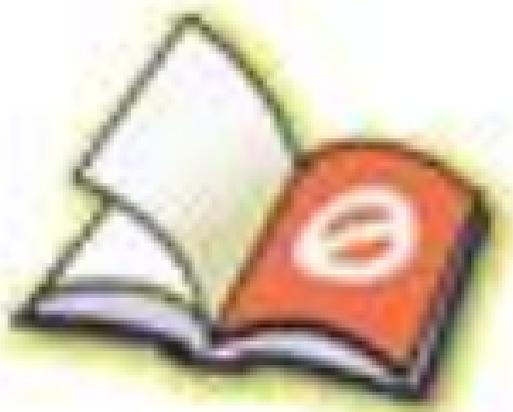
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



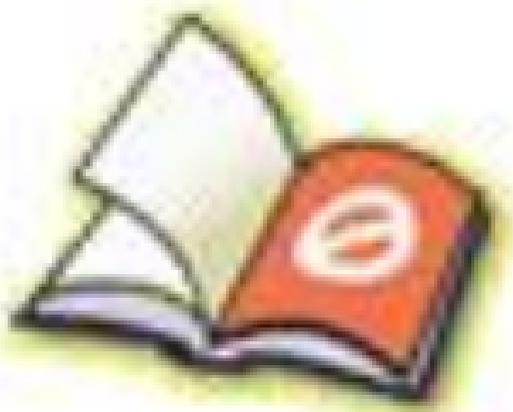
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



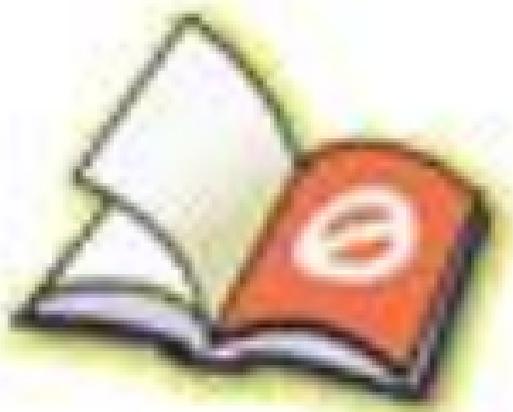
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



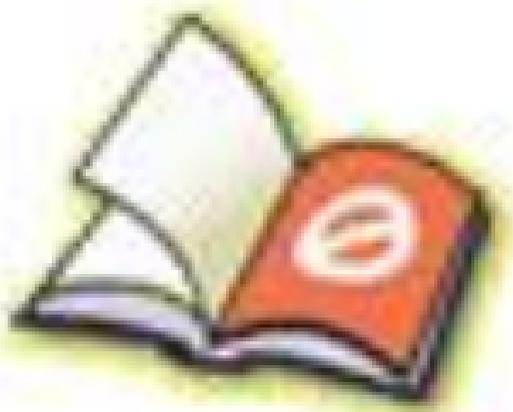
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



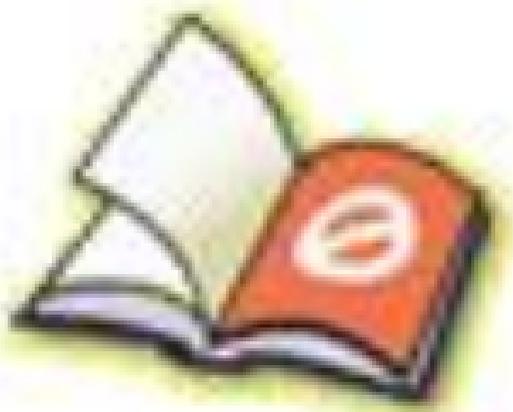
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



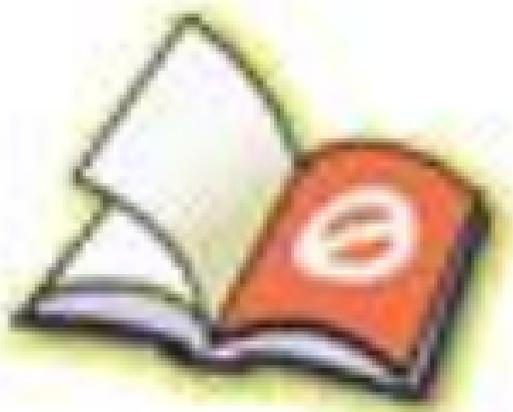
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



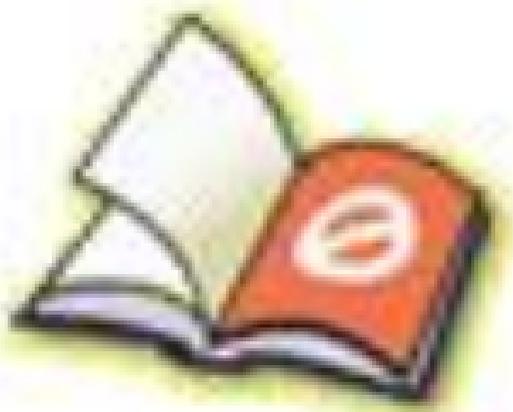
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



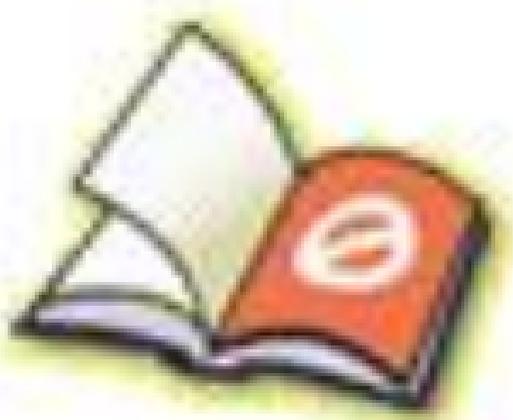
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



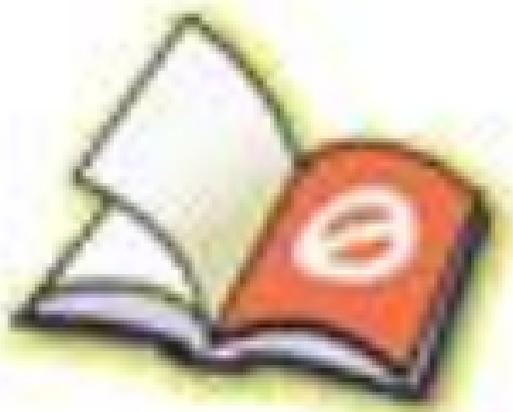
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



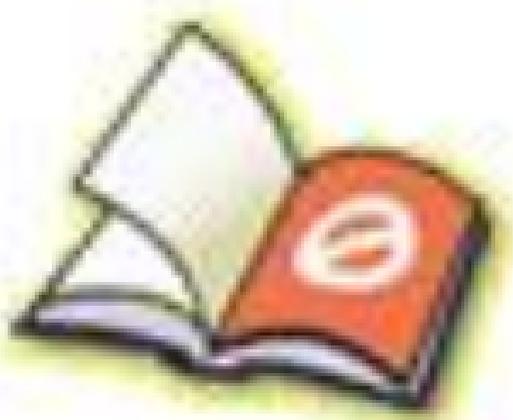
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



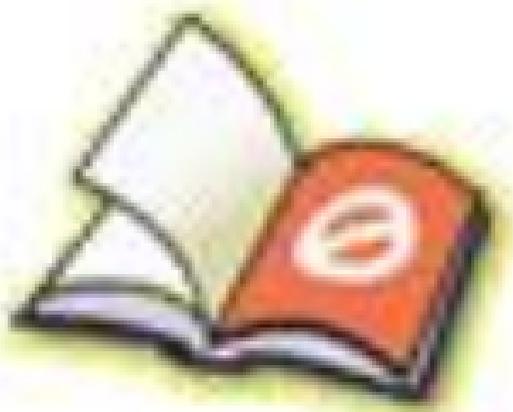
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



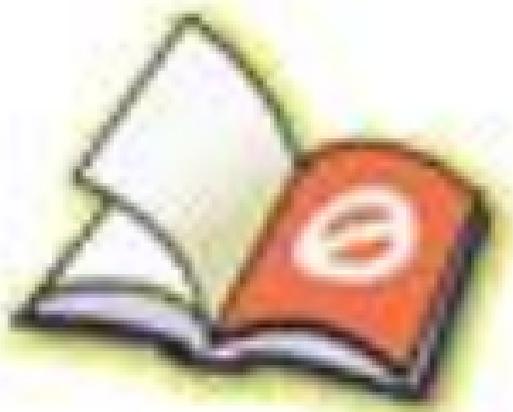
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



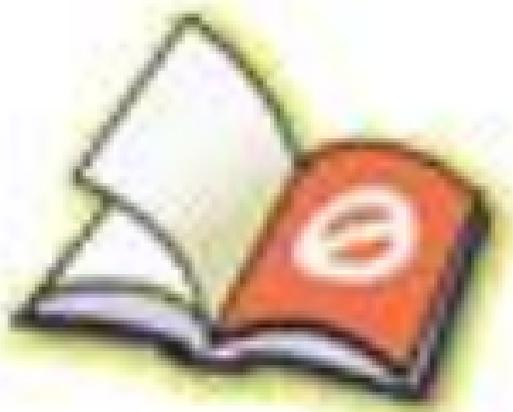
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



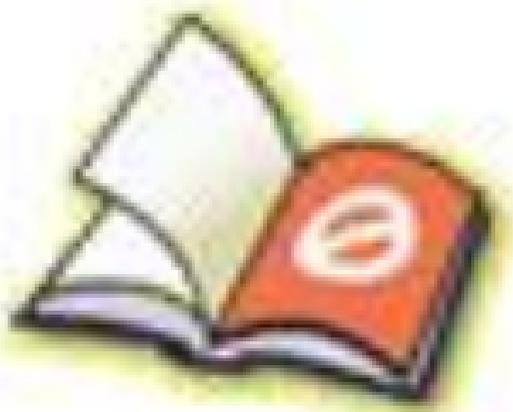
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

# Índice

## • A •

- Abidos (cidade) [17,266,284](#)
- açúcar 168
- Admoestações de Ipuwer (revoltas sociais) 62
- adoção 54
- adultério 52–53
- Afrodite (deusa) 174
- agricultura
  - avanços científicos 311–312
  - calendário 250
  - decoração das tumbas 268–269
  - deveres dos soldados 70
  - função dos fazendeiros 26,42–43
  - importância do Nilo [12](#)
  - papel da mulher 45
- água 237
- Agulha de Cleópatra (obelisco) 242
- Ah-hotep (rainha) 112–113
- Ahmés-Nefertari (rainha) 194
- Ahmose I (governante) 112
- Ahmose II (governante) [125](#)
- ajudantes do acampamento 69
- akh 190
- Akhenaton (governante)
  - blocos talatat 293–294
  - história de vida 83–87
  - mistério da Tumba 291
  - pontos turísticos 320,322
  - templo 294
  - túmulo 267
  - vida de Tiy 114
- alamedas processionais 233
- Alexandre IV (governante) [130](#)
- Alexandre, o Grande (governante) [71,128](#)
- Alexandria (cidade) [129,133](#)
- alfabeto 224–226,288
- alimentação, tema 268
- Al Minya, região de 320–321
- Alto Egito
  - Dinastia Tanis [119](#)
  - governo de Ramsés 118–119
  - governo de Sheshonq [120](#)
  - Localização [10](#)
  - período pré-dinástico 58–60
  - unificação do país 14–16,59–60
- alto-relevo 219,243
- ama de leite [47,263](#)
- amamentação [47](#)
- Amarna (cidade)
  - função [27](#)
  - peste 86
  - reinado de Tutankamón 88
  - túmulos 267
  - visão geral [19,30](#)
- Amenemhat I (governante) [63,283](#)
- Amenemhat III (governante) 62,275,283
- Amenemopet (oficial) 263
- Amenhirwenemef (filho de Ramsés II) 94
- Amenhotep I (governante)
  - reinado de Akhenaton 86
  - vida de Tiy 114
- Amenhotep (sacerdote)
  - divisão do país 118–119
  - reinado de Ramsés XI 24
  - visão geral 187
- Amirtaeus (governante) [127](#)
- Amón (deus)
  - casamentos reais 106–108
  - centro de culto 181
- Amon-Min (deus) 173
- Amon-Rá (deus) 173
- amuleto 182
- anais de Tutmés III (registros militares) 76, 77
- Anat (deusa) 173
- ancestral
  - adoração 184–187
  - busto de ancestral 185
- anexo, templo 239–240
- animal
  - métodos de irrigação 311
  - sepultamento de animais 264–265,267
- Ankhesenamón (esposa de Tutankamón) 88,90

- Antônio, Marco (guerreiro romano) 132–137
- Apis 319
- arco composto 73
- arco e flecha 73, 148
- arco simples 73
- arma
- astrologia 310
  - astronomia 309–310
  - calendário astronômico 250
  - tipos 72–75
  - treinamento de soldados [39,67–68](#)
- aromaterapia 166
- arquitetura
- armamento 72–75
  - crenças sobre os templos 230
  - decoração dos templos 240–245
  - destinos turísticos 321
  - fortaleza 63–64
  - maiores descobertas 293–294
  - projeto arquitetônico dos templos 231–240
  - projeto arquitetônico dos templos do Novo Império 231–240
  - registros de vitórias 76–77
- Arses (governante) [128](#)
- Artaxerxes II (governante) [127](#)
- Artaxerxes III (governante) [127,128](#)
- arte
- cores das raças 217
  - decoração das pirâmides 282
  - decoração das tumbas 255, 267–269
  - decoração dos templos 240–245
  - hieróglifos 227–228
  - perspectivas 213
  - registros das cenas 213–214
  - representação do corpo 214–216
  - representação em juventude eterna 216
  - tamanho das imagens 218
  - visão geral 212
- artefatos roubados
- Esconderijo Real de Múmias 289
  - Grande Pirâmide 277
  - registro de Paneb 302
  - tumba de Tutankamón 292
  - tumbas do Médio Império 259
  - tumbas do Novo Império 261
  - tumbas do Vale dos Reis 265
- arte performática 48
- artesãos
- deus 178–179
  - equipes 210–211
  - função 27
- artista
- equipes 210–211
  - escolhas de carreira 41–42
  - ferramentas 211–212, 218
  - treinamento 210
- artrite 165
- Asclépio (deus) 174
- Ashurbanipal (governante) [123](#)
- asiáticos 217
- Asru (cantora) 304
- assírios 123–125
- Aton (deus) 86, 172
- avançados científicos 309–314
- avanço científicos 307–308
- Avaris (cidade) [18,30](#)
- avenida processional 233, 269
- Ay (governante)
- história de Nefertiti 299
  - sucessão de Tutankamón [91](#)
  - tumba 267
- Ayrton, Edward (egiptólogo) 291
- **B** •
- ba 190, 203
- Baal (deus) 173
- Baixo Egito
- dinastia Tanis [119](#)
  - governo de Sheshonq I [120](#)
  - localização [10](#)
  - período pré-dinástico 58–60
  - unificação do país [14,59–60](#)
- baixo-relevo 220, 243
- Baketmut (filha de Ramsés II) 94
- banquete 150–155, 269
- barca sagrada 38, 233, 234
- bastião [63](#)
- batalha de Kadesh 82, 91, 95–98
- batalha de Megido 81–82
- Bay (oficial) 263
- bebedeira 154, 181
- Belo Festival do Vale 181, 185, 269
- Belzoni, Giovanni (engenheiro) 289, 327–328

benben 272,274  
 Beni Hasan (local de tumbas) 260,321  
 Bes (deus) 179  
 Bintanat (filha de Ramsés II) 95  
 brinquedo 147  
 Burckhardt, Jean-Louis (viajante) 289

## • C •

cabelo 39,75  
 caça 149–150  
 caça no deserto 149  
 caça nos pântanos 149–150  
 Cães e chacais (jogo) 146–147  
 Cairo, região do  
   pirâmides 273  
   tumbas reais 267,318–320  
 cálculo de área 309  
 cálculo de volume 309  
 calendário 2,250–251  
 calendário centralizado 2  
 calendário lunar 250  
 câmara funerária oval 261  
 Cambises II (governante) 126  
 Campos de Yalu, (localização da vida  
   pós-morte) 189,268  
 canal 125  
 cantora 304  
 capacete 74  
 capelas de oração 179,239  
 carne 152  
 carreira  
   decoração das tumbas 268  
   escolha das crianças 36–43  
   medicina 158  
   opções das mulheres 45–49  
   salários 49–50  
 carreira das mulheres 48–49  
 carreira de entretenimento 48  
 carruagem  
   esportes 148  
   introdução ao Egito 65  
   tumba do Vale dos Reis 266  
   visão geral 74  
 cartelas 221,261  
 Carter, Howard (egiptólogo)  
   escavação no Vale dos Reis 292  
   maldição das múmias 191

visão geral 330–331  
 Casa da Eternidade (instituição  
   educacional) 34–35,159  
 casa do nascimento 240  
 casamento 102  
   adultério 52–53  
   Akhenaton e Nefertiti 85  
   catarata 10  
   Cerimônia e registros 52  
   contratuais 53  
   direitos das mulheres 44  
   divórcio 52  
   famílias reais 104–108  
   incesto 51,102  
   Marco Antônio e Cleópatra 135  
   moradia 32  
   Ramsés II 93,105  
   visão geral 51  
 cavidade abdominal 195  
 celebrações de Ano-Novo 309  
 cena de espancamento 59  
 centro de culto 180–181,181  
 cérebro 195  
 Cerimônia da Abertura da Boca 190,269  
 cerveja 153–154  
 Cesário, (filho de Cleópatra) 133,134  
 Champollion, Jean-François (egiptólogo)  
   hieróglifos 223,287  
   popularidade do Egito 13  
   visão geral 328  
 ciclo menstrual 169  
 cidade capital 17–19  
 Cinco Contos de Magia e Mistério  
   (histórias) 143  
 cinzel 219–220  
 circulação, sangue 310  
 classe trabalhadora  
   função 26–27  
   moradia 31–33  
   opções educacionais 34  
 Clayton, Peter (Crônica dos Faraós) 14  
 Cleópatra VII (governante)  
   descobertas mais importantes 294–295  
   história 132–137  
 clima 12  
 cobre 50  
 coluna 237  
 colunata 258

- comércio
    - construção de canal [124](#)
    - deveres dos soldados 70
  - comércio por troca de mercadorias [47](#)
  - comida
    - alimentação dos soldados 71–72
    - banquetes 152–153
    - caça 149–150
    - decoreção das tumbas 268
    - oferendas 206
    - pesca 150
    - plantações 42–43
    - rituais nos templos 246
  - concubina 53
  - cone 262
  - cone de perfume 151
  - cone funerário 262
  - confissão 205
  - confissão negativa 205
  - constelação 309
  - constipação 164
  - contar histórias 143–144
  - Conto do Camponês Eloquente (história) [143](#)
  - Conto do (outro) Príncipe Predestinado (história) [143](#)
  - Conto dos Dois Irmãos (história) [143](#)
  - contracepção 169
  - coroa da batalha [75](#)
  - coroa vermelha 59
  - corpo humano
    - armadura 74–75
    - avanços científicos 310–311
    - enfaixamento 197–198
    - essência humana 190
    - representação nas artes 214–216
  - corte 176
  - cor,tinta 212,217
  - couro 74, [75](#)
  - cova em formato de barco 279–281,318
  - covas,sepultamento em 192,254–255
  - crianças
    - brinquedos 146
    - cuidado com os idosos 54
    - deuses 179
    - doenças 164
    - educação 33–36
    - escolha de carreira 36–43
    - estilo de moradia 32
    - família de Ramsés II 94–95
    - pais divorciados 52
    - representação artística 216
  - crianças, meninas
    - filha do rei 104
    - idade para casamento 51
    - opções educacionais 34
    - representação artística 216
  - crianças, meninos
    - escolha de carreira 36–43
    - filhos da Grande Esposa Real [103](#)
    - idade para casamento 51
    - representação artística 216
    - vida escolar 34–36
  - criminosos 27
  - Crônicas dos Faraós (Clayton) [14](#)
  - culto ao gado 59
  - culto lunar 250
  - culto solar 173
  - cultura
    - civilização duradoura 315–316
    - divisões do período pré-dinástico 59
    - fascinação do público [13](#)
    - origens [12](#)
  - cunha 218
- D •**
- Dahshur (local de pirâmide) 273–276
  - Dahshur (local de sepultamento) 267
  - dança 48,152
  - Dario I (governante) [126](#)
  - Dário II (governante) [127](#)
  - Dario III (governante) [128](#)
  - David, Rosalie (egiptóloga) 332–333
  - Deir el Bahri,Vale de (local de tumbas) 290
  - Deir el Medina (assentamento)
    - condições de trabalho 40–41
    - custo dos médicos 162
    - festivais 181,247
    - função 27
    - informações para turistas 324
    - pensões 54
    - pirâmides 283
    - salário dos trabalhadores 49,50
    - trabalho de artistas 42

trabalho de lavadeiros [43](#)  
 visão geral [30](#)  
 Delta (norte do Egito) [10,64](#)  
 demótica, linguagem [222](#)  
 descoberta do DNA [333](#)  
 deuses. *Ver também* deuses específicos  
   assistência médica [159](#)  
   decoração das tumbas [270](#)  
   formas [171–174](#)  
   função do rei [21](#)  
   função dos sacerdotes [21–22](#)  
   leitura de hieróglifos [226–227](#)  
   projeto arquitetônico dos templos [231](#)  
   reinado de Akhenaton [86](#)  
   rituais de adoração [180–184](#)  
   rituais do templo [246–251](#)  
 deus sol  
   decoração das tumbas [270](#)  
   formas [172](#)  
   formato da pirâmide [272](#)  
   Grande Pirâmide [280](#)  
   Importância [173](#)  
   reinado de Amenhotep III [85–86](#)  
 dia do mercado [47](#)  
 dinastia ptolomaica [130](#)  
 dinastia tanita [267](#)  
 Dionísio (deus) [174](#)  
 divórcio [52,54](#)  
 Djoser (governante)  
   avanços científicos [312](#)  
   pirâmides de degraus [256–258](#)  
   registros da fome [10–11](#)  
 doença asiática [86](#)  
 doenças  
   amuletos [182](#)  
   enfermidades comuns [164,164–165](#)  
   problemas de saúde de Asru [304](#)  
   sanatório do templo [240](#)  
   visão geral [157](#)  
   visitas ao médico [162–167](#)  
 doenças do osso [165–166](#)  
 Dra Abu el-Naga (local de sepultamento)  
   [267](#)  
 Duaf (Sátira dos Comércios) [37](#)  
 Duas Terras (Egito Unificado) [14–16](#)  
 Duque de Persigny (historiador) [272](#)

## • E •

economia  
   instabilidade política [25](#)  
   propósito do templo [248–249](#)  
 educação escolar  
   estudantes em qualificação [33](#)  
   métodos [35–36](#)  
   prédios e ferramentas [34–35](#)  
   visão geral [33](#)  
 Edwards, Amelia (egiptóloga) [329–330](#)  
 Egíptologia  
   definição [1](#)  
   descobertas mais importantes [287](#)  
   popularidade [13](#)  
 Egíptólogo  
   deveres profissionais [13](#)  
   maldições [191–192](#)  
   os dez mais importantes [327–333](#)  
   sistemas de datação [13–14](#)  
 Egito, Baixo  
   dinastia Tanis [119](#)  
   governo de Ramsés II [119](#)  
   governo de Sheshonq I [120](#)  
   localização [10](#)  
   período pré-dinástico [58–60](#)  
   unificação do país [14,59–60](#)  
 Eletro [235](#)  
 Eletrochoque [167](#)  
 Elite  
   função [22–25](#)  
   moradia [32](#)  
   opções de estudos [33–34](#)  
 Elliot-Smith, Grafton (egiptólogo) [291](#)  
 embalsamamento, processo de [193–197, 200](#)  
 empregada doméstica [46](#)  
 emprego (carreira)  
   decoração das tumbas [268](#)  
   escolha das crianças [36–43](#)  
   medicina [158](#)  
   opções para as mulheres [45–49](#)  
   salários [49–50](#)  
 encantamento [202](#)  
 encanto [202,203](#)  
 enema [166–167](#)  
 enfermidades digestivas [165](#)

er-Rassul, Ahmed Abd (ladroão) 290  
Esarhaddon (rei Assírio) 123  
escadaria 63  
escaravelho-coração 204  
escolha de carreira 38  
Esconderijo Real de Múmias 289–291  
escravo 26,41  
escriba  
    egípcios famosos 300  
    função 36–38  
    função de artista 41  
    função militar 40,69  
    poesia 143  
escribas desenhista 210  
escudo 73  
escultor  
    decoração dos templos 243  
    equipes de artesãos 210  
    escolha de carreira 41  
    estátuas 218  
    ferramentas 218  
    projetos em relevo 219–220  
    visão geral 218  
esfinge  
    acessórios da Grande Pirâmide 278–279  
    elementos da procissão funerária 233  
    informação turística 318  
espada de khepesh 73  
esportes 147–150  
essência humana 190  
estátua  
    complexo de Djoser 258  
    palácio de Cleópatra 294  
    visão geral 220  
esteira de junco 193  
estela 206,260  
estilingue 73  
estrela 197,232  
estrutura social. *Ver também* classes  
    específicas 20–27  
exército  
    alimentação dos soldados 71–72  
    criação 67–68  
    decoração das tumbas 268  
    divisões 68  
    escolha de carreiras 38  
    função dos escribas 40  
    período do Novo Império 22,67  
    salário dos soldados 72

exército em marcha 70  
expectativa de vida 158

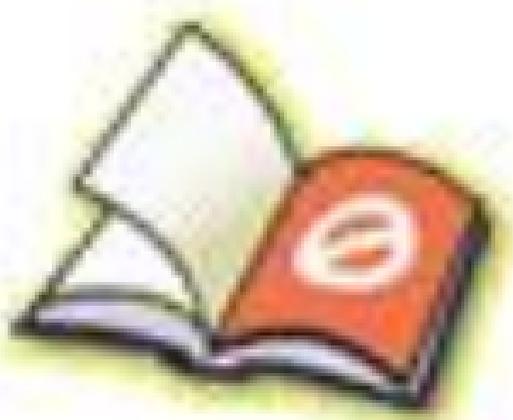
## • F •

Faiyum (cidade) 110  
Fayum (cidade) 267  
fazendeiro 26,42–43  
feministas 112–115  
ferramenta cirúrgica 160–161  
fertilidade 169,178  
festa 150–155  
Festival da Bebedeira 181,247  
Festival de Opet em Tebas 181  
Festival de Sokar-Osiris 181  
festival, religioso 181,246–247  
figuras de execração 183  
flecha 73,148  
fome  
    pirâmide de Unas 282–283  
    registros de Ptolomeu 10–11  
fórmulas matemáticas 308  
fortalezas 63  
frações 309  
friso de oferendas 203,262  
frutas 152  
função da Casa de Vida 35  
funeral. *Ver também* sepultamento  
furadeira 218

## • G •

Gardiner, Alan (Gramática Egípcia) 331  
geografia 9–12,261  
gesseiros 41  
Gizé (assentamento)  
    função 27  
    Grande Pirâmide 276–281,318  
    informações turísticas 318  
    locais de sepultamento 267  
governadores vassalos 64  
governo 16–19  
gramática 288  
Gramática Egípcia (Gardiner) 331  
Grande Pirâmide  
    acessórios 278–279  
    construção 276–278  
    importância científica 312–313  
    informação turística 318

- grãos  
 colheita 42  
 cozimento 152  
 salário dos trabalhadores 49,50
- gravidez 169
- greve, trabalhadores 40
- guerra civil 120
- guerreiro  
 descrição da vida 69  
 escolha de carreiras 38–39  
 estimativas populacionais 20  
 obrigações fora do campo de batalha 70  
 treinamento 39,67–68  
 tumba de desconhecidos 65
- Guias para o Outro Mundo (texto funerário) 204–206
- H •
- harém 109  
 conspiração contra Ramsés III 111  
 esposas reais 106  
 Faiyum 110  
 localizações 108–109  
 Medinet Habu 109  
 oficinas 46  
 Ramsés II 93–95  
 Ramsés III 109  
 visão geral 108
- Hathor (deusa)  
 combinações de deuses 173  
 destino turístico 326  
 formas 172  
 funções 176  
 templo 133,326  
 visão geral 178
- Hatshepsut (governante)  
 aparência 221  
 importância 314–315  
 obelisco do templo 241  
 reinado de Tutmés II 80  
 tumba 263  
 visão geral 113–114
- Hatshepsut Meritré (rainha) 263
- Hawara (local de pirâmide) 62,267,283
- heb sed 258
- heka haswt 260
- Henutawi (filha de Ramsés II) 94
- Herihor (governante) 24,118–119
- Heródoto (historiador) 39,62,278
- Hesy-re (médico) 161
- Hetepheres (rainha) 103
- Hierakonpolis (cidade)  
 templos 230  
 tumba 254  
 visão geral 17
- hieróglifos  
 decifração 221–223,287–288  
 definição 209  
 dicas de leitura 224–228  
 equipes de artistas 211–212  
 ferramentas dos artistas 211–212  
 história 221–222  
 métodos de educação 35  
 pilares dos templos 238  
 sinais 223–224  
 unificação do país 15–16  
 visão geral 221
- Hititas (povo antigo)  
 batalhas de Ramsés II 95–98  
 batalhas de Tutmés III 82,298  
 casamentos reais 105–106  
 propostas de casamento de Ankhesenamon 90  
 reinado de Seti I 90
- Honorius, Julius (escritor) 272
- Horemheb (governante)  
 blocos talatat 293  
 sucessão de Ay 91  
 visão geral 298–299
- Horemheb, tumba 219
- Hórus (deus)  
 centros de culto 181  
 constelações 310  
 poder do rei 21  
 processo de embalsamamento 196  
 rivalidade com Seth 177  
 visão geral 175
- humanos deificados 185–187
- I •
- idosos 54,216
- imagens shauabti 203
- Imhotep (deus) 174
- Imhotep (humano deificado) 187
- império macedônio 128



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Museu de Berlim 329  
Museu de Imhotep 319  
Museu de Luxor 324–325  
Museu do Cairo 319–320  
Museu Petrie de Arqueologia Egípcia 330  
museu subaquático 295  
músicos 69  
processo de embalsamento 194–197  
processo de mumificação 192–193, 254  
vestimenta 199–200  
vida eterna 201  
músicos 151

## • N •

Naqada (cidade) 17  
Narmer (governante) 15, 59–60  
nascimento divino 93, 104  
natrão 43, 195  
Naunakhte (esposa de Kenhirkhepshef) 301  
Nebettawi (filha de Ramsés II) 94  
Nectanebo II (governante) 127  
Nefertari (esposa de Ramsés II) 94  
Nefertiti (esposa de Akhenaten)  
casamento 85  
destinos turísticos 294, 320–321  
morte 86  
templo 294  
visão geral 299  
Néftis (deusa) 175  
Nekau II (governante) 124–125  
nemes 281  
Nesperennub (sacerdote) 304–305  
nilômetro 249  
Nilo, rio  
cheia 11–12  
divisões leste e oeste 16  
serviço dos lavadeiros 43  
tamanho 10  
visão geral 9–10  
Nilo, vale  
origem da cultura egípcia 12  
população 19–20  
visão geral 9–10  
Nimlot (governante) 121  
noiva diplomática 105–106  
nomarca 16, 22

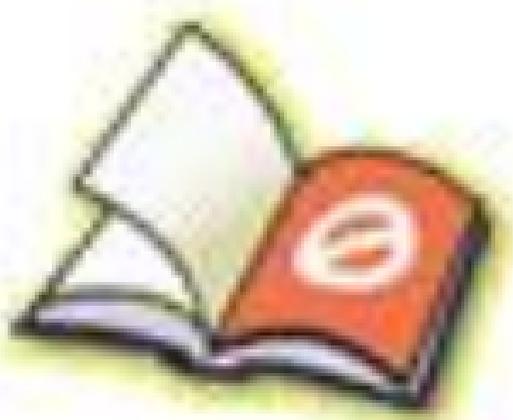
nome 190, 191  
nomo 16–17  
Novo Império  
arquitetura dos templos 231–240  
cidade capital 18  
enfaixamento de corpos 198  
exército 22, 67–77  
pirâmides 283–284  
população do vale do Nilo 19  
reinado de Akhenaton 83–87  
reinado de Ay 91  
reinado de Horemheb 91  
reinado de Merenptah 98  
reinado de Ramsés I 91  
reinado de Ramsés II 92–98  
reinado de Ramsés III 99–100  
reinado de Seti I 90  
reinado de Tutankamón 87–90  
reinado de Tutmés III 80–83  
textos funerários 203–204  
tumbas 259–261  
visão geral 67–77, 79  
Núbia (país)  
pirâmides 284  
povo 122–123, 217

## • O •

obelisco 241–242  
obreiro  
escolha de carreira 40–41  
função 26–27  
Odontologia 168–169  
oráculo 183–184  
Órion (constelação) 309  
Osíris (deus) 174, 175, 181, 197  
Osorkon III (governante) 107  
osso quebrado 165  
Osteoartrite 165  
ostracon 43  
Otaviano (governante) 135–137

## • P •

Pahnesi (líder) 24  
Paury (oficial) 263  
palavras cruzadas 142  
Palestina 64, 81, 91  
Paleta de Narmer (placa) 15, 60



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



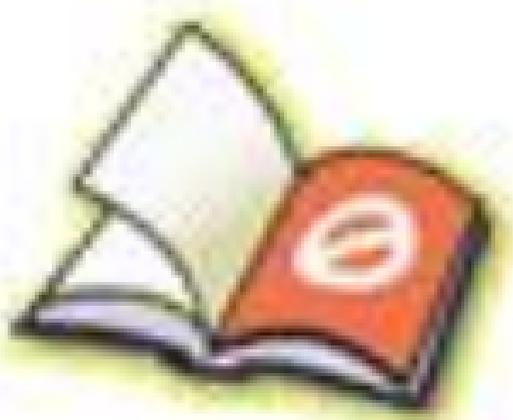
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.